

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

FELIPE COELHO

LINGUAGEM E CONSCIÊNCIA: OUTROS PENSAMENTOS SOBRE A LINGUAGEM A
PARTIR DA ENERGIA ANCESTRAL DAS RETOMADAS INDÍGENAS

PONTA GROSSA

2023

FELIPE COELHO

LINGUAGEM E CONSCIÊNCIA: OUTROS PENSAMENTOS SOBRE A LINGUAGEM A
PARTIR DA ENERGIA ANCESTRAL DAS RETOMADAS INDÍGENAS

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre pela
Universidade Estadual de Ponta Grossa, área de Estudos da
Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dra. Letícia Fraga

PONTA GROSSA

2023

C672

Coelho, Felipe

Linguagem e consciência: outros pensamentos sobre a linguagem a partir da energia ancestral das retomadas indígenas/ Felipe Coelho. Ponta Grossa, 2023.

173 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Fraga.

1. Linguagem. 2. Consciência. 3. Retomadas indígenas. 4. Saltos linguísticos. I. Fraga, Letícia. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. IV.T.

CDD: 808.8

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia Fernandes Bertholino dos Santos-
CRB9/986



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta
Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO

FELIPE COELHO

LINGUAGEM E CONSCIÊNCIA: OUTROS PENSAMENTOS SOBRE A LINGUAGEM A PARTIR DA ENERGIA ANCESTRAL DAS RETOMADAS INDÍGENAS

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em Estudos da Linguagem na
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em Linguagem, Identidade e
Subjetividade.

Ponta Grossa, 27 de abril de 2023.

Prof.^a Dra Leticia Fraga – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. André Marques do Nascimento – Universidade Estadual de Goiás

Prof.^a Dra Ligia Paula Couto – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.^a Eliana Souza Pinto – Universidade Estadual do Ceará



Documento assinado eletronicamente por **Evanir Pavloski, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - Mestrado**, em 09/03/2023, às 15:22, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **André Marques do Nascimento, Usuário Externo**, em 02/05/2023, às 10:57, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Eliana Souza Pinto, Usuário Externo**, em 02/05/2023, às 21:36, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Leticia Fraga, Professor(a)**, em 03/05/2023, às 10:32, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Ligia Paula Couto, Professor(a)**, em 03/05/2023, às 11:21, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **1344012** e o código CRC **A444B352**.

23.000014853-3

1344012v2

Dedico ao povo TACARIJU/CE - PI, a todos os indígenas em retomada, aos encantados, ao planeta, e em especial a todos os indígenas que morreram na luta contra o imperialismo/colonialismo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a todos os encantados, espíritos das matas, dos rios, dos mares, do trovão e dos raios, que nos ensinaram outras maneiras de nos relacionar com a vida e a Terra.

Agradeço a todos os nossos antigos que vieram antes de nós e continuam conosco nos dando força, ajudando nessa jornada da vida.

Agradeço ao meu Povo, a nossa família e ao nosso clã Tacariju por nos dar toda a força e sabedoria possível para a jornada da vida.

Agradeço a minha tia-avó Maria Aldeci e a todas as mulheres do meu povo Tacariju que atravessam minha vida, pois sem elas eu não seria o que sou. Agradeço a vida e os ensinamentos que fizeram eu chegar até aqui.

Agradeço às minhas mães, Ana Célia de Sousa, Regina Telma Coelho e minha bisavó Maria Vieira de Sousa, troncos velhos de sabedoria e força, e em especial a Maria Balbino da Conceição, minha tataravó que foi o primeiro tronco de força da história de retomada do nosso clã Tacariju.

Agradeço a todes que participaram do ciclo e do fluxo dessa pesquisa, a todes que estiveram ligados direta e indiretamente nessa caminhada. E em especial agradeço a Daniele Jucá por me apresentar as pessoas maravilhosas de Moitas, agradeço ao amigo Lucas Viana por ter morado comigo em Moitas e a todo povo de Moitas que me recebeu tão bem.

Agradeço a Dona Ica, indígena e matriarca de Moitas que me ensinou muito sobre a linguagem ancestral do território, do amor e dos espíritos da Terra. Agradeço a Denice, filha de Dona Ica, e a Edvaldo, seu companheiro, que me acolheram em sua casa com tanto carinho. Agradeço a toda sua família que foi de fundamental importância na escrita e nos pensamentos que estão nesta pesquisa.

Agradeço às dunas, ao rio Aracati Açu, às lagoas e ao mar de Moitas que me ensinaram a partir da linguagem ancestral e da energia encantado dos locais sagrados, como se conectar com a ancestralidade e retomar nossas narrativas.

Agradeço à Serra Grande da Ibiapaba, lar dos Tacariju, lar do nosso clã e de nossa família que, com sua gigantesca força e seus poderosos relâmpagos, raios e trovões fazem despertar nosso nome e nos lembram quem é nosso povo.

Agradeço às professoras Letícia Fraga e Ligia Paula Couto, por terem me orientado e, mais do que isso, por terem sido amigas nessa jornada que não foi nada fácil. Agradeço, pois vocês foram fundamentais.

Agradeço à Eliana Souza Pinto, minha companheira de vida que me ajuda em tudo e que tá junto comigo e que eu tanto amo. Sem ela e sem nossas conversas, esta pesquisa não seria possível.

RESUMO

O presente trabalho consiste em trazer outras perspectivas de pensamento sobre a linguagem a partir das práticas e dos pensamentos indígenas de retomadas, principalmente a partir dos povos indígenas do Nordeste. O percurso da pesquisa acontece pelas narrativas e contra-narrativas do campo de pesquisa trazida pelos povos em relação à história e às narrativas oficiais do Estado. A linguagem para os povos indígenas em retomada funciona como ativação de sua ancestralidade e como resistência de seus modos de viver para proteção de seus territórios e suas narrativas. Metodologicamente, iremos propor as retomadas indígenas como método para entender os atravessamentos dos percursos pela linguagem indígena nos sonhos, na oralidade, na memória e com os encantados. A perspectiva final deste trabalho é de tomar posição como referência de pensamento epistemológico na área da linguagem e da linguística aplicada acerca deste tema, ajudando aos povos indígenas a ampliarem o debate sobre linguagem e colonialidade. Ao longo desta dissertação, iremos abordar conceitos acerca da linguagem indígena abordados e vistos na prática do campo da pesquisa. Utilizamos como campo de pesquisa os encontros de linguagem que foram vivenciados na localidade de Moitas/CE, que é distrito de Amontada/CE. Como resultados, entendemos e observamos que a linguagem das retomadas destes povos no Nordeste se articula e acontece por outros espaço-tempo, por outras organizações da consciência e por outras relações com o território. Este movimento nos demonstrou que, mesmo sem possuir a língua materna indígena nos termos em que considera a Linguística ocidental, os povos indígenas do Nordeste continuam a ter conexão com a linguagem do território e dos seus ancestrais, conservando seu modo de vida. Este movimento também nos faz observar que, com o movimento da guerra dos mundos de colonização, o argumento de que o indígena é puro por ter sua língua materna é falacioso. Como há diferentes perspectivas de guerra de colonização, este trabalho analisa essa guerra conceitual e epistemológica a partir da linguagem dos povos indígenas do Nordeste. Por fim, observarmos isto e percebemos que a linguagem ancestral indígena se move por energias de giros e saltos linguísticos de resistência contra a especulação e o avanço do capital sobre os territórios indígenas. Ao final, propomos que este pensamento e prática metodológica sejam levados em consideração cosmopolítica quando formos observar os povos indígenas no Nordeste e não mais levantar o argumento de que, por não possuírem mais a língua materna nos termos da Linguística ocidental, não podem ser considerados indígenas.

Palavras-chave: Linguagem; Consciência; Retomadas indígenas; Saltos linguísticos.

RESUMEN

El presente trabajo consiste en traer al lenguaje otras perspectivas de pensamiento basadas en prácticas y pensamientos indígenas, de retomadas, principalmente de los pueblos indígenas del Nordeste. El curso de la investigación ocurre a través de las narrativas y contra-narrativas del campo de investigación traídas por los pueblos en relación a la historia y a las narrativas oficiales del Estado. El lenguaje para los pueblos indígenas en la retoma funciona como activación de su ancestralidad y como resistencia de sus formas de vida para la protección de sus territorios y sus narrativas. Metodológicamente, propondremos las retomas indígenas como método para comprender los caminos de la lengua indígena en los sueños, la oralidad, la memoria y lo encantado. La perspectiva final de este trabajo es posicionarse como un referente de pensamiento epistemológico en el área del lenguaje y la lingüística aplicada sobre este tema, ayudando a los pueblos indígenas a ampliar el debate sobre lengua y colonialidad. A lo largo de esta disertación abordaremos conceptos sobre la lengua indígena tratados y vistos en la práctica del campo de investigación. Utilizamos como campo de investigación los encuentros de lengua que se vivieron en la localidad de Moitas-CE que es un distrito de Amontada-CE. Como resultado entendimos y observamos que el lenguaje de las reposiciones de estos pueblos en el Nordeste se articula y ocurre en otro espacio-tiempo, a través de otras organizaciones de conciencia y otras relaciones con el territorio. Este movimiento nos mostró que aún sin la lengua materna indígena los pueblos indígenas del Nordeste continúan teniendo una conexión con la lengua del territorio y de sus antepasados, preservando su forma de vida. Este movimiento también nos hace observar que con el movimiento de la guerra de los mundos de colonización, el argumento de que los indígenas puros porque tienen su lengua materna es falaz. Estas son diferentes perspectivas de la guerra de colonización, este trabajo analiza esta guerra conceptual y epistemológica desde la lengua con los pueblos indígenas del Nordeste. Finalmente, observamos esto y nos damos cuenta de que la lengua ancestral indígena se mueve a través de energías de giros lingüísticos y saltos de resistencia contra la especulación y el avance del capital sobre los territorios indígenas. Al final, proponemos que este pensamiento y práctica metodológica sean tomados en cuenta cosmopolíticamente cuando vayamos a observar a los pueblos indígenas del Nordeste y dejemos de levantar el argumento de que porque ya no tienen su lengua materna, no pueden ser considerados indígenas.

Palabras clave: Lengua; Conciencia; Apropriación indígena; Saltos lingüísticos

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – INVASÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: COLONIALISMOS LINGUÍSTICOS E MENTIRAS COLONIAIS	20
1.1 A invenção dos mundos modernos: a invasão da linguagem moderna	20
1.2 Oralidade e escrita: percepções das linguagens indígenas	27
1.3 Registros da forma.....	31
CAPÍTULO 2 – COSMOMETODOLOGIAS DOS MUNDOS INDÍGENAS: AS RETOMADAS COMO METODOLOGIA	43
2.1 Um percurso	43
2.2 Conceito de tecnologias: linguagem ancestral <i>versus</i> tecnologias de invasão	45
2.3 Tecnologias de invasão.....	46
2.4 Linguagens ancestrais.....	48
2.5 Linguagem indígena: conceitos de retomadas.....	50
2.6 Atavismo indígena.....	51
2.7 O conceito de in-formação	56
2.8 Singularidade e sincronicidade	61
2.9 Retomadas: cosmometodologia dos mundos indígenas	69
CAPÍTULO 3 – LINGUAGEM E RETOMADA INDÍGENA	77
3.1 Uma atualização do começo do fim: a lei como linguagem de campo do cárcere.....	78
3.2 A vinda – os sentimentos do campo: percursos e linguagens ancestrais.....	86
3.3 Perspectivas dos sonhos e de curas, linguagens para além da língua invasora	116
3.4 O menino e o rio Aracati Açú.....	130
3.5 Zingar o zingado, fluir em outras dimensões: movimento de linguagens ancestrais	134
3.6 Quebrar a quarta parede: relações e perspectivas indígenas de sentir espaços-tempo	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	163
GLOSSÁRIO CONCEITUAL	166

APRESENTAÇÃO

Meu nome é IARU YÊ TACARIJU.

Meu nome ocidentalizado é Felipe Coelho, mas um dos meus nomes indígenas é Iaru Yê, que foi me dado num sonho por um encantado do povo Kariri. Este nome tem a força da mudança e é dado para aqueles que trazem a força da ponta de lança, de uma flecha grande, para aqueles que a carregam como ponto de mudança e de força na *guerra dos mundos*. Os nomes, para alguns povos indígenas, indicam uma função de vida e a minha é esta. Sou indígena do povo Tacariju, um povo que, antes da invasão europeia no Brasil, em 1500, vivia pela região que hoje é conhecida pelo nome de Serra da Ibiapaba e está no limite entre o Ceará e o Piauí. Meu povo foi chamado pelos tupis e pelos invasores de povo *Tapuya*, que quer dizer em uma tradução livre: “aqueles que não se rendem”. Meu povo tem uma *experiência coletiva* de ser um povo que preza muito por sua autonomia e não faz alianças com mundos que querem subjugar o seu mundo. Nosso povo é um povo matriarcal, então, tem perspectivas e sistemas de pensamento e orientação relacional a partir das grandes mães. Este mundo de pensamento e relação se contrapõe ao modelo único e de patriarcado dos mundos ocidentais que invadiram nossas terras.

No Ceará, o povo Tacariju foi considerado extinto a partir de uma guerra justa iniciada pela invasão colonial onde hoje é o estado do Ceará. O relato da figura de dois padres jesuítas em nosso território em busca de nos catequizar¹ é o único registro oficial a partir do qual o Estado reconhece o nosso povo. Neste relato, os padres insistiram em nos catequizar à força, invadindo nossas aldeias e territórios, impondo violentamente a fé cristã para nos controlar e roubar nossas terras e almas. Meus ancestrais Tacariju, em legítima defesa, mataram a pauladas um dos padres jesuítas, o padre Francisco Pinto. O relato diz que este foi o estopim que fez com que os portugueses declarassem guerra justa de extermínio ao nosso povo. Mas não é verdade: antes da chegada dos padres, no ano de 1603, as bandeiras já haviam invadido, assassinado e escravizado muitos povos indígenas na região da Ibiapaba e, provavelmente, meus ancestrais tapuyas já estávamos esperando uma nova investida dos invasores. Então, por não aceitarem uma nova investida de violência portuguesa, nós resistimos, revidamos os ataques e se instaurou a guerra justa contra nosso povo Tacariju e os outros povos que, assim como o nosso, também resistiam. Após este relato, fomos caçados e assassinados, com o aval da coroa, por séculos e

¹ Ver a relação do Maranhão.

ainda somos até hoje, pois sofremos preconceitos e somos considerados extintos (invisíveis) pelo Estado brasileiro.

Porém, como podemos perceber, criticamente este relato *oficial* não passa de mais uma mentira colonial contada pelos colonizadores para justificar seus interesses nefastos de controlar, roubar e assassinar os povos indígenas. Este é um relato histórico de assassinato que retrata a posição e as formas de pensar e escrever a história. Mas a história colonial que se tornou oficial não é a história dos povos indígenas. Não somos povos coloniais, somos povos de dentro da Terra. O brasileiro, fruto do colonialismo, é um povo colonial. Este texto é uma prova científica de que a história oficial sobre nossos povos indígenas é uma mentira colonial, pois este texto desmente a história oficial de que os Tacariju estão extintos, afirma e confirma a existência e a retomada do povo indígena Tacariju. O povo Tacariju não foi extinto, como vocês podem perceber com a presença e força coletiva neste texto.

Depois dos ataques portugueses, nosso povo migrou. Muitas famílias e clãs se separaram, morreram, silenciaram e se esconderam. Deixamos de falar nossa língua materna, pois essa era uma maneira de nos reconhecer, de nos caçar e matar, por isso perdemos a força da língua materna como estratégia de sobrevivência, pois fomos considerados inimigos da coroa portuguesa. Então, tivemos que sumir do radar da inquisição portuguesa e nossas línguas maternas se calaram externamente, mas internamente, em nosso espírito, nossa linguagem de povo continua. Foi a partir dessas linguagens de povo que minhas avós e os espíritos ancestrais Tacariju acordaram o nome do nosso povo em mim, foi assim que minha bisavó abriu os portais dos mundos para mim, contando suas experiências e as narrativas do povo. Assim, desde a invasão, nosso povo tem resistido até hoje de inúmeras maneiras e minha família e meu clã ainda estão aqui.

A condição do nosso povo, de nosso clã e de nossa família Tacariju foi complicada pela violência colonial. Nosso povo, como tantos outros, foram perdendo seus territórios para o império, para posseiros e, posteriormente, por intermédio de leis, para o *Estado-Mercado*. Assim, o último registro territorial que tenho de nossa família e clã é de uma terra que nos foi cedida para cultivo num sítio entre Carnaubal e Piauí, chamado Sítio Carrasco. Do Sítio Carrasco, onde viviam minha tataravó Maria Balbina da Conceição e nossa família, nosso clã se espalhou pela Serra da Ibiapaba e pelo Ceará. A família Tacariju onde eu nasci é a família da minha Bisavó, Maria Vieira de Sousa, que é filha de Maria Balbina da Conceição. Por inúmeros motivos, um deles foi a busca de um lugar para fincar raiz, uma parte do clã deixou a Serra Grande e migrou para a periferia de Fortaleza. Meus bisavós chegaram a Fortaleza, onde residem hoje, no final dos anos 1960. E até hoje parte do nosso clã e de nossa família vive na

periferia de Fortaleza, no bairro da Bela Vista. Este relato doloroso e triste que estou expondo aqui é o atravessamento e o resultado da guerra dos mundos. Muitas e muitas outras famílias indígenas fizeram o mesmo movimento migratório para as periferias do que hoje são as grandes capitais. As favelas do Brasil são em sua grande maioria ocupadas e compostas por famílias e clãs indígenas que o Estado-Mercado tentou sufocar e exterminar, transformando o indígena em pobre favelado, cunhando conceitos e preconceitos. Mas não somos brasileiros, somos povos originários, povos da Terra, sabemos de onde vêm nossos ancestrais e estamos aqui retomando nossa história.

O povo Tacariju, desde o período da invasão até hoje, é um povo em retomada. Passamos por diferentes maneiras de retomar e resistir nestes 523 anos de guerra. O nome do povo Tacariju foi desperto em mim a partir das linguagens ancestrais nos relatos orais e nas ações de minha bisavó Maria Vieira de Sousa. Foi ela quem acordou o nome do nosso povo em meu espírito e fez dançar junto com os antigos a força e a linguagem do nosso povo em mim.

A partir disto e junto com ela e com todos os nossos antigos, venho buscando e fazendo essa retomada para aprender com eles as nossas formas de se relacionar com a vida e de pensar a existência em coletivo. Assim, podemos entender que a pesquisa feita por um indígena é diferente da feita por um não-indígena, pois a pesquisa não é algo separado da nossa vida, nossa vida não é objeto, nós não a fazemos sozinhos, sempre estamos em coletividade e em atividade. Quando um indivíduo de um povo escreve, ele não escreve só, ele está trazendo toda a força e energia coletiva daquela *experiência coletiva* de seu povo indígena. Portanto, neste texto quem escreve é o povo Tacariju e eu, Iaru Yê, sou o coautor.

A realidade que apresento aqui é uma realidade recorrente de muitas famílias e clãs indígenas. A retomada do povo Tacariju, das linguagens de pertencimento de nosso povo e da posição da nossa família inicia-se, no plano conceitual, comigo, mas como eu lhes disse antes, eu não fui o primeiro e não estou só. As outras mães que resistiram e que vieram antes para que eu pudesse estar aqui também são força de linguagem, energia nessa retomada. Portanto, eu não sou autor desse texto de retomada, sou coautor que, no nosso clã e em nossa família, se iniciou com minha tataravó Maria Balbino da Conceição.

A dissertação atravessou minha vida, é um relato de *experiência coletiva* do meu povo que tem mais de mil gerações que me atravessam. Portanto, estou utilizando esta pesquisa e a academia como instrumento de composição que faz *brotar* mais e mais forças na retomada Tacariju para ajudar a outros povos, clãs e famílias nas favelas e em outros locais pelo país e pelo planeta a pensarem e retomarem sua posição e postura de relação com a vida e com o planeta.

Meu nome é TACARIJU.

INTRODUÇÃO

A introdução deste trabalho dissertativo vai passar por algumas jornadas e caminhos, nos quais irei apresentar algumas justificativas, contar algumas histórias, fazer alguns comentários e propor minha ação e intenção com esta pesquisa. Este trabalho é um emaranhado de ações, pensamentos, vivências e povos, em suas mais diferentes dimensões, conceitos e percepções, afinidades e conexões. A jornada que se encerra nesta dissertação não começou com a pesquisa no início da minha caminhada no mestrado em 2021, ela já vem sendo feita desde o momento que o nome do meu povo foi acordado em mim e que a retomada se tornou explícita em meu modo de relação e de pensamento com o chamado *mundo moderno*. A pesquisa acadêmica, para os ocidentais, é desconectada da vida. São problemas, números e estatísticas que *se iniciam com a pesquisa e terminam com ela*, não se dá a relevância que se deveria dar para a pesquisa. Muitas vezes, a pesquisa acadêmica se resume a uma aquisição de um título e um *status* para a promoção na profissão. Eu não estou dizendo com isso que não podemos melhorar com nossas atividades e em nossas profissões e currículos, mas, hoje, percebo que a população acadêmica em sua grande maioria pensa a pesquisa assim, como um capital cultural.

A pesquisa para nós, indígenas, é sentida e vivenciada de maneira diferente: sentimos a pesquisa como uma extensão da vida, pois pesquisamos nossa vida, aprendemos sobre nossas ciências ancestrais a partir de nossas atividades ancestrais como a oralidade, os sonhos e a memória. Os territórios e os espíritos encantados fazem parte da nossa maneira de pesquisar e da nossa vida, não existe uma separação. A ciência e a pesquisa indígena não são instituições do *Estado-Mercado*. O atravessamento desses modos de pesquisar e de relação com a vida está criando um movimento diferente na ciência moderna como instituição. A forma de pesquisar e fazer ciência indígena entra em choque com as maneiras ocidentais de pesquisar e de fazer ciência, mas também se emaranha com ela e podemos a partir disso criar espaços-tempo de co-vivência. Portanto, os modos de pesquisa indígenas vêm junto com seus mundos. Quando nós entramos nas academias ocidentais isto desencadeia e deixa evidente o conflito entre os modos de pesquisar e de narrar dos diferentes mundos ocidentais e dos diferentes mundos indígenas.

Os atravessamentos conceituais, raciais e cosmológicos que enfrentamos nessa constante guerra são difíceis, a universidade não foi e nem é feita para acolher a diferença, em suas diferentes dimensões de possibilidades, desde seus espaços físicos, até suas diretrizes conceituais que elaboram seus métodos e *corpus* teóricos que serão abordados em seus cursos. E, em relação a nós indígenas, a universidade não foi feita pensando em nossos povos, eles não

imaginaram que, 523 anos depois do início da invasão e da *guerra dos mundos*, ainda estaríamos aqui. Mas nós estamos e estamos invadindo estes espaços-tempo das universidades e das ciências ocidentais, retomando posição conceitual e fisicamente para propor mudanças nesses sistemas de pensamento e de práticas que hoje chamamos de sociedade.

É importante refletirmos aqui, o papel da autoria indígena, como uma forma de ressignificar o sentido de autoria, considerando as diversas nuances desse conceito. Autoria indígena não seria, portanto, a mera identificação de um sujeito indígena que produz escrita, mas acima de tudo, uma marca importante dessa representação indígena numa retomada do seu local de fala. Isso não quer dizer, no entanto, que não haja legitimidade na escrita de autores não indígenas que versam falar sobre as temáticas indígenas, mas que uma escrita indígena representa um novo e importante espaço de enunciação para o indígena e que essa ação está dotada do ato responsivo da voz do coletivo que uma autoria indígena precisa e deve representar. Está claro para nós indígenas, que essa escrita é muito questionada, pois, considerar que os povos subalternizados estejam falando por si mesmos é assumir que o poder hegemônico não tem mais domínio sobre seu pensamento e sua história, isso cria um abismo na relação de dominação destes sujeitos que por um período nebuloso da história foram calados. Portanto, pensar essa escrita, a partir da representação de um coletivo como algo que faz parte de um movimento de resistência que fortalece tais vozes, produz incômodo ao poder hegemônico e seus mecanismos de silenciamento. (PESCA; OLIVEIRA; KAYAPÓ, 2020, p. 188-189)

Assim, este trabalho não é apenas o final de uma pesquisa, ele também é um dos diferentes inícios de retomada conceitual que acontecem pelo planeta, é uma posição de retomada do povo Tacariju e de todos os outros povos com quem tive contato para escrever e cunhar esta perspectiva de pesquisa. A pesquisa indígena vem retomando posição e abrindo caminhos a partir dos diferentes mundos indígenas de pensar a relação com a vida e o planeta. Esta relação pode ser pensada nos diferentes campos de atuação da ciência ocidental, pensamos a partir de nossas cosmovisões e dos nossos espíritos e estamos propondo outras maneiras de pensar a ciência institucionalizada. Dito isto, vou iniciar a introdução deste trabalho contando brevemente como cheguei até aqui ao final desta pesquisa.

a) Ambiente hostil

Minha trajetória acadêmica se deu em um ambiente hostil. Me formei em licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e minha jornada neste curso não foi nada fácil, visto que a academia não acolhe os povos indígenas e muito menos o pensamento da diferença. Sofri racismos e assédios de diferentes ordens, principalmente racismo epistemológico por não eleger um autor europeu ao qual subjugaria meu pensamento. Essa postura me fez ser colocado à margem do curso e isto impactou muito meu aprimoramento e formação como pesquisador, professor e pensador, principalmente no que diz respeito às práticas acadêmicas, por isso, para mim, é muito difícil escrever e me moldar às burocracias e

às formas de poder que a academia impõe. Minha trajetória acadêmica foi solitária no que diz respeito a grupos de estudo e em referências de pensadores indígenas. Não encontrei no curso nenhum professor que trouxesse em seu pensamento algo que sequer mencionasse os povos indígenas, não existia. Com muita teimosia, consegui terminar o curso e porque também eu não ando só. A teimosia continua comigo e é marca em minha trajetória na pesquisa acadêmica, pois entendo que é neste ambiente que devo estar, já que estou incomodando. É neste campo que posso fazer a guerra conceitual que acho necessária para retomarmos histórias, pensamentos e práticas indígenas para uma melhor convivência uns com os outros e com o planeta. E é como professor que me realizo trabalhando a partir destas perspectivas com parentes e com não-indígenas. Portanto, minha trajetória de vida é coletiva e esta pesquisa também e isto proporciona, em diferentes campos de atuação da profissão, as retomadas emocionais, psicológicas e dos métodos ancestrais, através das interfaces desse trabalho dissertativo.

A trajetória no mestrado até aqui foi menos hostil do que na graduação, pois me encontrei com pessoas que me ajudaram e com um programa que me possibilitou mais liberdade de ação. Fazer o jogo acadêmico na pesquisa ocidental não é fácil, principalmente quando temos que lidar com todo um sistema burocrático, racista, que nos testa e nos leva até o limite mental, tentando a todo custo nos fazer desistir de continuar, pois não somos bem-vindos na universidade. Mesmo passando por um mestrado mais tranquilo que a graduação ainda ouvi muitas vezes palavras me desencorajando, sugerindo não continuar, mas eu sou teimoso e se cheguei até aqui, não foi só. E vou continuar, pois junto comigo vêm mais de mil gerações. O povo Tacariju está comigo.

b) Como pensei a pesquisa?

Esta pesquisa e este trabalho dissertativo já estavam sendo pensados e intencionados faz muito tempo antes da pandemia, pois ele não é um problema que eu pensei para o mestrado. Foi o contrário: eu usei o mestrado para pensar as problemáticas que alguns povos indígenas de periferia, em retomada e desaldeados do Nordeste brasileiro, enfrentam. Portanto, se eu não estivesse no mestrado, a pesquisa estaria sendo feita do mesmo jeito, talvez mais lentamente, mas estaria em caminho. Nós, indígenas, não necessitamos da ciência institucional para pensar e praticar nossos pensamentos e ciências na vida. É a ciência institucional ocidental que precisa dos indígenas para se tornar realmente coletiva.

O campo da pesquisa não tinha sido escolhido, mas eu sabia que ele se apresentaria pela intuição e pelas conexões que o campo das retomadas possibilita. As retomadas são campos de conexões com a vida ancestral de um povo e depois que você acessa esses campos emaranhados

e acorda o nome de seu povo em seu espírito coletivo, as conexões e intuições começam a acontecer com mais frequência e não param mais, é para o resto da vida, pois por toda vida nós estamos retomando, aprendendo e ensinando. O recorte para esta pesquisa seria pensar como as linguagens indígenas transcendem o uso da língua materna, como isso acontece para um povo e como, a partir disso, é dado o impulso às retomadas. Como essa linguagem ancestral explode e acorda o nome do povo?

A base conceitual para este trabalho foi utilizar algumas nomenclaturas da ciência moderna da física e da biologia e transpassá-las com pensamento e linguagem ancestral que vem do nosso povo Tacariju e das *experiências coletivas*. As nomenclaturas e conceitos da física e da biologia utilizados aqui são perspectivas de pensamento que estou criando, não são utilizações das teorias já existentes. Estou ampliando o campo de atuação desses conceitos e os levando para a linguagem. Não existe qualquer pretensão neste trabalho de adentrar no campo da física e da biologia, mas a partir de algumas nomenclaturas, ampliar o campo do pensamento da linguagem. Para isto, estou transpassando estes conceitos junto às sabedorias, linguagens e ciências do nosso clã e dos outros povos com quem tive contato para a feitura desta pesquisa.

No decorrer da minha vida, fui entendendo na prática como a linguagem energia trazida por minha bisavó nos compõe como Tacariju e este aprendizado e vivência foi e é meu primeiro campo de pesquisa. No período de pesquisa do mestrado, pude ter conexão com outros campos de entendimento dessas forças da linguagem de outros povos e de outros locais encantados na prática. Não é só através da língua materna que os povos indígenas se comunicam com a Terra e com seus ancestrais, mas também por essa linguagem ancestral que é energia na memória, na oralidade, nos sonhos e nos modos de viver e se relacionar com a vida e a morte de cada povo.

O segundo campo de atuação que compõe a pesquisa foi um campo em que vivi com outro povo, num outro tempo e território, com outras sabedorias e narrativas, outra cosmopercepção que também não se transmite só pela língua materna. Não quis me limitar só ao nosso clã Tacariju, pois quis trazer outras perspectivas e deixar este estudo e pesquisa diferente. O segundo campo que me escolheu foi Moitas-CE, localizado no litoral oeste do Ceará, distrito de Amontada-CE. O encontro com Moitas e o povo de lá aconteceu totalmente pelo campo da intuição, outro importante acesso ao método utilizado nas retomadas. Em minhas andanças pela vida e a partir das minhas posições como Tacariju e nas andanças pelas retomadas conheci algumas pessoas, uma das quais Daniele Jucá que, a partir do assunto das retomadas indígenas no Nordeste, me convidou para conhecer Moitas. Foi então que chegando pela primeira vez lá, eu senti intuitivamente a energia do lugar e que ali seria um dos campos que a pesquisa iria transpassar.

c) Qual a proposta de pesquisa?

Irei didaticamente separar as propostas deste trabalho, mas elas não estão separadas por ordem de importância ou hierarquia, estou utilizando este recurso para o melhor entendimento do leitor para situá-lo em uma linha do tempo didática.

A proposta da pesquisa, como já foi dito, é inicialmente abrir campos e portais na pesquisa em linguagem, trazer outros olhares e experiências coletivas para agir e pensar a experiência da linguagem com os diferentes campos de atuação da vida e assim trazer a importância de se preservar e retomar as línguas indígenas, mas de também perceber que existem outras maneiras de acessar a linguagem de um povo, mesmo que este não tenha mais sua língua materna que foi retirada deles pela constante violência imperialista/colonial. Neste trabalho dissertativo, estou propondo outra perspectiva para pensar e agir na linguagem. Pensar e agir a partir de uma linguagem de campos, uma linguagem energia, uma linguagem ancestral dos povos e territórios indígenas. A linguagem pode ser pensada e sentida por outras relações com a vida e com os seres que habitam o planeta, não existe só uma única maneira de estudar e pensar a linguagem. É a partir desta perspectiva que apresento nesta pesquisa alguns pensamentos e relatos dos povos indígenas sobre o campo da linguagem. Pensar a linguagem a partir de outros mundos é admitir que estamos em constante conexão com outros planos e dimensões de manifestação da vida. A física moderna já admite estes campos a partir de sua linguagem científica e aqui vou trazer algumas dessas linguagens para aproximar o entendimento do leitor sobre o pensamento que estou envolvendo. Abordo a perspectiva a partir da linguagem como energia e pude perceber que nossos povos indígenas manipulam as linguagens como energias, ou seja, como movimentos, movimentos entre mundos e fazem disso sua relação de fluxo com os territórios, os diferentes planos de cada povo e o planeta. Esta relação foi e é cultivada pelos nossos ancestrais por gerações e aqui estou retomando estas conexões e propondo uma nova perspectiva de ação na linguagem.

Portanto, a proposta científica inicial deste texto dissertativo é sentir a linguagem ancestral como energia de conexão e de retomadas indígenas e, a partir disto, criar outras relações uns com os outros, conectar relações entre mundos. Os mundos indígenas vivem essa conexão com a Terra desde há muito tempo, até o homem branco invadir e desequilibrar essa relação a partir da destruição da própria terra, do *desejo de consumo* e do extermínio dos povos originários. A *guerra dos mundos* é uma guerra entre a linguagem da ganância e do *desejo de consumo* do capital contra a linguagem de conexão e da relação entre mundos dos indígenas. Admitir que existem outras maneiras de pensar, agir, medir e conectar a linguagem é um passo para que possamos ampliar os conhecimentos do que é ciência, que permite conectar a ciência

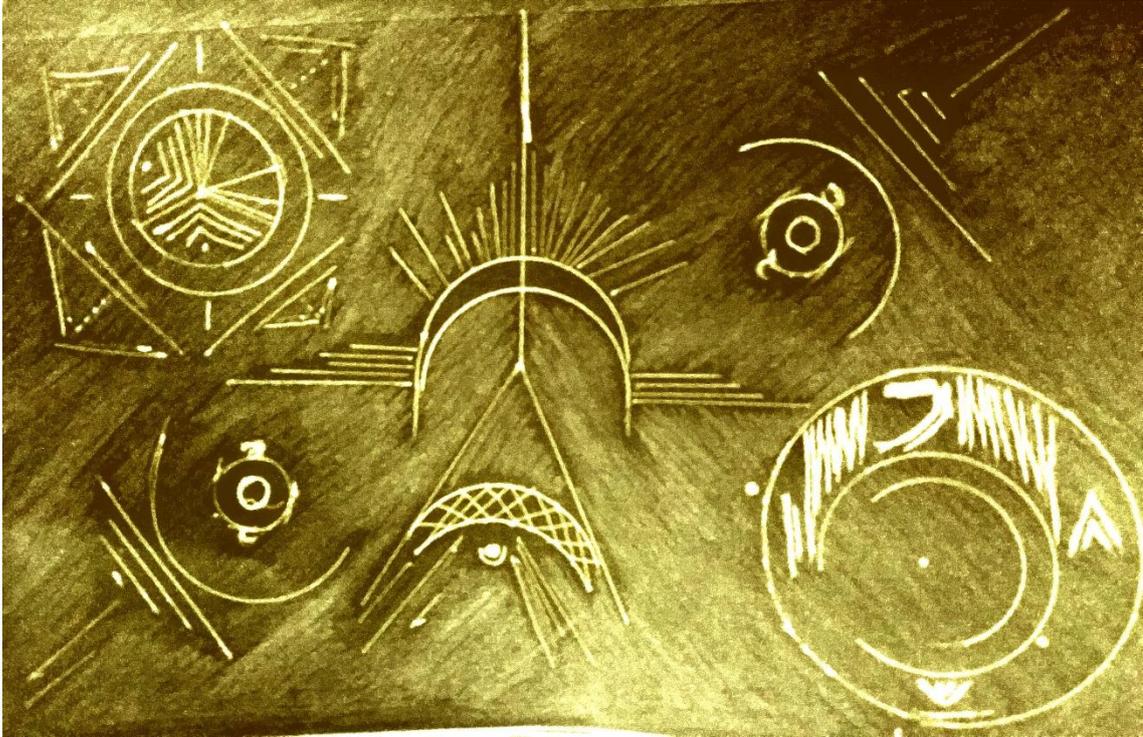
ocidental com as ciências indígenas em busca de uma conexão relacional para um bem viver uns com os outros e com o planeta ou, do contrário, iremos destruir nosso lar.

A proposta deste trabalho é ser referência para esta nova forma de pesquisar linguagem a partir das conexões, relações e linguagens-energias indígenas. Esta é a proposta epistemológica da pesquisa. Outra proposta desta pesquisa é que ela seja referência para as retomadas de outros povos, para que outros povos possam utilizar este trabalho como referência dentro da academia e fora dela para retomar suas línguas maternas e para que os parentes possam se sentir mais à vontade e situarem seu pensamento e prática sem ter que ficar se reportando a autores e autoras não-indígenas. A proposta desta pesquisa é que ela seja uma retomada conceitual da linguagem a partir dos pensamentos indígenas, a proposta é abrir campos de pensamento sobre a escrita e sobre a ciência indígena, mas que estes campos não caiam na mesma problemática de serem genéricos e, sim, sejam saltos conceituais, *in-pulsos* ancestrais para que outros parentes e povos possam despertar e acordar seus nomes, fazer suas retomadas e avançar contra o colonialismo na *guerra dos mundos*.

Esta pesquisa é uma invocação dos nomes dos indígenas e dos povos que foram assassinados pela colonização e pela história ocidental. Acordar seus nomes é retomar sua força, retomar sua força é movimentar novos saltos, saltar e retomar o encantamento pela vida.

CAPÍTULO 1 – INVASÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: COLONIALISMOS LINGUÍSTICOS E MENTIRAS COLONIAIS

Figura 1 - Cocar Solar: abrindo os trabalhos



Fonte: O autor.

1.1 A invenção dos mundos modernos: a invasão da linguagem moderna

Neste capítulo, iremos investigar e abordar como se deu a invasão dos não-indígenas europeus não apenas pelo viés literal e territorial, mas sobretudo abordaremos a invasão pelo *plano cosmológico da linguagem*. Um dos objetivos centrais deste trabalho é apresentar outras perspectivas de pensar, sentir e agir com e na linguagem, trazer possibilidades a partir das perspectivas de pensamentos e linguagens dos povos indígenas. Especificamente, iremos apresentar e investigar como as linguagens de *campo* ancestral compõem as experiências de *singularidade* dos povos ancestrais no Ceará e mesmo não possuindo mais suas línguas maternas, na perspectiva da linguística ocidental, estes povos mantêm sua postura indígena. Iremos também investigar como os *in-pulsos*² vitais que atravessam as linguagens indígenas,

² Conceito que estou criando para articular e conectar a linguagem encantada ancestral dos povos indígenas com a percepção e o sentimento de aqui-agora, apresentando isto como uma percepção de afinidades de mundos a partir dos campos energéticos das linguagens. Os IN-pulsos são pulsos que retomam e *iniciam* os movimentos, transfigurando isso em linguagens a partir das relações internas de cada povo com a Terra. São os in-pulsos que pulsam energia a linguagem e *iniciam* os saltos linguísticos que conectam os ancestrais indígenas com os povos de hoje. Irei explicar melhor este conceito mais à frente.

agem para além das línguas e transpassam singulares conexões que fazem *brotar as retomadas* e as resistências dos povos indígenas dessa região.

A região onde hoje se localiza o chamado Nordeste brasileiro foi o primeiro local de invasão pelos mundos colonizadores europeus. Quando os invasores aqui chegaram, a invasão não se deu apenas de forma física e territorial, mas também aconteceu e acontece no plano cosmológico que atravessa o cotidiano e as relações de vida e viver. Todo povo arrasta consigo um mundo; a língua de um povo é uma assinatura ancestral, mas a linguagem é um *campo* ancestral cosmológico, que age para além da língua e se manifesta por diferentes forças: pela oralidade, pelos sonhos, pela *encantaria* e pela memória de conexão com a linguagem da Terra. Para nossos povos originários indígenas, a língua mãe é uma conexão com o passado-presente e futuro, ela transpassa espaço-tempo, ela é vida, viva e se move como um sujeito independente do falante. As línguas se movem no visível e no invisível, são manifestações da comunicação. Já as linguagens ancestrais acontecem para além da língua, são conexões entre povos, são *códigos-fontes* das relações com os *campos*, são configurações de *in-formação*³ de como viver com a Terra.

O *Estado-Mercado* não tem conexão com os *campos* do universo, ele não tem um povo, ele é a criação artificial da ideologia de destruição, do lucro, do consumo, um *código-fonte* mercadoria que gerência a morte dos indivíduos. Ele não arrasta consigo um mundo, ele é a destruição de todos os outros mundos e do planeta.

As linguagens ancestrais indígenas nos compõem como povos intergalácticos conectados à Terra e não só à Terra, mas à galáxia em que habitamos. A língua é um campo singular de cada povo, a linguagem é um componente comum ao cosmos. Nossos povos são *singularidades coletivas indígenas* em que nossas línguas indígenas são as mães da comunicação de mundo e os *campos de linguagens ancestrais* são as conexões de cada povo com as fontes de *in-formação* cósmica.

As linguagens são *campos* que acontecem junto ao planeta, mas conectam-se a cada povo e são independentes da língua. A língua pode até ser assassinada por violência colonial, mas os *campos de linguagem* não, eles permanecem. A língua vive na *singularidade coletiva*. A linguagem ancestral existe por todo *campo* cósmico na *encantaria*⁴. A língua, para nós,

³ Conceito que trago do livro “A ciência e o campo Akashico” para pensar a conexão das linguagens ancestrais não-locais como uma formação intrínseca à relação “interna” dos povos indígenas com o planeta e o cosmos, possibilitando, assim, as minhas reflexões sobre o assunto, fazendo as devidas atualizações do conceito para o contexto que investigo em questão.

⁴ Encantaria é o conceito que nós, povos indígenas, utilizamos para denominar os seres e outros povos indígenas de outros planos e dimensões. Os encantados e a encantaria são outras perspectivas de vida e de relação com a vida e com o cosmos. A encantaria faz parte dos mundos indígenas, os povos indígenas são povos de múltiplos

indígenas, cria seu próprio espaço-tempo de *singularidade* na relação com cada povo. Ela existe dentro dos *campos singulares das linguagens ancestrais*, manifestando-se no cotidiano, conectando as possibilidades de comunicação e passagem de relação de um povo. Esta língua é criada a partir dos *campos de linguagens ancestrais*. A *in-formação* como *linguagem de campo* transforma a vida e compõe um povo. A língua manifesta essa composição, mas, na ausência da língua, a linguagem do povo continua a existir e é a partir desse *campo da linguagem* que os povos indígenas fazem sua *retomada*. Assim, os conceitos de língua, linguagens, oralidade, memória, sonhos, povo e vida estão entrelaçados, *emaranhados aos encantos, encantarias*. Portanto, os acessos a outros mundos tornam-se possíveis. O impossível é invenção ocidental moderna, ele foi trazido com as caravelas.

A partir das invasões europeias aos mundos indígenas, as línguas maternas indígenas foram invadidas em suas *singularidades* de espaços-tempo, modificadas, destruídas e muitas assassinadas. A destruição cosmológica não atingiu só nossos corpos e territórios, mas todos os nossos modos de vida e *experiências coletivas* de relação com os espaços-tempo singulares de cada povo. As línguas maternas são as muitas mães indígenas que foram e ainda são assassinadas pelo Brasil. Mas nós, indígenas, não temos só uma mãe, somos filhos de todo o planeta e da galáxia. Sempre que acessamos o *campo da linguagem ancestral*, *brotamos*.

Há três principais elementos dos aldeamentos missionários que, nessa perspectiva, são importantes para compreender a violência implantada com o intuito de transformar os povos originários em pobres sem-terra: as cercas, que demarcam uma nova experiência espacial, o espaço agora é limitado e tem dono; o sino, que demarca uma nova experiência temporal, o tempo agora é condicionado a um estímulo ligado ao templo, ou seja, o tempo cotidiano é regido pelo tempo espiritual da Igreja; e o pelourinho, que marca o corpo e a alma em forma de violência e culpa, a punição física e psicológica do pecado. As missões jesuíticas funcionavam no expresse controle contínuo espaço-tempo-violência-culpa (TAKARIJU, 2021, p. 35-36)

No Nordeste, o assassinato das línguas indígenas, inicialmente neste contexto dos aldeamentos missionários, que se manifesta até os dias atuais, aconteceu de maneira intensa e feroz. Como foi local de primeira invasão, a *guerra cosmológica dos mundos* começou em 1500 em algumas regiões e se estende até hoje. Estamos em guerra faz 523 anos. Assim, a maioria das diferentes línguas indígenas dos povos que habitam a região Nordeste sofreram ataques e retaliações, sobrando alguns fragmentos, topônimos, restando um único povo que conseguiu preservar sua língua mãe, que é o povo Fulni-ô, no Pernambuco.

mundos, estamos sempre nos *limites* dos mundos, conectando-nos com eles. Isso é *co-vivência*. A encantaria é o nível de troca entre os campos linguísticos ancestrais, em que povos indígenas de diferentes planos, horizontes de eventos e dimensões se encontram.

Então, partindo do contexto e da perspectiva de que ainda estamos em guerra, de que a *guerra dos mundos* não findou, podemos perceber que alguns conceitos de língua e linguagem podem e foram utilizados como instrumentos de controle psicológico, social, simbólico, espiritual e cosmológico. Os conceitos de língua e linguagem foram operados e configurados para sistemas de signos e significações racionais separadas do *campo* de ancestralidade viva. Para Saussure, “Pode acontecer que, primeiramente, a língua de uma nova população se venha superpor à da população indígena.” (SAUSSURE, 2008, p. 224.).

Esses conceitos foram implantados criando outras relações com a língua e a linguagem, separando-as da vida. A língua foi e é utilizada como instrumentos de poder pelos invasores na *guerra dos mundos*, a linguagem invasora instituiu um *campo* de poder simbólico, social, jurídico e intelectual, legitimando esse poder nas instituições, configurando uma relação apenas dualista de poder e pensamento que se tornou *natural*. O *código-fonte* de invasão europeu colonial se efetiva também pela língua e linguagem. A linguagem e a língua foram utilizadas pelos invasores e são utilizadas até hoje pelos seus descendentes *neocolonos* como arma que impõem verticalidades hierárquicas nas relações, criando um sistema referencial dualista língua/linguagem. Ou seja, tudo que é diferente da norma de relação língua/linguagem instituída pelos ocidentais será classificada como *falsa, inferior* e primitiva. A relação que os invasores implantaram para se referenciar no sistema língua/linguagem tem como único *código-fonte* de funcionamento a dualidade oficial/não-oficial, que legitima as narrativas do consumismo. O *Estado-Mercado* funciona a partir de um *código-fonte* de *desejo de consumo*.

A configuração do *Estado-Mercado* é uma linguagem de implantação, transição e atualização do *desejo de consumo* nos mundos indígenas. Hoje, a linguagem do *mundo moderno* tem como maior referencial o mercado e, como objetivo, o consumo. O capital é um monstro que se atualiza. Esse referencial de consumo é fator crucial para a normatização da língua como arma oficial de ataque cosmológico. A configuração do *código-fonte* que dá funcionamento ao *Estado-Mercado* tem seu código expresso e disseminado através da linguagem no cotidiano, na educação, na imprensa, nas leis, nas mercadorias, nos nacionalismos e no pensamento de Estado.

Na *guerra dos mundos* é necessário que os invasores destruam as línguas maternas dos povos indígenas, é indispensável substituir a linguagem no cotidiano, a relação com o território e com a Terra. Essas são fases da colonização que se atualizam até hoje. Até hoje, as línguas indígenas que ainda vivem estão ameaçadas de extinção pelo *Estado-Mercado* e seus avanços coloniais. O movimento de criação e permanência do *Estado-Mercado* é sua atualização e ele é sempre violento para as diferenças indígenas, que são contrárias à sua fonte. As atualizações

do *código-fonte* do consumo no modo de produção de morte capitalista é a morte de outros mundos e a destruição do planeta.

O movimento de consolidação das experiências e dos conceitos de *Estados-Mercado* na Europa foram estopim e aceleraram a destruição dos mundos indígenas. Os *códigos-fontes* que expressam as formas de se relacionar em sociabilidade do *Estado-Mercado* como, por exemplo, de identidade nacional, são signos, símbolos e significantes que representam para nós, indígenas, a destruição dos nossos mundos. Isso se manifesta no código dual língua/linguagem. Isso cria um bloco conceitual língua/linguagem, que vai se encorpando no cotidiano e na relação com os sujeitos no *Estado-Mercado-brasileiro*. Esse movimento cosmológico, regido pelo *código-fonte* colonizador, se atualiza de acordo com o mercado e vai criando a atmosfera artificial propícia para que se firme, posteriormente, no imaginário dos indivíduos os conceitos mais caros ao *Estado-Mercado* brasileiro. O consumidor e o brasileiro possuem a mesma identificação.

A relação linguagem/língua dos invasores rege, através de suas formas de relação, o sujeito consumidor. As configurações geopolíticas que aconteciam na Europa nos primórdios do que eles chamam de *modernidade* aglutinaram os conceitos de Estado e Nação numa só *unidade* nacional e, até hoje, estas ideias de nação só existem nos planos metafísicos dos *mundos modernos*, pois o que importa ao Estado nunca foi a nação, mas sempre o Mercado. Por isso, nessa atualização, penso o Estado como a maior mercadoria do *mundo moderno*, *Mercado-Estado-Mercado*, por isso *Estado-Mercado*. Nos planos práticos, os mundos *modernos* são neocoloniais. Um *Estado-mercado* é virtualidade atualizada pelos signos da nação que, em escala global, é o mercado do consumo do planeta. O *Estado-Mercado* é um plano de desencantamento da Terra criado pelos mundos invasores europeus para justificar, em nome do *moderno* e do *progresso*, o consumo e a destruição da Terra e dos povos indígenas.

[...] a língua é o único fator de identidade, nem que se pode ter como exclusividade dela a inspiração de Pessoa, quando escreveu que – a minha Pátria, é a língua portuguesa. (MOREIRA, 2012, p. 231-237.)

A língua não é o único fator que alimenta os patriotismos e as identidades nacionais, existem outras conexões que atravessam a língua; é o que eu chamo aqui de *linguagens coloniais*. As linguagens apresentam-se de diferentes maneiras quando são colapsadas em alguma instrumentalidade de ação com a vida. Elas atravessam a vida e compõem os mundos e seus cotidianos e modos de viver. A língua pode ser utilizada como instrumentalidade e

perpetuação colonial e em países colonialistas como o Brasil a língua e a linguagem são utilizadas como ação de mercado e guerra.

Assim, lembramos o fato de a Europa ter uma grande influência da igreja católica na forma de colonizar e invadir mundos pela língua e linguagem. E lembrando o fato da colonização, no sentido da implantação dos *códigos-fonte* da civilização ocidental, ter começado pelos padres jesuítas, observamos que esse padrão de invasão linguística continua a se atualizar a partir do mercado e do consumo. As linguagens *modernas falam* um único *código-fonte*, uma única *língua*: o consumo.

Para os que entendem que os valores cristãos estão na base da identidade da Europa, não pode deixar de lembrar-se que a Igreja Católica adotou uma língua para ser usada na pregação a todos os povos, que foi o latim.

[...] motivos religiosos podem acompanhar a identidade nacional, e o nacionalismo no sentido da conquista e conservação da independência, para depois adotar eventualmente um projeto de expansão (MOREIRA, 2012, p. 231-237.)

Para muitos pensadores europeus, o período descrito como *modernidade*, na minha perspectiva indígena de observar e sentir, tem como característica gritante o pensamento do consumo que, por sua vez, é simulado e justificado pelo *progresso*, exploração e unificação. A norma, a generalização, as identidades nacionais e a língua única são *códigos-fonte*; todos fazem parte do controle e do funcionamento do progresso do *Estado-Mercado*. Assim, a vida no *Estado-Mercado* não exige mais encantamento, ela é só produção de excedente que esgota tudo e cria desencanto e morte e a língua torna-se instrumento de transação de mercado e contínuo controle.

As fronteiras e os limites que a *guerra dos mundos* impõe em termos de interação com a linguagem foram elementos fundamentais para a imposição referencial da identidade nacional. A história social oficial, as memórias nacionais oficiais, as configurações dos sonhos nacionais povoados pelos heróis nacionais, tudo é configurado em narrativas a partir do *código-fonte* colonizador de referencial-consumo. O bloco língua/linguagem no *Estado-Mercado* se relaciona com a produção de consumo. A mestiçagem na linguagem, ou seja, as misturas entre os mundos invadidos e os mundos invasores, ganham força e se configuram em técnicas cosmológicas de invasão europeia. A linguagem colonial é utilizada para criar simulacros de mundos, limbos, buracos, culpas, exploração de *Zonas aliens* de destruição cosmológica que levam lucro e riqueza para a Europa e deixam guerra e destruição para nós, indígenas.

O *mundialismo* europeu e seus estados nacionais de *filiações bastardas* são pragas coloniais que destroem as *singularidades* de diferentes mundos indígenas.

[...] a identidade nacional não se apoia apenas na língua, também na história, na ascendência, nos feitos que o povo inscreve no património da Humanidade, destina-se a tornar claro o fato de que a mestiçagem, que tanto anda sempre ligada à expansão portuguesa e ao mundialismo que inaugurou, também afetou a língua (MOREIRA, 2012, p. 231-237)

o “mundialismo” tende para exprimir mais uma espécie de consumismo, de maneira de vestir, de comer, de ganhar a vida, de hábitos e costumes, que a comunicação articula. O mesmo é dizer que essa comunicação por vezes imponha uma língua, até individualize grupos que se aproximam de uma solidariedade ideológica, fazendo eventualmente nascer centros de poder também nesta área. (MOREIRA, 2012, p. 231-237)

A *mundialização* única que o pensamento moderno europeu impõe aos outros mundos é atualização do movimento colonial. Os mundos indígenas que estão em guerra contra o sistema colonial resistem em todas as vertentes desde o início da *guerra dos mundos* com a invasão europeia. Os povos indígenas originários do Nordeste sofreram e sofrem a força de aniquilação imposta pelo movimento de unificação da língua e da linguagem. A vigente atualização da forma de se comunicar é regida pelo mercado e pelo *desejo de consumo*; se antes a língua portuguesa queria se impor para legitimar um *Estado-Mercado* e um *progresso* justificando a chegada da modernidade, hoje os signos operadores do sistema de produção capitalista impõem uma língua e linguagem únicas de mercado que centralizam o poder no *desejo de consumo*. Nos mundos modernos, as línguas e linguagens estão subordinadas em seu fim *útil* ao consumo.

As línguas e as linguagens que vieram da Europa servindo como tecnologia de invasão hoje encarnam em controle e violência institucionalizada servindo como tecnologia de consumo e destruição dos povos e da Terra. A operalidade do *desejo de consumo*, pelo sistema do capital, atualiza a *guerra dos mundos*. O *desejo de consumo* invade a alma e desencanta a vida.

[...] este globalismo sem centro, este consumismo uniformizador, estas explosões de modernidades culturais, ao mesmo tempo que desatualizam ou anarquizam conceitos seculares como soberania absoluta, fronteiras geográficas, funções do Estado, igualmente fazem reanimar especificidades que respondem com afirmações regionalistas de separação, como acontece em Espanha, na Bélgica, na Inglaterra, ou especificidades de regionalismos integradores como se passa no continente americano, na Ásia, e na Europa de opções indecisas, mas que serve a todos de modelo. (MOREIRA, 2012, p. 231-237)

1.2 Oralidade e escrita: percepções das linguagens indígenas

Oralidade e escrita são algumas manifestações da linguagem e, para nossos povos originários, essas manifestações nunca foram opostas e nem as únicas, são apenas diferentes. Elas agem e acessam portais de comunicação e *in-formação* diferentes.

A oralidade é manifestação viva das energias sentidas no campo ancestral dos territórios sagrados, nas transpassagens da memória ancestral, nas transpassagens relacionais de ritmo com os espaços-tempo de *singularidade* de cada povo. A escrita, exposta muitas vezes nos grafismos, são acessos a portais e frequências de *in-formação* e comunicação com outros planos. As relações, configurações e conexões que nossos povos cultivam com a linguagem ancestral são singulares e não se encerram em si mesmas, elas extrapolam o espaço-tempo dos próprios povos, se for necessário, para que elas sejam in-formadas às próximas gerações. Assim, acontece a conexão que faz *brotar as retomadas*.

No processo de invasão dos povos europeus aos territórios indígenas, a invasão linguística foi se tornando crucial para se forjar o conceito de Brasil. Os conceitos de língua/linguagem que vieram da Europa não funcionam só como signos que exprimem uma língua específica, mas também símbolos e significantes que ditam o *código-fonte* único do *Estado-Mercado* e como uma sociedade deve se comportar no espaço-tempo. A concepção de *Estado-Mercado* traz uma nova função ao conceito de nacionalidade fortemente vinculada à questão linguística. Fortalecer a língua e a linguagem de um Estado é cunhar uma identidade nacional e criar uma falsa identificação com o mercado e o consumo.

Os povos invasores se relacionam de forma bem diferente com a oralidade e a escrita. Eles condicionaram a escrita ao conceito de *oficial*, colocando a oralidade num lugar de inferioridade em relação à escrita. O condicionamento e configuração da escrita como código oficial da colonização e invasão foi estratégico para legitimar o poder institucional do Estado português perante seus pares na Europa e instituir leis de invasão, oficializando a violência linguística praticada contra nossos povos originários.

[...] a língua que chega à condição de “língua nacional”, geralmente é a utilizada pela administração do Estado embora nem sempre seja utilizada pela maioria da população. A língua que é tornada “língua nacional” acaba simbolizando um forte elemento de coesão nacional. (CONCEIÇÃO, 2008, p. 2)

As identidades nacionais configuram-se através do conceito de variação de um conceito de identidade que está conectada aos ideais de humano, homem e cidadão. A essência da

identidade impõe uma única forma oficial de se relacionar, a forma humana, cidadã, civilizada. O cidadão é, antes de tudo, um humano. Mas o humano é, hoje, antes de tudo, consumidor.

Essa essência vai sofrendo variações criadas a partir de cada *Estado-Mercado*. Assim, a nacionalidade é pautada pela diversidade que vem da essência humana. Essa essência é regida por um ritmo e um *código-fonte* de relação com a vida, que é o ritmo da exploração e do *desejo de consumo*. Dessa forma, são diversas as manifestações de identidades nacionais dentro dos diversos *Estados-Mercado*, mas a *essência* não sofre nenhuma mudança de natureza. Este esquema conceitual se atualiza na violência de exploração, na normatização e destruição daquilo que é diferente e no *desejo de consumo*, que destrói a Terra e transforma tudo em bens de consumo e lixo.

A oficialização de uma língua nacional propõe uma institucionalização de um *código-fonte* de ritmo para as relações. A ativação desse *código-fonte* vai provocando a institucionalização desse ritmo que vai moldando as instituições e criando as leis; esse processo vai ganhando força de *naturalidade*, passa a ser chamado de *progresso* e seu caráter invasor não é mais questionado. É por isso que, por exemplo, vemos em muitos livros didáticos que a língua portuguesa é nossa *língua mãe* e não uma língua invasora, que chegou com as caravelas. Este processo também acontece com a oficialização e institucionalização da escrita em relação à oralidade, sendo colocada como superior, oficial e mais confiável que a oralidade. A escrita é instituída e oficializada como *status* e *locus* de poder estatal e de mercado e isso torna-se lei e natural. A língua nacional e a escrita ganham representação e força de oficiais e, juntamente, força de aniquilação e legitimação de um genocídio linguístico das diferentes linguagens e línguas indígenas.

A imposição e a implantação de um ritmo dualista, que se expressa em relação à escrita e oralidade, polarizam e hierarquizam as relações conceituais de uma com a outra. A dualidade se expande como ondas em *campos* de ação de linguagem, criando relações sociais instituídas a partir de controles hierárquicos de verticalizações. As verticalizações sociais incidem e se expandem em polarizações epistemológicas, amparadas por leis e projetos de ação efetiva na educação. Assim, a educação é utilizada para disseminar o caráter dual abarcando a escrita e a oralidade, traduzindo essa relação a partir da hierarquização colocando sempre a escrita acima da oralidade. A questão linguística produzida pelo pensamento moderno acerca das relações de vida e dos modos de operar na linguagem através de uma língua nacional, cria a falsa impressão de naturalidade e a institui como verdade, apontando para uma falsa representação e percepção de que o Brasil é um país monolíngue, homogêneo e que o português é a nossa *língua mãe*.

A força de atração do movimento que institui o ritmo da linguagem nacional é grave no sentido da destruição. Esse ritmo *nacional* da linguagem destrói e marginaliza outras maneiras de se relacionar ritmicamente com as linguagens na vida e impõe um único *código-fonte* de relação e pensamento como único fluxo da linguagem. As línguas e linguagens indígenas que se expressam e se expandem pelos *campos* ancestrais dos sonhos e das memórias, ampliando e transpassando as formas de comunicação, movimentam *in-formações* que rasgam os espaços-tempo, alcançando, atingindo e atravessando outros planos e gerações em velocidades conceituais. As linguagens indígenas movem-se pelos *campos* ancestrais e são percebidas não apenas por uma racionalidade simbólica do inconsciente, mas por sentimentos relacionais de conexão com os *campos* da Terra em comunhão com os *campos* ancestrais de linguagens de cada povo. Assim, as noções e experimentações dos povos indígenas com as linguagens que compõem seus mundos são diferentes da relação de ritmo e linguagens impostos pelos *Estados-Mercados* modernos.

Dessa maneira, não podemos falar apenas em uma língua nacional, mas em uma linguagem nacional e uma linguagem de consumo, que expressa suas forças pela escrita nas formas institucionalizadas dos arquivos e nas leis de Estado e mercado. A linguagem nacional tem como principal característica a força simbólica que atinge o inconsciente e cria uma interface de representação-interação entre o usuário e o sentimento artificial de nação. Esse ritmo e movimento cria a concepção moderna de nacionalidade a partir da linguagem, a elegendo como norma a ser seguida, difundida e defendida. A linguagem nacional tem força gravitacional de norma.

Sabemos que a padronização linguística, por meio da escrita, demanda uma série de operações que visam minimizar os problemas decorrentes da passagem da língua oral à escrita. Assim, a padronização teórica foi determinante para que uma variedade fosse objetivada pela descrição científica e fosse criada teoricamente, passando a representar “a língua” (padrão) (CONCEIÇÃO, 2008, p. 108-109).

Do ponto de vista sociocultural e político, o padrão escolhido passa a figurar nos documentos oficiais e se torna símbolo de prestígio social e seu uso se torna obrigatório em diversos segmentos da sociedade. Na escola, ele passa a ser ensinado como língua materna e se desenvolve uma relação afetiva de pertencimento mútuo entre a língua, o indivíduo e o país. É nesse sentido que afirmamos que a constituição de uma língua em semióforo se dá por meio de um processo complexo de normatizações e de institucionalização de uma língua que é homogeneizada por meio de uma construção teórica, a partir do que se elabora uma representação de unidade nacional. (CONCEIÇÃO, 2008, p. 3)

As percepções de linguagens indígenas que estamos aqui investigando mostram-se diferentes. O diferencial relacional de efetivação, conflito e ação destas linguagens são acirradas

com as constantes investidas coloniais atualizadas com o nome de progresso e modernidade, para marginalizar, silenciar e destruir as linguagens e línguas indígenas. O *código-fonte* gerador dos ritmos e relações sociais que pertencem à colonialidade epistemológica incide na linguagem e dá força aos planos de nacionalização criando um sentimento nacional de representação e pertencimento à pátria. A linguagem é investida de um desencantamento de mercado e se torna uma linguagem de consumo.

A escrita vai dando força de oficialidade para a história *oficial* do *Estado-Mercado* Brasil e a língua em que essa história é escrita torna-se também *oficial*. Assim, a oralidade, por sua vez, vai definindo e sendo posta no lugar de desconfiança, incerteza, mito, lenda e folclore. A oralidade enquanto história não tem a força de oficialidade, pois não pode ser “testada”, “arquivada” e “atestada” enquanto registro histórico científico. A modernidade cria os conceitos e configuram as linguagens nacionais como linguagens oficiais.

Cabe destacar que somente na Constituição de 1988 a língua portuguesa deixou de ser nomeada de “língua nacional” passando a ser chamada de “língua oficial”. (CONCEIÇÃO, 2008, p. 5)

Na vida antes da invasão dos povos europeus, onde hoje se chama Brasil, existia uma estimativa de que mais de 1000 línguas indígenas eram faladas aqui no território. Mil *cosmovisões* e maneiras de se relacionar com as linguagens de espaços-tempo, mais de mil gerações criadas com as *in-formações* ancestrais que compunham os mundos singulares de cada povo existiam e aconteciam. Para a oficialização e efetivação de uma única linguagem de produção imposta pelos invasores e expressa na língua portuguesa, foi necessário que eles assassinassem milhares de cosmovisões indígenas.

A invasão e o processo de colonização nos territórios indígenas que hoje é o Brasil começou efetivamente através da ocupação e missões jesuítas. O sistema de catequização não era apenas um sistema de controle baseado na conversão à fé católica cristã. Existia toda uma sincronia entre igreja e coroa, que queria se utilizar do *índio manso* para o efetivo processo de contínua colonização. A igreja fazia o trabalho de catequizar os indígenas, *amansando os índios*, civilizando-os, escravizando-os, transformando-os em súditos da coroa e mais tarde em sujeitos do império, brasileiros. A transcodificação dos indígenas em *índios mansos* deu início ao processo que os invasores chamaram de *aculturação*, que consiste em implantar a configuração do modo de operação da linguagem europeia no inconsciente, nos corpos, nos *campos* e nas formas de se relacionar com a vida dos povos aldeados nas missões.

A língua foi instrumento crucial para efetivar esse movimento de *aculturação*. Os jesuítas deram função de tecnologia de invasão para a língua e a linguagem. Os povos que tiveram mais contato com os invasores foram aldeados nas missões e foram ensinando os jesuítas a codificar e a traduzir algumas línguas indígenas, compilando e criando uma língua de contato, chamada de língua geral. A língua geral se tornou instrumento e tecnologia de invasão, subjugando os povos aldeados, servindo de força para a contínua invasão territorial, dando mais um passo de transição para a aniquilação das línguas e linguagens indígenas. Assim, a língua geral atendeu ao seu propósito por um longo período, ajudando a *transformar* indígenas *selvagens* em *índios mansos* a partir dos usos de seus *códigos-fonte* no cotidiano.

Em meados do século XVIII, atenta ao fato de que já havia passado 250 anos da sua chegada e ao fato de que a língua portuguesa desempenhava papel secundário nas interações cotidianas, a administração portuguesa, comandada pelo Marquês de Pombal, Sebastião J. De Carvalho e Melo (Ministro dos Negócios do Reino no reinado de D. José I), em 28 de junho de 1759, decretou uma série de regulamentações por meio do Alvará Régio instituindo as “Breves Instruções”. No que diz respeito aos indígenas, essa Lei serviu para ampliar para todo o Brasil as disposições editadas em 1755 e chamadas de “Diretório dos índios”. Tal Diretório assegurava a “liberdade” aos índios que foram proibidos de andar nu, de falar suas línguas e de construir habitações coletivas, conforme é costume na cultura indígena. Além disso, deveriam passar a ter, também, sobrenome em português. Entre as providências tomadas pela Administração no “Alvará Régio”, uma das principais dizia respeito à pretensão de redirecionar o uso da língua portuguesa para o centro das interações. Na prática, houve a expulsão dos jesuítas que permaneceram na colônia por 210 anos, o embargo de suas bibliotecas acarretando a perda de um rico acervo bibliográfico, a proibição do uso e do ensino da língua geral nas escolas e a imposição do ensino em língua portuguesa (CONCEIÇÃO, 2008, p. 6-7)

1.3 Registros da forma

Os *pluriversos linguísticos* dos *singulares* povos indígenas originários que vivem e viviam no Brasil sofreram duros ataques com a chegada dos invasores europeus. Universos linguísticos são perspectivas de mundos, sistemas e galáxias linguísticas que acontecem não só no âmbito *humano*. Os povos indígenas, como são povos plurais, uso a palavra *pluriversos linguísticos* para exaltar essas diferentes galáxias linguísticas de *in-formação*, comunicação e vida. Estes pluriversos compõem-se e atravessam outros, tudo está em movimento, tudo é energia e a linguagem também. Nos pluriversos de conexão e *in-formação*, acontecem saltos diferenciais de energia e ação. Eles não funcionam por um único ritmo de espaço-tempo, eles acontecem criando acessos a outros planos e mundos, a partir de cada *pluriverso indígena* de linguagem. Os *pluriversos linguísticos indígenas* são complexos de *singularidades coletivas* de ação, sentimento e percepção. As perspectivas de linguagens apresentadas pelos *pluriversos*

linguísticos indígenas ultrapassam as compreensões conhecidas pelos invasores europeus no que diz respeito à língua e linguagem.

[...] Como é que, ao longo de 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência? A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. (KRENAK, 2019, p. 10-11)

As línguas e as linguagens dos singulares povos indígenas foram caçadas de diferentes formas pela colonialidade europeia pelo controle do território e da vida dos indígenas. As coroas e os mundos europeus caçaram e ainda caçam as línguas e as linguagens que são diferentes a sua norma instituída como *moderna*. São as caçadas linguísticas. Utilizando da comunicação, das leis, das invasões e da educação como tecnologias de invasão, a linguagem invasora foi se perpetuando como diálogo entre alguns povos que logo começaram a subjugar-las no processo de entendimento de seus próprios mundos. Os sincretismos linguísticos atravessavam mundos e minavam as resistências, como também às possibilitavam. Assim, os invasores iam aprendendo como se relacionar com alguns povos, iam aprendendo a controlá-los pela força e pela linguagem como norma, enganando e escravizando os indígenas que os ajudaram. Os aldeamentos das missões jesuíticas foram os primeiros cativeiros de tortura e escravidão que gerenciavam o processo de implantação da linguagem invasora como norma, se utilizando da catequização como sistema colonial de morte trazido da Europa. Até hoje, somos ensinados na escola através da educação *oficial*, desde cedo, que o Brasil foi *descoberto* e desbravado por corajosos aventureiros europeus. Essa é a primeira mentira colonial, uma das mentiras que fundam o Brasil.

[...] A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (KRENAK, 2019, p. 14.)

Os grandes centros, as grandes metrópoles do mundo são uma reprodução uns dos outros. (KRENAK, 2019, p. 20.)

A ideia de nós, os humanos, nos deslocarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. (KRENAK, 2019, p. 22-23.)

A visão romântica que existe em torno da figura dos jesuítas segue a ideologia de mentiras dos invasores na formação do Brasil. A ação educadora dos jesuítas foi uma ação

assassina, racista, invasora, destruidora, escravizadora, torturadora, preconceituosa e perseguidora, demonstrando que a educação, em seus primórdios no Brasil, não era libertadora, e ainda não é, podendo ser utilizada para fins de controle e destruição de mundos. A catequização e a conversão, praticadas pela igreja com o apoio da coroa portuguesa, foram e ainda são atualizadas nas políticas de educação do *Estado-Mercado* nos sistemas de implantação e controle dos cidadãos. Então, para nós, indígenas, os jesuítas não são heróis e nem santos, eles são inimigos, invasores e assassinos, vetores da destruição dos mundos e *pluriversos linguísticos* indígenas. A perspectiva de narrativa histórica feita pelos invasores europeus é uma perspectiva que nada contribuí com os povos indígenas. Pelo contrário, ajuda a colocar as perspectivas históricas dos diferentes povos num local de inferioridade.

Hoje, a análise das perspectivas ocidentais e invasoras pode gerar boas críticas e revisões históricas, mas não podemos nos prender a tão pouco, temos que criar e apresentar nossas cosmopercepções como ações de ataque dos mundos indígenas contra a *guerra cosmológica dos mundos* que ainda acontece. A colonização ainda está em curso e só criticá-la não adianta, temos que propor nossas perspectivas históricas das *experiências coletivas indígenas*. A escrita tem valor oficial, mas não qualquer escrita, a escrita oficializada pelo *Estado-Mercado*, através da disciplina de História. Existe uma história oficializada pelo *Estado-Mercado* que é ensinada nas escolas e outra que é deslegitimada, silenciada e esquecida. A oralidade, uma das fontes das narrativas e *experiências coletivas indígenas*, não tem a mesma importância para o *Estado-Mercado*. Ela é resquício de mundos que precisam ser exterminados. A oralidade, por ser utilizada pelos indígenas como conexão e transpassagem de suas *experiências coletivas*, é posta em local de inferioridade e incerteza.

A língua portuguesa transplantada para o Brasil, inicialmente, sofreu forte concorrência da língua geral falada informalmente em todo o litoral brasileiro. Mas o português era a língua da escola, o falar polido e disciplinado em gramática, enquanto a língua geral carecia de prestígio, pois era um linguajar sem tradição e aprendido de outiva. Usava-se o português na administração e todos os instrumentos jurídicos eram escritos na língua dos colonizadores. Os livros, de ficção ou científicos, também eram escritos em português, língua oficial. Assim, no século XVIII, pode-se mesmo dizer que houve um período de bilinguismo no Brasil e o idioma luso, já transplantado, começava a receber os primeiros adstratos em solo americano. (CLARE, 2003, p. 7.)

A língua portuguesa é uma língua invasora, ela foi transplantada, assim como a cirurgia de implantação de um chip, uma prótese, ela é um corpo estranho, um vírus que corroeu quase todas as línguas indígenas que eram faladas aqui nestas terras. A língua invasora, tornando-se oficial, pela maquinaria institucional burocrática-conceitual colonial, ganha força e vai sendo operada pelo pensamento maniqueísta do *Estado-Mercado*. Os conceitos de certo e errado em

relação às linguagens é *oficializado*, transformando as línguas e linguagens indígenas em ações *perigosas, erradas, inferiores, selvagens* desprovidas de qualquer *status quo* e *civilidade*. O que não era *oficial* era *errado* e sem *prestígio* e, para punir o *erro*, foram criadas leis contra os indígenas e seus *pluriversos linguísticos*. O racismo é típico do pensamento colonial ocidental e o racismo linguístico é só uma de suas faces.

A instituição da língua portuguesa só se torna definitiva com a vinda de famílias de imigrantes portugueses, mas, principalmente, com o Diretório dos Índios, implantado após a expulsão dos jesuítas, em 3 de maio de 1757, pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, com o aval do Marquês de Pombal e aplicado, a princípio, no Pará e no Maranhão e, no ano seguinte, em todo o Brasil. O Marquês de Pombal, sentindo a língua portuguesa ainda ameaçada pela língua geral, uma mistura da língua indígena com o português, tornou obrigatório, por instrumento legal, o ensino de português no Brasil. – um fato já consumado, apenas sancionado então por ele. A finalidade era abolir essa língua geral e impor a chamada “língua do Príncipe”, ou seja, o português de Portugal. (CLARE, 2003, p. 7)

A língua invasora só foi efetivada oficialmente com mais força a partir do “Diretório dos Índios”, que criou leis de proibição a outras línguas, principalmente as indígenas ou que tinham matriz de formação indígena, como a língua geral. Os registros das formas de institucionalização e controle da linguagem, introduzidos pela coroa invasora portuguesa, dá a dimensão cosmopolítica da *guerra dos mundos*. Então, podemos observar que a língua portuguesa não é a língua mãe e, sim, uma instituição invasora e seu modo de implantação é racista e classista.

Os povos indígenas e suas linguagens da Terra foram alvo de leis, que foram instrumentos de tecnologia da invasão e destruição dos nossos mundos linguísticos indígenas. Nós, indígenas, entendemos que a linguagem compõe a vida e atravessa nossos mundos, portanto um ataque às nossas linguagens é um ataque crucial para a dissolução do mundo de um povo singular. A colonização vai avançando e destruindo e ela vai fazendo isso num processo cotidiano, dando a impressão de que esse movimento é *natural* e inevitável e que o *passar do tempo* é favorável ao *progresso*. Assim, cristaliza-se o colonialismo linguístico e a segunda maior mentira colonial ganha força: a de que a língua portuguesa é nossa língua mãe.

Nessa passagem do Marquês de Pombal fica explícita a *guerra dos mundos*⁵ e o colonialismo introjetado na e pela linguagem. A língua portuguesa foi e é instrumento de

⁵ A *guerra dos mundos* acontece quando os mundos europeus invadem os mundos indígenas onde hoje se chama América. A *guerra dos mundos* tem características diferentes das outras relações de guerra, é uma guerra cosmológica, uma guerra que nunca acaba, pois é travada por mundos que querem colonizar outros e mundos indígenas que querem viver em cumplicidade com a diferença e a Terra. A *guerra dos mundos* tem como principal característica o desejo de consumo dos mundos capitalistas ocidentais. Os povos envolvidos nessa guerra estão sob constante ataque até hoje nesta guerra se estende por 523 anos. Para maiores informações sobre este conceito

colonialismo linguístico, ela foi e é indispensável como tecnologia de invasão. O *Estado-Mercado*, como conceito de nação não tem um povo anterior a ele, ele assassina o povo anterior a ele e inventa os ideais de uma nação a partir da invenção de uma história oficial que tem suas bases na empresa colonial e na morte e outros mundos. O *Estado-Mercado* cria sentimentos ilusórios de unidade e identidade nacional, uma representação ideal de nação que só existe no imaginário e nunca será alcançado no capitalismo, pois este sistema de produção só funciona pela exploração. A língua e as diferentes linguagens coloniais são instrumentos utilizados para a cristalização e naturalização dos ideais modernos, dando força à ideia de que este é o único mundo possível.

Na constituição brasileira: artigo 13. A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil. Neste contexto de “mercado” e de defesa da identidade cultural. Atitudes de planificação possuem endereço certo: em muito visam essa grande guerra mundial por colocar sua mercadoria cultural no mercado. Fazer legislação sobre o idioma implica saber que deve-se proteger esse “mercado da língua”, isto é, os falantes/ ouvintes/ escritores/ leitores do idioma, e até, ao melhor possível, ampliar esse mercado. Disso sabem muito bem aqueles que estão à frente da política linguística do castelhano. Um livro, um, um programa de televisão, e muito mais, ao ser lançado na Espanha, possui como alvo certo não apenas a Espanha, que é um mercado que sua Constituição protege, mas também milhares de outros consumidores espalhados pelo mundo. Daí, particularmente, a necessidade de proteger a unidade do idioma pelo mundo, e esmagar as diferenças daqueles idiomas que poderiam ser competitivos contra as suas próprias indústrias da língua. Mas não é só isso: uma língua forte capacita a divulgação da cultura, dinamiza, enriquece e enobrece o povo que a usa. As vantagens são múltiplas e de toda ordem (ROCHA, 2003, p. 932-933).

O projeto de colonização, que hoje se atualiza no *projeto Brasil*, é implantado pelas elites e pela aristocracia burguesa de Portugal e posteriormente por seus descendentes no Brasil. O Brasil é um projeto colonial, atualizado a cada período nas mais novas faces do sistema de mercadoria e produção capitalista. O projeto de uma língua de comércio, de mercado, uma língua nacional que atenda ao *desejo de consumo* colonial da coroa é um projeto imperialista de linguagem de um *Estado-Mercado*, que expande seus tentáculos não só no âmbito econômico, mas em todas as relações de vida que o envolve. Então, os *códigos-fonte* regem o *Estado-Mercado* e forjam a sua identidade nacional, que depois será replicada pelos sujeitos brasileiros e têm a marca forte do atravessamento de uma língua e linguagens que se pretendem universais.

O fenômeno da identidade nacional surge como força de norma e registro da forma junto ao *Estado-Mercado*, mas isso não acontece da noite para o dia, são séculos de colonização e efetivação desse *código-fonte* no cotidiano, isso se desenvolve com as atualizações do capitalismo e em suas normas de difusões e relações com o mercado. Assim, cidadão e consumidor, ora são a mesma coisa, ora não, é uma relação confusa com a vida, de vício e consumo. O *Estado-Mercado* e a língua nacional são linguagens de mercado e consumo. O conceito de povo no *Estado-Mercado* é conectado ao de consumo/consumidor e ao de identidade nacional. A identidade nacional e o consumidor são a linguagem-usuária da norma no *Estado-Mercado*. Esse código de gestão e programação da vida é difundida e ensinada nas relações cotidianas, mas sobretudo é ensinada no sistema educacional.

[...] Não tem gente mais adulada do que consumidor. São adulados até o ponto de ficarem imbecis, babando. Então, para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentidos, numa plataforma para diferentes cosmovisões. (KRENAK, 2019, p. 24-25)

O caráter universalista das formas de operar do *Estado-Mercado* no cotidiano constitui a formação de uma história *oficial* de âmbito nacional-global. As narrativas criadas pelos arquivistas, literatos e historiadores que documentam a sociabilidade implantada pelos invasores e seus feitos, como, por exemplo, as páginas da história que documentam os bandeirantes, transformando genocidas em heróis nacionais que são lembrados na educação básica do *Estado-Mercado*, chegando ao ponto de homenageá-los com estátuas e nomes de ruas. A linguagem oficial tem esse poder. Esse movimento vai criando um passado histórico mentiroso, que fortalece a identidade nacional e os seus *heróis* no imaginário inconsciente do brasileiro cidadão de bem. São memórias inventadas de uma unidade nacional que nunca existiu, memórias implantadas de um passado que transforma a destruição e assassinato dos povos indígenas em progresso e celebração pelo *Estado-Mercado*. É a *ordem e progresso* em curso matando indígenas e garantindo o futuro da destruição.

Os conceitos de nação e povo configurados pelos *códigos-fonte* e pelos registros da forma dos invasores europeus eram/são implantados e realizados no cotidiano. Isso vai influenciando o modo de vida e relação das pessoas e normatizando tudo. Agora a norma se torna natural e ganha sentido e força de cotidiano.

O conceito de povo, para os povos indígenas, é sentido de maneira completamente distinta. O conceito de povo para nós, indígenas, é sempre uma pluralidade e sempre *horizonte de eventos*, não existe um povo *melhor*, mais *puro* que outro. Os *horizontes de eventos* criam

singularidades relacionais/diferenciais que cada povo tem com a Terra. Assim, ‘povos indígenas’ sempre é sinônimo de *singularidades coletivas*.

vamos pensar no espaço não como um lugar confinado. A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. (KRENAK, 2019, p. 30-33)

As narrativas de *experiências coletivas indígenas* tensionam as afirmações históricas universais do *Estado-Mercado*. Existem narrativas de *experiências coletivas indígenas* que não são contadas como oficiais e são inferiorizadas em relação à história *oficial*. As *experiências coletivas indígenas* conectam seus fluxos pela oralidade. Nestas narrativas, em diferentes relatos, é possível perceber e verificar que os povos indígenas sofrem ataques desde 1500 e um dos vários motivos é por não falar português. Muitos povos foram presos, torturados, perseguidos, sofreram preconceito e isso fez com que muitos outros, para não serem perseguidos, ensinassem a língua invasora portuguesa para as próximas gerações, uma maneira de diminuir a energia linguística de seu mundo para não ser detectado e continuar a resistir. Aprender a falar o português para alguns povos indígenas foi uma tática de resistência e sobrevivência, principalmente no Nordeste, local onde a invasão começou e foi muito feroz e violenta.

O que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher os seus habitantes originais – sempre recorrendo a práticas desumanas para promover mudanças em forma de vida que essas populações conseguiram manter por muito tempo, mesmo sob o ataque feroz das forças coloniais, que até hoje sobrevivem na mentalidade cotidiana de muitos brasileiros –, é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza (KRENAK, 2019, p. 41)

A língua portuguesa não só ganhou poder de *oficial*, mas também um valor simbólico referente ao modo de produção que os invasores implantaram aqui como modo de relação de vida único e *oficial*. O racismo linguístico é uma das práticas de racismo que os modernos ocidentais europeus implantaram aqui como sistema de produção vertical e hierárquico que incide sobre nossos corpos indígenas e pretos até hoje.

A memória nacional forjada pela história oficial contribuiu para legitimar e naturalizar a *independência* do Estado brasileiro afirmando o seu caráter de missão histórica, inventando

uma coesão nacional em busca da *ordem e progresso*. A memória junto com a escrita registrada na língua e na linguagem dos invasores é utilizada como tecnologia de invasão para criar marcos literários e linguísticos na história nacional de um *Estado-Mercado*. Esse movimento vai aglutinando de forma essencial todas as *singularidades* de povos que existem, transformando tudo numa diversidade do mesmo, o brasileiro. Assim, hoje o pensamento hegemônico acerca dos povos indígenas no Nordeste é aquele que nos vê como uma parte inacabada do processo colonial e do progresso civilizatório. O Brasil e o brasileiro são atualizações constantes desse processo colonial. Os povos indígenas no Nordeste são entendidos como conceito de diversidade e não de *singularidade*, por isso, são chamados de *índios aculturados* e acusados de *falsos índios*, pois fogem à *essência* do que é ser indígena para o *Estado-Mercado* Brasil.

O imperialismo estrutura a experiência indígena. Ele é parte da nossa história, nossa versão da modernidade. Escrever a respeito da nossa experiência sob o imperialismo nas suas mais específicas expressões do colonialismo tem se tornado um projeto significativo no mundo indígena.

O imperialismo ainda fere, ainda destrói e se reformula constantemente. Os povos indígenas, como um grupo internacional, tiveram que desafiar, compreender e compartilhar linguagens para falar a respeito da história, da sociologia, da psicologia e das políticas do imperialismo e do colonialismo como uma narrativa épica de grande devastação, de uma luta dolorosa, e da persistente sobrevivência. Nós nos tornamos muito bons em contar esse tipo de história, com frequência, entre, por e para nós mesmos. Falar a respeito do passado colonial faz parte do nosso discurso político, do nosso humor, da nossa poesia, da nossa música, dos nossos relatos e de outras formas, em um sentido comum, de transmitir ao mesmo tempo a narrativa da história e uma atitude em relação a esta. (SMITH, 2018, p. 31)

O português como língua *oficial* foi cada vez mais cristalizando sua força invasora e a educação foi/é um vetor de propagação dessa invasão inventando uma memória coletiva para os brasileiros. A educação foi e é um instrumento de oficialização da linguagem invasora de mercado, verticalizando, controlando e hierarquizando o que se ensina e aprende. A língua e a linguagem são utilizadas na *guerra dos mundos* para que povos indígenas continuem marginalizados e os brasileiros sob o domínio e o poder dos que compõem as cúpulas do *Estado-Mercado*.

Nas primeiras décadas do século XX, a concepção de língua que orientava o ensino de língua materna era a de sistema único, o que significava a não aceitação das variedades. Ensinar português representava levar os alunos ao reconhecimento do sistema linguístico, com a aprendizagem das regras prescritas pela gramática normativa. Era função da escola transmitir e fixar a variedade culta da língua, garantindo-lhe a continuidade, para, dessa forma, atender aos interesses dos grupos dominantes. (CLARE, 2003, p. 10.)

Esta perspectiva de ensino e aprendizagem enfatiza a escrita como norma, toda a formação educacional de ensino e aprendizagem é baseada em textos, o texto escrito torna-se o principal instrumento de acesso e propagação do conhecimento. Assim, inconscientemente vai sendo criada uma desqualificação de todas as ancestralidades indígenas que se utilizam da oralidade como base de transpassagem do conhecimento. A inferiorização da oralidade desprestigia as linguagens indígenas em relação ao conhecimento escrito, que é compreendido como legítimo e indicativo de uma civilização *moderna*. Esta é uma das estratégias de invasão linguística que torna inferior os modos de vida indígenas perante um jeito oficial de fazer educação.

Os ataques e apagamentos feitos aos *pluriversos linguísticos* indígenas são projetos da colonização que ainda são, hoje, efetivados. As cosmopolíticas linguísticas de silenciamento ainda são praticadas e, atualmente, as mais de 250 línguas nativas indígenas, que sobreviveram aos 523 anos de *guerra dos mundos*, são invisíveis nas escolas de educação básica⁶ e nas universidades⁷. Isto contribui para que os povos indígenas e suas linguagens sejam vistos como passado primitivo. Essa tática destrutiva visa apagar a *singularidade multilinguística* dos povos indígenas em detrimento da normatização e padronização da língua, criando uma língua funcional que só tem no *desejo de consumo* do mercado o sentido do lucrar. Esta percepção que se espalha pela escrita e pela história *oficial* vai sendo replicada pelos mecanismos jurídicos, educacionais, burocráticos e oficiais do *Estado-Mercado*, isto vai moldando o senso comum dos brasileiros, dificultando os movimentos de *retomadas* indígenas perante a *guerra dos mundos*.

Todas as investidas contra os mundos indígenas na *guerra dos mundos* insurgiram acontecimentos indígenas contra a invasão europeia. A criação de contra-naturezas e ritmos de *retomadas* e resistências aconteceu e acontece por todo o território invadido e de diferentes modos de operação e organização. Estas diretrizes de contra-ataque ocorrem a partir das múltiplas cosmopercepções de cada povo. Os encontros entre os mundos em conflitos, nestes 523 anos de guerra, configuraram de diferentes formas a resistência de cada povo. O Nordeste brasileiro foi um amplo plano de acontecimentos e guerras desde a sua invasão e é até o presente

⁶ Nas escolas indígenas, as línguas indígenas passam a ser ensinadas a partir dos direitos garantidos com a Constituição de 1988. Fora dessas escolas, o conhecimento generalizado é que a língua oficial do Brasil é o português.

⁷ Com exceção dos cursos de Letras ou outros das humanidades, ainda em alguns centros específicos, há estudos, discussões e pesquisas acerca das línguas indígenas (em sua maioria, feitas por não indígenas. É recente a chegada de indígenas desenvolvendo estudos no campo da linguagem).

momento, porém estas guerras e disputas foram se configurando de acordo com as épocas e hoje, aqui-agora, elas têm configurações bem complexas.

A alfabetização foi usada como critério para avaliar o progresso e o desenvolvimento de uma sociedade a partir de um estágio em que presumivelmente sua história tenha começado. (SMITH, 2018, p. 46)

Nesse sentido, a história não é importante para os povos indígenas, já que milhares de relatos sobre a “verdade” não alteraram o fato de que esses povos são, contudo, marginais e não têm o poder de transformar a história em justiça (SMITH, 2018, p. 49)

No começo das invasões, os povos indígenas do Nordeste e principalmente de onde hoje é o Ceará, foram resistência armada por muitos anos. Nos mais de 400 anos de guerra contínua, a partir das leis pombalinas, as investidas da coroa transformaram as terras das sesmarias em terras devolutas, alienaram as terras tornando-as possíveis de serem compradas, criaram as vilas e as câmaras municipais que criavam leis que beneficiavam os invasores e criminalizavam a resistência indígena, criaram as leis que proibiam os indígenas de se comunicarem em suas línguas e viverem as linguagens de seus mundos, junto como as invasões do território pelas entradas das fazendas de gado, intensificaram a perseguição e modificaram muito as configurações da *guerra dos mundos* e de cada povo nesse contexto.

A língua geral surge da prática social como um genuíno produto daquele campo relacional, que nem é a língua portuguesa nem a língua de nenhuma das nações indígenas. Ela é o resultado da comunicação entre diversas formas de viver e de compreender a existência, que se encontram e debatem em um mesmo espaço social. Por outro lado, o trabalho indígena, o comércio e a instituição de impostos são, sem dúvida nenhuma, matérias centrais do *Diretório*. Os princípios do liberalismo comercial estão explicitados e é a partir deles que são estabelecidas as normas para o desenvolvimento da atividade comercial” (SILVA, 2005, p. 82)

Os povos indígenas se utilizaram da sabedoria do silêncio, diminuíram seus movimentos e as energias dos seus *campos*. Aos poucos, os povos indígenas foram *sumindo* do tempo cronológico do *Estado-Mercado*, como estratégia de guerra e permanência cosmológica. Os povos indígenas do Nordeste permaneceram na duração dos acontecimentos e na força de suas conexões ancestrais com os antigos e com os territórios. Os saltos de um *campo* de força para outro aconteceram no plano sutil, dentro das formações de cada família e povo. No ano de 1863, foi decretado através de um relatório provincial que não existiam mais indígenas no Ceará, pois todos estavam inseridos e misturados à população. Decretado o silenciamento e o desaparecimento indígena pelo império, agora todos são cearenses. Os povos que ainda resistiam, se calaram e o silêncio e a migração para locais de difícil acesso foram estratégias de

sobrevivência. Nestes novos locais, os povos em refúgio passaram através da oralidade e pelas linguagens de *campo* as conexões ancestrais de seu mundo, clã, família e povo.

Assim, a conexão e a sabedoria das ciências das linguagens indígenas não se perderam devoradas pela história oficial do *Estado-Mercado*. O *campo* ancestral das linguagens ficou ali firme, fincado no chão cosmológico das eras, concentrado, cheio de intenção e ação de sobrevivência, esperando o melhor momento para ganhar *in-pulso* e *brotar* de um salto, rasgando o espaço-tempo cronos do *Estado-Mercado*. As linguagens indígenas de conexão com os *campos* ancestrais ultrapassam a língua invasora e se impõem como atavismo indígena no modo de ser de cada povo. Assim, no *tempo certo*, as *retomadas* indígenas no Nordeste brasileiro, em meados dos anos 1970, começaram a acontecer e continuam acontecendo, elas quebraram o silêncio e brotam de saltos com força ancestral, saltam de outras dimensões com *in-formações* ancestrais de outros espaços-tempo, como o despertar do sono de um réptil que dormia encostado nas pedras das eras e se levanta aquecido pelo sol do sertão. Os povos indígenas do Nordeste retomam suas posições de luta, de guerra, de força, de povos ancestrais e, aos poucos, vão retomando suas linguagens ancestrais, *linguagens de campo* que ultrapassam as línguas e que são vetores de *retomadas* delas mesmas.

Os espaços-tempo de acontecimento dos povos em seu silêncio são um espaço-tempo singular, que tudo criou, tudo conectou, tudo atravessou, mas a conexão com a Terra não se perdeu, ela se atualizou, se ampliou e continua aqui e agora. Somos filhos de Mandu Ladino, de Lampião e Maria Bonita e de todos aqueles indígenas que se configuraram em outras percepções de luta para continuar a dizer não à colonização e às suas formas de controle. Não somos filhos de Camões, nem Freud, nem de Marx, nem de Getúlio e nem de três raças. Somos filhos da Serra Grande que tem mais de 20 mil anos. Sou filho da minha tataravó, a *força cosmológica* que ela cultivou fez saltar semente em mim e o atavismo indígena *brotar*. Os trovões da Ibiapaba acordaram o nome do meu povo em mim.

Em 1893⁸, uma semente cósmica do povo Tacariju foi lançada, ela saltou e foi plantada, e em 1987⁹ *brothou*. Assim, *brotando* da *máquina selvagem*, um salto de mais de um século, os vetores da *retomada* do mundo Tacariju ativou.

⁸ Ano que marca, segundo minha tia-avó, o nascimento de minha tataravó Maria Balbino da Conceição, matriarca do povo Tacariju e primeira referência que tive para retomar os portais dos mundos do meu povo.

⁹ Ano que eu nasci, sou a quinta geração do meu povo após minha Tataravó. Segundo uma narrativa Tacariju contada pelos antigos, e confirmada por minha bisavó, nosso povo foi amaldiçoado pela igreja por matar, **em letígia defesa**, um jesuíta que buscava nos escravizar pelo cristianismo, diz a narrativa lendária que o povo só iria se reerguer e retomar na sua quinta geração. Eu sou a quinta geração e foi comigo que nossa família, clã e povo está retomando suas narrativas, força e modos de viver e se relacionar.

O que ecoa aqui dentro e lá fora são trovões, raios, ventos e relâmpagos de *retomadas*, o espaço-tempo das *retomadas* é singular a cada povo. O que foi e o que será, nunca volta jamais, são perspectivas, nós *somos os de ontem, mas somos novos*, como dizem os parentes Zapatistas. Assim, as mil gerações que vivem em mim aqui e agora não são uma metáfora, eles todos estão aqui-agora como força linguística e energia de linguagem, eles clamam por esse retorno. A linguagem de conexão com os *campos* antigos é o que nos co-move em coletivo. O *lugar de escolha das retomadas* é o solo de fertilidade das conexões de *linguagens-in-formação* e energia. As conexões e linguagens são sentidas como percepções e proclamadas nos sonhos, nos territórios, na oralidade e nas *encantarias*.

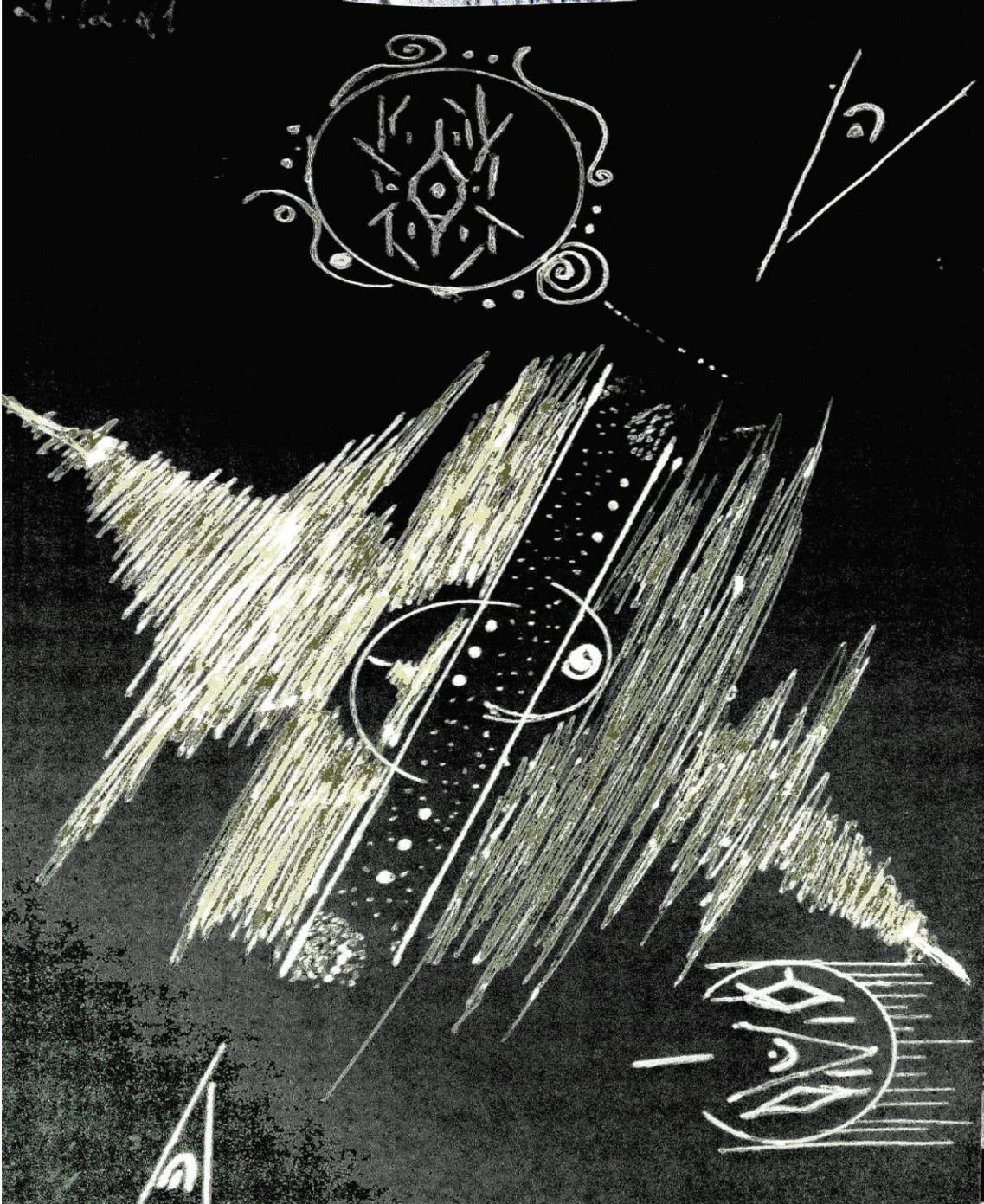
É assim que às conexões se fazem, por saltos, não temos mais a língua mãe, mas temos acesso às linguagens que nos lembram de onde viemos e quem são nossos antigos, isto ajuda a entender quem nós fomos e quem iremos ser. *Singularidades coletivas*. Somos povos indígenas originários e a oralidade, os sonhos, as memórias e os encantados nos confirmam isso, não como uma verdade, mas como um acolhimento, uma *retomada*, a cumplicidade de estar junto aos diferentes seres e mundos que vivem a vida junto de cada povo e na Terra.

Nos tiraram nossas línguas maternas achando que iam nos aniquilar, mas não nos tiraram a força e energia de encantamento das nossas linguagens indígenas. Somos os sonhos de *retomada* das nossas bisavós, sonhamos com elas e vivemos juntos, a *retomada* está conectada.

Como um elétron que perde energia e salta para outro campo quântico de vida, nossos povos “sumiram” para continuar vivos, mas hoje estamos retomando a energia e voltando a “aparecer”. Como um elétron que ganha energia e salta para um campo quântico de frequência de vida, estamos retomando energia ancestral de vida indígena, saltando e reaparecendo para assombrar o Estado-Mercado (TAKARIJU, 2021, p. 49)

CAPÍTULO 2 – COSMOMETODOLOGIAS DOS MUNDOS INDÍGENAS: AS RETOMADAS COMO METODOLOGIA

Figura 2 - Encontro entre mundos



Fonte: O autor

2.1 Um percurso

Neste capítulo-percurso iremos propor pensar, sentir e perceber a linguagem das memórias ancestrais como tecnologias de vida e criação de narrativas, visando às retomadas

dos mundos originários indígenas, utilizando e propondo as retomadas como metodologia de pesquisa e vida. Este capítulo só pôde ser complementando em sua escrita depois que vivi em Moitas/CE e participei da vida do território, da sua encantaria e do convívio com seu povo. Falo em complemento, pois este conceito de cosmometodologia já tinha sido pensado em outros momentos e em outros encontros com diferentes territórios indígenas, mas só depois da experiência com Moitas/CE e da urgência da escrita desse texto que o termo surgiu.

Esta perspectiva é um contraponto às narrativas e metodologias oficiais do *Estado-Mercado* que, baseadas na ciência, inventam mentiras sobre os povos indígenas que habitam o Brasil. Assim, neste percurso iremos abrir e criar diferentes veredas metodológicas para adentrar e apresentar a temática, a partir desta proposta de *matriz* indígena que tem a memória, o espaço-tempo e a linguagem de *retomada* como perspectiva.

Nos utilizaremos da terminologia *tecnologias ancestrais* para pensar a conexão entre linguagem e ancestralidade na rede de *sincronicidade* e *singularidade*, em que nossas narrativas e a oralidade dos nossos antigos proporcionem as *retomadas* originárias na atualidade. Pensaremos isto neste capítulo a partir da memória ancestral e de outros conceitos que se conectam a este, como o conceito de *experiências coletivas*, que é o conceito que atravessa o conceito de história e metodologia como disciplina, assim, faremos funcionar as *retomadas* como cosmometodologia de pesquisa.

Iremos abordar as questões e criar as veredas cosmometodológicas necessárias para a elaboração de nossas próprias narrativas ancestrais, apresentando conceitos cunhados a partir de nossos *campos* familiares, da oralidade, das encantarias, das memórias ancestrais e das *experiências ancestrais* de *consciência coletiva*, apresentando a conexão da nossa *experiência coletiva* de povo, trazendo a possibilidade de *retomarmos* as narrativas e linguagens ancestrais, contrapondo-se aos modelos metodológicos de fazer ciências dos mundos modernos.

Investigaremos como funciona a memória para povos indígenas, não da maneira genérica a partir do conceito de humano, mas de maneira mais específica de cada povo, pois partimos da percepção de que todos os mundos indígenas são diferentes e nem todos são humanos (KRENAK, 2019). Assim, levamos em consideração principalmente as experiências dos povos indígenas do Nordeste brasileiro com seus territórios. Apresentaremos como as tecnologias ancestrais contribuem para fazer vivo o cotidiano destes povos, alimentando a linguagem de conexão entre mundos e dimensões de espaços-tempo, permitindo que uma família, bairro e comunidade tradicional permaneçam como povo originário indígena, em seus costumes e maneiras de se relacionar com a vida, dando continuidade e força às suas narrativas ancestrais, a partir de seus *campos* de pensamento e vida, conectando a família, o clã e o povo,

os antigos e a Terra, sem a separação pela morte, sem a separação pela migração, sem a separação pelo tempo e pela língua.

Investigaremos como a memória ancestral é uma tecnologia ancestral que conecta mundos pela linguagem ancestral da Terra com os povos indígenas, fazendo dessa linguagem energia e método de *retomada* dos mundos indígenas, preservando nossos modos de viver.

2.2 Conceito de tecnologias: linguagem ancestral *versus* tecnologias de invasão

Quando falamos em tecnologias, no contexto atual, logo pensamos em instrumentos e *objetos tecnológicos*, eletrônicos, mecânicos, *modernos*, de *última geração*, algo que nos faz lembrar ficção científica, não é? Mas o que é tecnologia? Tecnologia é uma palavra de origem grega: *Tékhno* – arte, ciência; *logia* – lógos, linguagem, *razão*. Assim, podemos perceber ou deduzir que o conceito de tecnologia, para os gregos, *grosso modo*, é uma linguagem entre arte, ciência e razão. Tecnologia também pode ser, no contexto atual *moderno*, “uma teoria geral e/ou estudo sistemático sobre técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana (indústria, ciência, etc.)”¹⁰

Então, sobre as tecnologias, podemos dizer dentre muitas coisas que são conjuntos de domínios de instrumentos feitos a partir de uma *razão*, arte e ciência humana para sua melhor experiência na vida e com aqueles que convivem com ela. A tecnologia traz melhorias para a vida, ela é um conjunto de formas de se *instrumentalizar* a melhoria da existência. Tecnologia não é *boa* ou *má*, ela é um método de ensino-aprendizagem para uma melhor experiência na vida. Porém, as tecnologias podem ser utilizadas para subjugar, controlar e destruir outros povos e as guerras de extermínio são exemplos disso.

Então, a partir disto, existem povos *menos* tecnológicos que outros? Tomando as tecnologias como um conceito de melhoria da vida, todos os povos são tecnológicos? Respondendo a esta última pergunta, sim.

A partir destes questionamentos e promovendo um *salto conceitual* no conceito de tecnologias, proponho pensar a invasão dos mundos indígenas em 1492, pelos povos europeus, também como uma guerra conceitual cosmotecnológica entre mundos indígenas e mundos ocidentais. Assim, proponho pensar as linguagens ancestrais indígenas como contrapontos à invasão, como resistências e *retomadas*, como cosmometodologias de *des-colonização*. As linguagens ancestrais indígenas são cosmométodos de vida que hoje são utilizadas como

¹⁰ Retirado do site: <https://www.dicio.com.br/tecnologia/>.

resistência e as *retomadas* dos povos contra as investidas à destruição do planeta iniciada com as invasões europeias.

2.3 Tecnologias de invasão

Nosso território foi invadido por outros mundos, mundos vindos de outra parte do planeta. Junto a estes mundos, muitos outros povos, que se chamavam *modernos*, trouxeram suas tecnologias, ou seja, suas linguagens e modos de viver. O Nordeste foi o primeiro local de invasão dos *modernos* onde hoje se chama Brasil, portanto os povos indígenas desse território estão em guerra contra as tecnologias de invasão há mais tempo e, por isso, também sofreram sequelas mais profundas desse combate como, por exemplo, a extinção de muitas línguas e linguagens indígenas. Estas sequelas podem ser sentidas no roubo e na destruição dos seus territórios sagrados, na aculturação e no avanço da mestiçagem, da miséria, da fome que se tornou a marca negativa do sertão e do Nordeste. Portanto, com isso, não estou querendo afirmar que os povos indígenas do Nordeste sofreram mais do que os povos indígenas de outras regiões, estou apenas constatando a condição de que a colonização começou pelo Nordeste e que isto tem consequências até hoje para os povos indígenas desta região.

As tecnologias de invasão dos *modernos* foram se instalando e sendo implantadas como um vírus, um *código-fonte* que, por contaminação e violência, mudou a maneira de viver. As tecnologias de invasão europeias não são só práticas, mas conceituais, *códigos-fonte* que configuram como se relacionar e pensar. As tecnologias de invasão dos mundos europeus não invadiram somente nossos territórios sagrados fisicamente, elas contaminaram conceitualmente o modo de relação com a Terra. As fazendas de gado, as missões de aldeamentos da igreja, a conversão à fé cristã, a mestiçagem, todos estes movimentos são tecnologias de invasão. Estas tecnologias, na visão do invasor, têm como objetivo alcançar as *melhorias* em busca de uma *sociedade civilizada* e, para isso, é preciso transformar *os selvagens*, em seres civilizados, é imperativo categórico. Trazendo-nos, indígenas, das *trevas* e nos levando até a *luz da civilidade moderna*. Estas melhorias funcionaram para quem? Para eles, é óbvio. As tecnologias de invasão são a destruição dos mundos indígenas a partir da violenta repressão e da criação de conceitos genéricos sobre nossos povos até os dias de hoje. Este movimento de morte dos mundos indígenas contribui para a destruição da vida do planeta.

Na *guerra dos mundos*, o conceito das tecnologias de invasão tem papel fundamental no avanço da colonização, na sua atualização e naturalização. As tecnologias de invasão até hoje avançam sobre os povos indígenas e seus territórios, pois a colonização não dorme, todo

tiro disparado contra os povos indígenas é disparado primeiro do congresso nacional. O desmatamento, a mineração, o gado, as queimadas criminosas, o garimpo, as monoculturas, o turismo de massa, os parques eólicos, a mestiçagem, a conversão na fé cristã são exemplos da prática colonial que continua a todo vapor, orquestrada e financiada pelo *Estado-Mercado* e seus operadores políticos.

Ao contrário do que muitos dizem, o Brasil não é, nem nunca foi, um país pacífico. Essa tentativa de construir, pela linguagem, uma percepção de país que se opõe às suas características históricas, ou seja, o mito de que somos todos irmãos, amáveis, tranquilos e vivemos em paz num território abençoado, é uma mentira construída por aqueles que desejam que tudo continue como está, com uma minúscula elite econômica desfrutando todas as riquezas e opulências enquanto a imensa maioria do país vive em condições abaixo da dignidade aceitável, sem acesso à infraestrutura de água, saneamento, saúde, alimentação, transporte, educação, cultura e lazer. Ao contrário da narrativa oficial de que o Brasil é pacífico, os fatos históricos apresentam um país marcado por guerras e conflitos violentos.

Nossa história é a história de uma colonização feita por meio de repressão e controle violento de corpos e comunidades, em que se sobressaem tanto ações diretas dos aparelhos oficiais do Estado quanto a subcontratação de milícias, que vêm agredindo e matando aqueles que a elite socioeconômica deseja eliminar ou disponibilizar para servi-la, desde o período dos bandeirantes, nos séculos XVI e XVII, até as milícias urbanas, como o Escritório do Crime, nos dias atuais. (MILANES, 2021, p. 10-11)

A luta dos povos indígenas contra as tecnologias de invasão dura 523 anos. O lucro, a destruição da Terra e a aniquilação dos povos que vivem da Terra é o projeto do mundo *moderno*, é o projeto do Brasil. *A guerra dos mundos* é uma constante, estamos nisso desde 1500. Os colonizadores (filósofos, historiadores, antropólogos, empresários, políticos, sociólogos, linguistas etc.) criam conceitos sobre os nossos povos, a partir de sua ciência, e falam dos nossos mundos como especialistas. Existe uma gama de pesquisadores que, por terem um breve contato com um povo indígena, se acham especialistas e podem falar publicamente por eles. É assim que é feita pesquisa de maneira genérica sobre nossos povos no mundo *moderno*. Experiências ínfimas que são universalizadas pelos operadores da ciência ocidental, com o intuito de se tornarem especialistas e validarem seu discurso sobre o nosso. Os mundos e linguagens ancestrais indígenas são alvo da padronização e da maneira colonial e genérica de pesquisar dos *modernos*. Existe todo um esquema de colonização que não é só territorial mas, também, conceitual. Por isso urge *retomarmos* nossas linguagens ancestrais e criar nossos conceitos a partir delas.

Conhecer quem escreve é estritamente importante no âmbito da política do Terceiro Mundo e também para as comunidades afro-americanas, e sobretudo para os povos indígenas; e ainda mais importante nas políticas que determinam como esses mundos são representados “em face” do Ocidente. (SMITH, 2018, p. 52)

Também se trata de priorizar e reconciliar o que é realmente importante no presente. Esses assuntos apresentam importantes questões para as comunidades indígenas, que não somente estão começando a se defender da invasão de pesquisadores universitários, corporativos ou populistas a suas coletividades, mas que se tem visto obrigadas a pensar e a pesquisar suas próprias preocupações. (SMITH, 2018, p. 54)

2.4 Linguagens ancestrais

A partir do *salto conceitual* que estamos propondo, iremos falar neste momento sobre as linguagens ancestrais dos mundos indígenas. Em todos os mundos, existem o que chamamos de linguagens e nos utilizaremos desse conceito para falar da relação dos mundos indígenas com a vida. Para iniciarmos a abordagem sobre as linguagens ancestrais, iniciarei falando sobre o conceito de ancestralidade. O que é ancestralidade? Podemos definir? Segundo o dicionário¹¹, ancestralidade está ligada à qualidade ancestral, legado de antepassados; atavismo; hereditariedade. Mas podemos dizer que é só disso que se trata a ancestralidade? Quem definiu este conceito como algo genérico e o colocou no dicionário? A partir do pensamento de que este não é o único sentido para ancestralidade, vamos propor um *salto conceitual* para pensar as ancestralidades e suas linguagens e, assim, ampliar o debate sobre a linguagem e suas conexões ancestrais com o território.

Ancestralidade para nós, indígenas, é pensada e sentida de forma plural e coletiva, não se restringe a um único viés e essência. A *linguagem ancestral* tem características territoriais, pois existem conexões que só acontecem em determinados territórios, alguns *encantados* só *aparecem* em determinados locais e territórios, pois eles vivem ali. São locais que não se replicam. A *linguagem ancestral* está fundamentalmente conectada ao território e ao seu *campo* antigo. Desde modo, ancestralidade não está ligada somente à hereditariedade, ao corpo, ao caráter consanguíneo, ao fenótipo e ao cronos. O *salto conceitual* que proponho para pensar a ancestralidade é uma travessia que transpassa as diferentes perspectivas da linguagem e de território, movendo-se para longe das perspectivas impostas pela *modernidade*. Então, o que seriam as linguagens ancestrais? Seria apenas uma junção destes dois conceitos? Não. As linguagens ancestrais, como eu sinto, são *saltos conceituais*, na linguagem.

As linguagens ancestrais dos nossos povos indígenas são, de maneira didática, as manifestações e apresentações dos nossos mundos, ritmos de conexão, percepção e sentimento com a vida. São as melhorias e a expressão no cotidiano das nossas *experiências coletivas* junto com nossos ancestrais e a Terra. Se as tecnologias de invasão são entendidas como métodos

¹¹ Dicio, dicionário online de Português, retirado do site. <https://www.dicio.com.br/ancestralidade/>

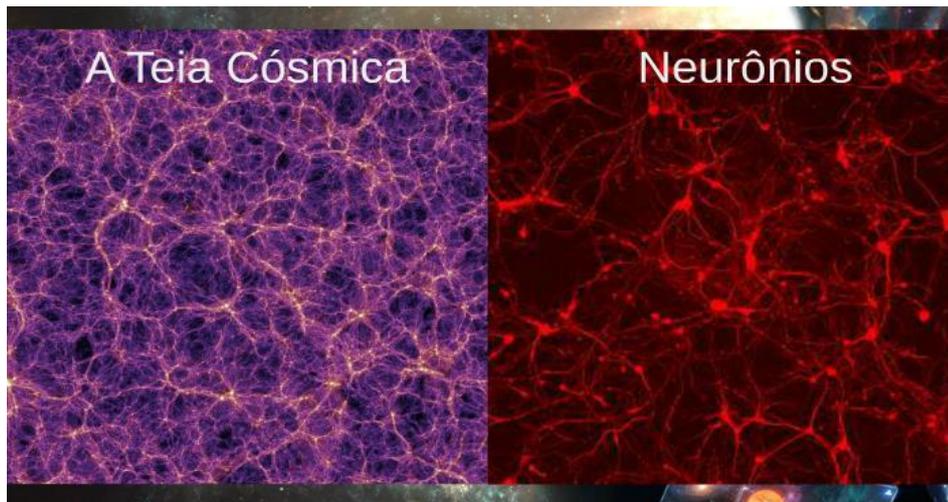
pelos ocidentais e influenciam o cotidiano, as linguagens ancestrais são fluxos que funcionam por afinidades e se movem livremente, em ritmos com as ciências de vida dos mundos indígenas e são contra-narrativas coloniais que batem de frente com as tecnologias de invasão. As linguagens ancestrais compõem os *campos* de pensamentos e práticas, são forças que conectam a vida. As linguagens ancestrais são componentes do que eu chamo de cosmometodologia das *retomadas*, que os povos indígenas utilizam para relacionarem-se com a Terra, *retomar* e ampliar suas narrativas para além do espaço-tempo e resistir contra o sistema de produção de desencantamento da Terra, que é o capital.

As linguagens ancestrais não funcionam apenas como instrumentos, métodos e técnicas, elas colapsam linguagens, são manifestações no cotidiano dos povos, são linguagens de energia e força. A ancestralidade é sentimento, relação e conexão da Terra com um povo, potencializando seu *lugar de escolha*. É linguagem de força indígena.

As linguagens ancestrais são relacionais, suas entradas acontecem pela relação e pelo sentimento, pois elas não são apenas técnicas, não basta dominar a prática para entendê-las, seu funcionamento não é mecânico-cartesiano, é necessário senti-las em conexão com a Terra e o povo. É isto que desperta o *lugar de escolha* de cada povo. Nossas linguagens ancestrais são portais que nos ajudam a *retomar* nossos mundos silenciados pela colonização. Todas as atividades que nossos povos realizam em relacionamento com a vida e com os outros povos são conectadas pelas linguagens ancestrais. Assim, o pensamento, o método, a afinidade, a percepção, a forma de se alimentar, de curar, de nascer, de morrer e de espiritualizar-se junto aos mundos físicos e extrafísicos, todas as cosmopercepções dos mundos indígenas se conectam pela rede das linguagens ancestrais. As linguagens ancestrais são parte das nossas ciências ancestrais de cada povo.

As linguagens ancestrais estão conectadas umas nas outras, elas agem em conexão, numa rede, numa teia cósmica¹², nos ligando às linguagens do passado-presente-futuro, mas nos movimentando no aqui-agora. As linguagens ancestrais movem os mundos indígenas aumentando a sua força e despertando um povo. Isto compõe as cosmometodologias que têm nas *retomadas* seu fluxo.

¹² Na teoria do Universo observável, a 'teia cósmica' é o termo utilizado para descrever como as galáxias se distribuem no universo observável. Vistas de longe, elas se distribuem em linhas que se cruzam e se conectam, e são chamadas de filamentos, formando um emaranhado tridimensional semelhante a uma teia de aranha. Esses emaranhados de filamentos de 'estrutura' do universo são bem similares à 'estrutura' da 'teia dos neurônios' em nosso cérebro. (PITTALWALA, Iqbal (20 de novembro de 2014). «It's Filamentary: How Galaxies Evolve in the Cosmic Web» (em inglês). Universidade da Califórnia. Consultado em 4 de setembro de 2015.)

Figura 3 – Teia cósmica e Neurônios

Fonte: Imagem da internet retirada do site: https://prezi.com/nb9bxtwdhg_f/a-teia-cosmica/.

2.5 Linguagem indígena: conceitos de retomadas

As linguagens ancestrais movem-se numa grande teia cósmica, utilizando a oralidade, os sonhos, a saúde, a espiritualidade e a memória ancestral como *campos* de transpassagens que compõem as *retomadas*. A cosmometodologia de pesquisa das *retomadas* questiona as perspectivas ocidentais de método, linguagem e história.

As perspectivas de relação e transpassagens dos mundos indígenas com a vida acontecem de diferentes maneiras, cada povo tem seu mundo, seu ritmo, sua cosmopercepção e suas relações em rede com os territórios. As relações ancestrais entre os povos e a Terra conectam as diferentes redes e dimensões da vida. As relações dos mundos indígenas com o cosmos manifestam-se em linguagens, mas para além de pensarmos uma língua cósmica, vamos pensar em linguagens cósmicas sem estruturas fixas regidas por símbolos, signos e significantes, relações que levem a linguagem a ultrapassar as barreiras do humano. As linguagens cósmicas acontecem por forças, energias, ritmos e saltos estelares, elas transpassam a linguagem humana e se conectam com outros mundos e povos. Os povos indígenas em seus ritmos estão conectados com o ritmo do território, portanto os modos de relação entre indígenas e a vida são diferentes de povo para povo. Assim, as linguagens ancestrais para cada povo são sentidas a partir de suas cosmopercepções de afinidades diferente. Cada povo tem a sua linguagem *indí* (de dentro) *gena* (da Terra).

As linguagens indígenas são energias referenciais de formação de cada mundo indígena, suas redes de conexão estão emaranhadas pela memória, oralidade e sonhos. Os diferentes

povos indígenas sentem e percebem a memória ancestral por diferentes ritmos de linguagem e força, uns a sentem como fumaça, outros como um rio, outros como um espírito, mas todos conectam-se ao ritmo do cosmos e da Terra como energia, sentimento e vida. Para nós, povos indígenas, a linguagem é um meio que pode compor diferentes relações com a vida, para além da língua.

Iremos propor pensar a linguagem ancestral das retomadas como energia de ativação, entrelaçamento e saltos, para retomar os afetos e a coletividade nas redes ancestrais de mundos e encantaria. Assim, a memória ancestral e as outras linguagens ancestrais apresentam *linguagens singulares indígenas* que fazem *brotar* os atavismos indígenas e as *retomadas* dos povos indígenas principalmente no Nordeste. Os conceitos de passado, presente e futuro tornam-se aqui meramente um recurso didático para se fazer entender as diferentes cosmopercepções da linguagem e da memória pelos povos indígenas. O abismo que existe entre o conceito e o acontecimento, dos conceitos de signos, símbolos e significantes e a força de transporte das *in-formações* da linguagem ancestral, é imenso. A linguagem ancestral indígena dá *saltos linguísticos* e transpassa os *campos* de destino, não se sabe onde ela vai *brotar*, ela continua saltando através dos espaços-tempo, colapsando o aqui-agora, retomando narrativas, *experiências coletivas*, tornando-se força cosmológica.

2.6 Atavismo indígena

Atavismo é um conceito utilizado na biologia. Este conceito trata da reaparição, num descendente, de caracteres de um ascendente remoto, que permaneceram latentes por várias gerações. O conceito de atavismo tem conexão com a ancestralidade. O atavismo também traz outro significado: está mais ligado à genética e tem como características a hereditariedade biológica de caracterização psicológica, intelectual e comportamental. O conceito ainda tem outro sentido, que é o retorno a um estilo, o uso de um ritmo, o reaparecimento de uma postura remota de ação e, por fim, atavismo deriva de átavo – tetravô; antepassado. O conceito fala da reaparição de caracteres e invoca ascendentes antigos que permanecem vivos no *campo* de ação dos povos por eras. A perspectiva que iremos abordar deste conceito não é integralmente a da biologia: iremos propor um *salto conceitual* conectando-o a outros conceitos e buscando atravessá-lo e colapsá-lo, para criar o *salto conceitual* e, a partir disto, as conexões com os pensamentos que proponho neste trabalho. O atavismo, como conceito, será submetido a um *salto cosmológico*, em que seu funcionamento e origem ocidental vão ser atravessados para pensarmos nossas narrativas indígenas de maneira singular.

O conceito de atavismo será atravessado por perspectivas filosóficas e de linguagens a partir das experiências indígenas, propondo alguns experimentos mentais¹³. Portanto, um *salto de percepção* em relação à linguagem a partir das cosmologias indígenas. Conectando o atavismo às filosofias e às linguagens indígenas, propomos abrir portais e pensar outros *campos* na linguagem. Utilizaremos, portanto, o que chamo de *atavismo indígena*¹⁴ como um conceito de pensamento e experimento prático de aporte para as *retomadas* indígenas pelo *campo* de linguagem ancestral.

Podemos pensar o atavismo indígena como uma ação de guerrilha, como uma força do *campo* da Terra, que se utiliza da força telúrica e tectônica em seus *encantos* para fazer *brotar* os movimentos de *retomada*. O atavismo indígena é utilizado como conceito cosmológico pelos nossos povos para ir *retomando* as conexões com nossas ancestralidades, não apenas por meios biológicos e sociais, mas por conexões *cosmológicas* de percepção e afinidade com os *campos* da Terra. O atavismo indígena é um conceito que não funciona pela dualidade natureza/cultura e nem pela identidade, como o conceito de etnogênese, essa é sua diferença. O atavismo indígena é um conceito cosmológico, uma diferença relacional. As *experiências coletivas* de um povo colapsam (aparecem) após o *efeito* atávico do atavismo indígena, as *sincronicidades* e *singularidades* dessas *retomadas* começam a acontecer e a coletividade vai sendo fortalecida. O atavismo indígena não recupera só uma característica ancestral biológica, social e psicológica, ele traz consigo toda a força da linguagem dos mundos indígenas. O atavismo indígena é a força da linguagem ancestral manifesta em forma de *retomada*.

Retomar nossas linguagens ancestrais na *guerra dos mundos* é importante, retomar nossos sonhos, nossos mundos, que antes foram dados como *extintos*, é muito importante. Isto aponta para a manifestação e apresentação de outra história, para a crítica à história ocidental que é colonial, para a crítica à história como disciplina, demonstrando suas falhas e incapacidades como ciência para dialogar com as ciências indígenas. O método que estou utilizando para isto são as *retomadas*. O papel da crítica neste trabalho é secundário, não estamos aqui só para criticar, mas para romper com o pensamento unilateral da linguagem ocidental e criar outras relações a partir das *retomadas* indígenas. As *retomadas* conceituais

¹³ Constitui um experimento do pensamento sobre uma experiência que no momento não é realizável na prática, mas cujas consequências podem ser exploradas pela imaginação. Esses experimentos são utilizados para se compreender aspectos não experimentáveis do Universo. Um exemplo desse tipo de experimento é a alegoria da caverna de Platão.

¹⁴ Conceito criado a partir do deslocamento conceitual do conceito de atavismo da biologia e do atravessamento pelo conceito de indígena. Este novo conceito traz novas perspectivas de se pensar as retomadas indígenas através de saltos no espaço-tempo, manifestando outras percepções de como as in-formações de cada povo brotam nas próximas gerações. Este é um conceito que amplia a percepção de etnogênese, quebrando os conceitos de origem e cronologia dos mundos modernos.

indígenas têm força e importância para os povos no cotidiano, quanto mais povos indígenas existirem, mais o planeta respira, mais a esperança respira, mais a terra volta a *brotar*. Quanto menos povos indígenas, mais a Terra é devorada pelo lucro e descartada pelo capitalismo. As *retomadas* dos nossos mundos indígenas são benéficas para a vida no planeta.

Portanto, o atavismo indígena é um conceito de força na vida que faz *brotar* das linguagens ancestrais a força e energias dos *campos* ancestrais, latentes de cada povo. Os mundos que foram silenciados pela invasão e pelas linguagens de terror da colonização estão se utilizando das linguagens da Terra para retomar suas posições e forças como povos originários na *guerra dos mundos*. O conceito de atavismo indígena não respeita a convenção cronológica oficial de espaço-tempo utilizado pelo mundo *moderno*. O atavismo indígena movimenta-se entre os espaços-tempo, movimenta-se por saltos de força, energia e linguagem. O conceito de atavismo indígena é diferente do conceito de parente, mas o conceito de parente *nasce* da percepção de afinidades do atavismo indígena. O atavismo indígena é uma das entradas das *retomadas*, assim como o colapso das narrativas *modernas*. O conceito de parente vem do sentimento, do sentir que todos estamos em rede conectados como povo. Parente não é aquele que tem meu sangue, é aquele que se relaciona em cumplicidade com o planeta e a Terra.

Os diferentes horizontes de eventos entre os povos indígenas e a Terra são de cumplicidade, de relação horizontal, apresentando diferentes formas de perceber a vida e o cosmos a partir das afinidades de percepção das relações. A maneira perceptual dos povos originários sentirem a Terra amplia suas atividades criadoras de modos de vida e os torna singulares, diferentes de outros agrupamentos no país. O horizonte de percepção é singular, assim, o espaço-tempo em que a experiência coletiva se realiza também é. O planeta pode ser o mesmo, porém, os mundos, os horizontes de eventos e as dimensões de percepção de vida não são. (TAKARIJU, 2021, p. 97)

A Terra age sobre nossa espiritualidade e memória, trazendo o acesso às dimensões ancestrais e aos encantados. Como nossa cúmplice geradora, a Terra compõe, conflui na compreensão e na formação do mundo de cada povo, criando uma relação de pertencimento de um povo, uma família, um clã, e, no campo macrocósmico, criando ligações de pertencimento ao planeta, fazendo-nos entender que somos parte de uma família interestelar. (TAKARIJU, 2021, p. 97)

Outro conceito importante para entendermos o *emaranhamento* das redes e dos *campos*-conexões de linguagem na vida é o conceito de ascensão e ascendente. Estes conceitos vêm do sentimento e da percepção que quebra com a ideia de hereditariedade e de *descida*, *descendência*, que remete à passagem no tempo, hierarquia, cronologia, descoberta, origem e controle da sua genealogia, conforme o tempo linear. Proponho pensar *ascendente* como uma condição que aproxima, *cresce junto*, ascende como espiral e acende o fogo que nos dá a força e nos *in-pulsiona* para mais perto da linguagem energia dos antigos, destruindo a distância

cronológica entre as gerações, ampliando a relação e firmando os laços, dando outro movimento à história como disciplina. O ascendente indígena é a força ancestral manifesta do atavismo indígena.

O atavismo indígena é uma manifestação em conexão com a memória ancestral, com a oralidade, com os sonhos e as encantarias. Ou seja, nossos povos se utilizam destas categorias no cotidiano como linguagens e criam perspectivas singulares de vida e bem viver em coletividade. São cosmometodologias de como viver em conexão com a Terra e os antigos, respeitando e vivendo juntos, co-habitando entre mundos, assim como co-habitam outras estrelas e mundos pelo universo observável. As linguagens ancestrais manifestam-se como *informações* e *códigos-fonte* e, quando colapsam, criam o terreno fértil para o salto do atavismo indígena e daí para as *retomadas* dos mundos, dos conceitos e das narrativas, transformando em horizontalidades as narrativas verticais da história como disciplina dos mundos *modernos*. Essa mudança de eixo e de perspectiva nos estudos da linguagem como disciplina a partir dos pensamentos e perspectivas indígenas das cosmometodologias das *retomadas* é movimento de *des-colonização*.

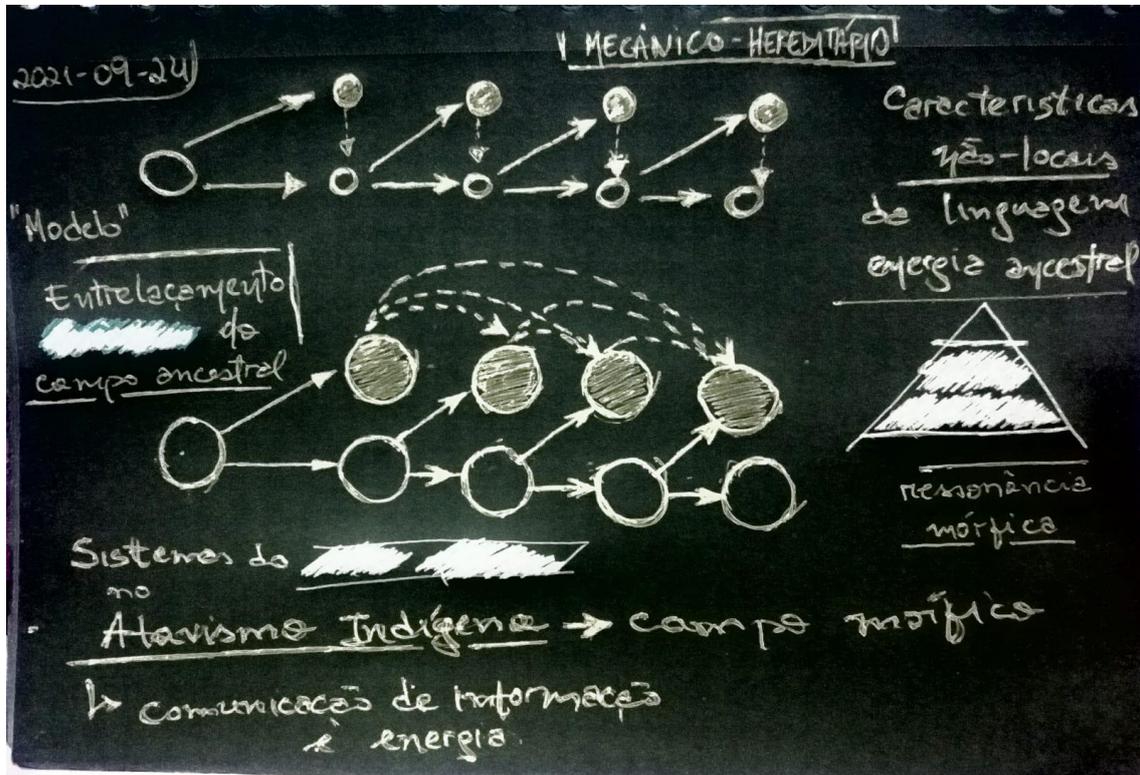
O conceito de atavismo indígena é crucial para pensarmos o contexto de *guerra dos mundos* em que se encontram os povos indígenas da região Nordeste do Brasil. Como as *retomadas* dos nossos povos se utilizam das linguagens ancestrais como base para a conexão com sua força de povo? No meu entendimento, o conceito de atavismo indígena amplia o debate e traz perspectivas não só sociais, mas *cosmológicas*, para pensarmos os povos indígenas e seus conflitos com o colonialismo no Nordeste.

Atavismo indígena é a manifestação da força do *campo* ancestral dos antigos que estava em silêncio no estado latente, mas não estava extinta. Este *in-pulso* de força ancestral pode manifestar-se em várias gerações e em nenhuma, ficar em silêncio durante vários anos e gerações, mas ele está lá no *campo* cosmológico do povo e, enquanto houver Terra, nós, indígenas, iremos *brotar*. Seu colapso (aparição) na realidade cotidiana não respeita a hereditariedade, o *campo* gera movimentos atávicos que podem se manifestar a qualquer instante, para além da história oficial e do espaço-tempo. Este movimento age *retomando* os ascendentes, as ancestralidades, as narrativas, os jeitos, as posturas e faz *brotar* uma coletividade de povo que o mundo *moderno* dizia estar *extinto*. *Singularidade* é ritmo, abundância e força, identidade é semelhança, redução e controle¹⁵. A *singularidade* em ritmo

¹⁵ Iremos abordar este assunto mais adiante no capítulo, mas já o desenvolvo com alguma extensão no livro Alienindi – os portais dos mundos, que pode ser baixado no link: <https://www2.uepg.br/proex/ebook-alienindi-os-portais-dos-mundos/>.

de percepção com os *campos* atávicos alimenta-se da *in-formação*, manifestando o *in-pulso* que dá força e energia, despertando o atavismo indígena e criando o *movimento cosmológico das retomadas*.

Figura 4 - Atavismo indígena



Fonte: O autor

Os movimentos atávicos de saltos acontecem no cotidiano não temos como controlar e ter a certeza em que lugar irá ocorrer, não dá pra ter um ambiente ideal para replicar este movimento. As lagoas, as baixas e as dunas móveis são exemplos e formas de movimento da energia ancestral que acontecem, elas *brotam* e permanecem e, no tempo suficiente, elas passam e somem *naquele tempo* necessário e, no *tempo certo*, elas aparecerem em outro *lugar de escolha da Terra, tudo no seu tempo*. Ninguém sabe para onde vão as areias das dunas móveis, ou se são os mesmos grãos de 523 anos, elas só somem e aparecem, ganham e doam força para a Terra e alimentam o movimento. Assim, como as lagoas e as dunas se movem, somem (perdem energia) e voltam a aparecer (ganham energia), ganham e perdem energia ancestral do território, nossos povos também dão *saltos de percepção cosmológicas*, saltos entre *campos*, saltos de *linguagem*, saltos entre mundos, *saindo* do mundo *moderno* e *retomando* as linguagens dos mundos indígenas, caminhos de *retomada* e saltos de *des-colonização*.

2.7 O conceito de in-formação

O conceito de *in-formação* é um conceito que irá bagunçar todas as perspectivas do pensamento proposto acerca da linguagem. A *in-formação* é a força que age no *campo* das *retomadas* ancestrais, na memória, nos sonhos, na oralidade, nas *encantarias* em conexão com o território. A *in-formação* gera a energia do cosmos, é movimento e matéria, onde a linguagem pode agir por saltos. O conceito de *in-formação*, como estou utilizando aqui, ativa as forças ancestrais e manifesta nas linguagens ancestrais memória, oralidade, sonhos e *encantaria* como *linguagem de retomada de mundos*. Isso cria o *campo* de ativação de um povo. A *in-formação* permeia o *campo* de ativação da energia ancestral.

[...] na escala cosmológica, ocorre um equilíbrio grandioso e perfeitamente bem-ajustado entre o movimento perpetuamente agitado da matéria no nível quântico e o campo de energia do ponto zero que permeia tudo. Uma consequência disso é o fato de que nós estamos literalmente, fisicamente, ‘em contato’ com o restante do cosmos na medida em que compartilhamos com partes remotas dos flutuantes campos do ponto zero, as quais podem ter dimensões até mesmo cosmológicas. (LÁSZLÓ, 2008, p. 72)

A *in-formação* atua na escala *cosmológica*, ou seja, ela está por todos os planos e *campos*, ela é a força que cria movimento se movimentando e ativando a conexão com todo o cosmos por onde transpassam as forças geradoras das linguagens dos mundos que atuam no nosso planeta, ela atua também em conjunto com todas as outras forças do universo observável. Esse *campo cosmológico de linguagens* comunica e *in-forma*, assim são elaboradas as linguagens e as suas relações com os *diferentes mundos cosmológicos*. Os povos indígenas atuam na linguagem permeando, transpassando as *in-formações* e se conectando com a Terra.

Os povos indígenas conectam-se ao *campo in-formacional* do cosmos e criam linguagens de conexão e manifestação do seu conhecimento e ciência de povo originário. A *ciência indígena* acontece pela captação dessa conexão com o *campo in-formacional*. Os povos indígenas manipulam essas ciências e acessam os *campos* da memória, da oralidade, dos sonhos e das *encantarias*, assim acontece a comunicação entre mundos. O salto, este conceito, está conectado aos outros de *transpassagem cosmológicas*.

[...] a informação é uma das partes de uma “diáde” da qual a outra parte é a energia. É uma parte da própria substância do universo. A *in-formação* está presente em todos os lugares. O vácuo quântico é o “mecanismo de informação holográfica que registra a experiência histórica da matéria”. A informação a que estamos nos referindo aqui é evidentemente ativa: ela é “*in-formação*”. (LÁSZLÓ, 2008, p. 72)

A relação dos mundos é *transpassada* pelo *campo in-formacional* e a linguagem é a energia que salta por eles. A *linguagem em saltos é não-local*, ela não respeita espaço-tempo. A *linguagem in-formacional indígena* é sentida e existe independentemente do espaço-tempo e da *distância* geracional. A linguagem ancestral encontra a *in-formação* da Terra e do povo, fazendo *brotar retomadas*. Entre os antigos Tacariju e a minha geração existem anos-luz de *experiências coletivas*, mas isso não inibe nossa conexão. As conexões de linguagens geracionais que está há *anos-luz de distância* são conectadas pelo *atavismo indígena*. Qual a velocidade que a linguagem pode alcançar? A *in-formação* viaja para além da velocidade da luz, o deslocamento dela não é no espaço-tempo, ela salta entre eles, por isso ela conecta *campos* de diferença, dos antigos aos novos, saltando entre os mundos, saltando entre os espaços-tempo da linguagem. A *linguagem in-formacional indígena* é acessada por *in-pulsos* e se move por *saltos*, transmite costumes, afinidades, jeitos e percepções. Esse conjunto de redes *emaranhadas* cria a *singularidade coletiva* de um povo. Para os povos indígenas, a linguagem é energia criadora e transpassa o espaço-tempo.

A energia pode adotar muitas formas – cinética, térmica, gravitacional, elétrica, magnética, nuclear e efetiva ou potencial – mas em todas as suas formas a energia produz algum efeito, de uma coisa para outra, de um lugar e um tempo para outro lugar e outro tempo. A energia precisa ser transportada por alguma coisa; O vácuo está longe de ser vazio: como já vimos antes, ele é um plenum cósmico ativo e fisicamente real. Ele transporta não apenas a luz, a gravitação e a energia em suas várias formas, mas também a informação; mas exatamente, a “in-formação”. (LÁSZLÓ, 2008, p. 73)

O conceito de *in-formação* que estamos adotando é um *salto conceitual* do conceito de *in-formação* adotado por Ervin László em seu livro “A ciência e o campo Akáshico: uma teoria integral de tudo”. Trouxemos aqui este trecho do livro que fala sobre energia e sua propagação para apresentarmos a diferença conceitual do salto que estamos utilizando.

o que a in-formação não é: “A teoria da in-formação” não é a mesma que a “teoria da informação” padrão, pois a in-formação não é informação em quaisquer das suas definições científicas ou cotidianas. Também não é o conhecimento recebido a respeito de algum fato ou evento, nem é um padrão imposto num canal de transmissão, nem mesmo a redução da incerteza com relação a múltiplas escolhas. A informação – no sentido de conhecimento sobre as coisas e eventos – pode ser transportada pela informação, mas a in-formação, por si só, é diferente da informação em suas definições usuais. (LÁSZLÓ, 2008, p. 73-74)

O que a in-formação é: A in-formação é uma conexão sutil, quase instantânea, não-evanescente e não-energética entre coisas em diferentes locais do espaço e eventos em diferentes instantes no tempo. Tais conexões são denominadas “não-locais” nas ciências naturais e “transpessoais” nas pesquisas sobre a consciência. A in-formação liga coisas (partículas, átomos, moléculas, organismos, ecologias, sistemas solares, galáxias inteiras, assim como a mente e a consciência associadas com algumas dessas

coisas) independentemente de quão longe elas estejam umas das outras e de quanto tempo se passou desde que se criaram conexões entre elas. (LÁSZLÓ, 2008, p. 73-74)

O conceito de *in-formação* pensado por nós não funciona só como um *meio* de propagação, pois ele não se movimenta somente dentro de um único plano e *campo* de atuação. A *in-formação* como estamos propondo movimenta-se pelo *in-pulso* e proporciona saltos entre espaços-tempo. Portanto, o conceito de *in-formação* que propormos funciona por *in-pulsos* e *saltos* que *transpassam* dimensões. A característica da linguagem que investigamos é o que eu chamo de saltos que propõem os diferentes movimentos nos planos e *campos* de entendimento a partir dos mundos indígenas. Isso nos leva a investigar o componente de conexão da linguagem com a consciência, pois se a linguagem e a *in-formação* se movem por saltos de consciência qual o alcance desse movimento? Como as consciências se utilizam das linguagens para perceberem seus mundos? O conceito de *in-formação* como aqui abordo tem fundamento em toda a perspectiva que estou levantando. A *in-formação*, o *in-pulso*, os saltos são linguagens ativas que estão conectadas à *consciência*. Os acontecimentos que envolvem o pensamento, a oralidade, a memória, os sonhos, as *encantarias* conectam-se com os *campos* ancestrais de linguagem de cada povo. Pensar por cosmopercepções nos ajudará a conectar as linguagens de energias entre mundos.

A consciência é outro conceito que será pensado para a composição do *plano-rede* que irá capacitar a pesquisa em sua fase linguística, filosófica e cosmológica. A consciência conectada com a memória coletiva traz e amplia as experiências entre mundos. A consciência para os povos indígenas é coletiva. A consciência para os povos indígenas é *singularidade coletiva*, ela se comporta diferencialmente a partir do território em que ela tem força de ação. A consciência coletiva como *singularidade* é fluxo do contexto, ela é dinâmica e muda junto com o povo e o povo muda em suas formas de relação com a vida.

A consciência como *singularidade coletiva* conecta-se com outras consciências numa rede *neural-cósmica* do *campo in-formacional* que permeia o cosmos. O que algumas faculdades das ciências ocidentais, como a física, estão *descobrendo* agora¹⁶, nossos povos indígenas já entendem há milênios, pela relação que temos com a Terra. O que o mundo ocidental chama de *experiências transpessoais*, de maneira genérica, os povos indígenas com suas milenares ciências de conexão com o universo, chamam de teias cósmicas. Não podemos classificar as diferentes *experiências coletivas indígenas* com os planos e *campos* de atuações

¹⁶ Autores como Ervin László, filósofo da ciência, Amit Goswami, físico teórico e Richard P. Feynman, abordam estas temáticas a partir da ciência ocidental e das teorias quânticas.

in-formacionais do universo como *transpessoais*, isso seria tornar genérica a experiência plural indígena. As linguagens de conexão dos diferentes mundos indígenas envolvem também diferentes perspectivas conscienciais de relação com o cosmos. A conexão singular ancestral que cada povo indígena tem com o outro é sentida no *campo* ancestral pela relação com a Terra. O *in* de *in-formação* é uma referência interna de formação ancestral, uma linguagem que atua como *campo* interno.

As evidências de um campo que conservaria e transmitiria informações não são claras; elas precisam ser reconstruídas com referência a evidências mais imediatamente disponíveis. Assim como acontece com outros campos conhecidos da física moderna, como, por exemplo, o campo gravitacional, o campo eletromagnético, os campos quânticos e o campo de Higgs, o campo da *in-formação* não pode ser visto, ouvido, tocado, saboreado ou cheirado. Entretanto, esse campo produz efeitos, e esses efeitos podem ser percebidos. (LÁSZLÓ, 2008, p. 78)

O *campo* de atuação *in-formacional* age conectando os planos e *campos* de linguagem. Os povos indígenas não consideram conexões entre mundos como ilusão, mas, sim, uma importante perspectiva de pensamento para relacionar-se com o cosmos e a vida. A comunicação transpassa e acontece para além da língua e do espaço-tempo. Os conceitos de *in-formação* e de consciências coletivas como *singularidades* apresentam outras possibilidades de atuação. A memória ancestral é o que *nos lembra* de onde viemos, da nossa experiência milenar com o universo e a galáxia.

a consciência não local opera não por continuidade causal, mas com descontinuidade criativa – de um momento a outro, de um evento a outro, como acontece quando é gerado colapso da função de onda do cérebro-mente. A descontinuidade, o salto quântico, é o componente essencial da criatividade. E é precisamente o salto para fora do sistema que se torna necessário para que a consciência veja a si mesma, como em autorreferência.

Na criatividade, damos constantemente saltos que nos lançam como de uma catapulta para fora do contexto de nossas experiências passadas. Nesses casos, temos de exercer a liberdade de ficarmos abertos a um novo contexto. (GOSWAMI, 2021, p. 158)

As consciências coletivas indígenas acontecem *por saltos cosmológicos de percepção* entre mundos, planos e dimensões e tem seu colapso quando chegam ao cérebro e ao entendimento da relação com a vida. Estes saltos são movimentos na *guerra dos mundos* que fazem *brotar retomadas* indígenas, lançando-se para fora das experiências coloniais de vida e sociabilidade, retomando os acessos aos *campos* de *singularidades coletivas* de cada povo. A consciência coletiva indígena que age por saltos colapsa e toma consciência de sua *singularidade* como povo e a *retomada* ganha força. Esta é linguagem cósmica como energia de *retomada* dos mundos indígenas contra o capital.

invocam e trazem as *linguagens singulares de povo*. As linguagens e ações do *campo informacional* que formam as cosmopercepções indígenas são *singularidades*.

A *in-formação colapsada* torna-se signo e significante e ressoa junto ao *campo informacional* da Terra. A linguagem ancestral é a linguagem do *campo* da Terra. O *campo* da Terra é o *meio in-formacional* da linguagem ancestral e é por ele que as linguagens saltam e viajam entre mundos. *Saltos de linguagens em campos in-formacionais*. A memória ancestral não é apenas associativa, cultural, inconsciente e histórica, a memória ancestral é um *campo* coletivo de experiências geracionais que transpassa os espaços-tempo. O conceito de *in-formação* e o conceito de memória ancestral conectam-se ao de consciência coletiva e de *singularidade* e *emaranham* as relações de como os povos indígenas sentem a vida. Assim, as *experiências coletivas* são acontecimentos que criam seus próprios espaços-tempo de narrativas, colocando as disciplinas ocidentais como mais uma perspectiva e suas universalidades em xeque. Neste sentido, o conceito de *in-formação* faz *brotar* mundos indígenas em *retomada*.

2.8 Singularidade e sincronicidade

A *singularidade* indígena age como uma *in-formação* singular que tem o *código-fonte* de cada povo. A *singularidade* nasce a partir dos *horizontes de eventos* de entendimento e ação dos povos, a *in-formação* colapsa nos *campos* de ação e a ancestralidade daquele povo e cria narrativas. É a manifestação viva do cosmos e dos planetas, não são apenas conceitos *sociais*, são conceitos cósmicos, pois trata da relação dos povos indígenas com os encantados, outros mundos e o cosmos. Essa relação é transpassada por uma linguagem, a linguagem ancestral indígena, a linguagem da Terra que age, sente e se conecta com a vida de diferentes maneiras. A *singularidade coletiva indígena* tem a força de seu povo e cada povo tem a sua *singularidade* coletiva em conexão com o cosmos. A *singularidade coletiva* de povo é a consciência coletiva do cosmo em *menor escala* numa rede de conexão que se chama povo. Os povos indígenas são consciências coletivas do cosmos em escala menor no território, estão em conexão, em rede e suas relações configuram-se bem diferentemente das do mundo *moderno*. O mundo *moderno* não tem consciência coletiva.

A identidade, por sua vez, é um conceito que tem um *código-fonte*, que já vem pré-fabricado e funciona nos moldes da diversidade, outro conceito usado pelos mundos ocidentais, para criar o argumento da *essência* humana baseada numa única forma de sociedade civilizada. Os ocidentais pensam por dualidades, semelhança, identidade e norma, em que suas relações

com a vida são baseadas nas premissas filosóficas do *desejo de consumo*. Portanto, pensar a linguagem pela perspectiva do *mundo moderno* é pensar por identidade, dualismo, maniqueísmo, diversidade, norma, produção e consumo. Pensar a linguagem pela perspectiva indígena é multiplicidade, coletividade, energia e *singularidade*. A identidade torna-se um *código-fonte* de imposição das relações e imposição de um *programa* para o funcionamento do pensamento de sistema e produção em massa de igualdades genéricas, firmando-se no *desejo de consumo*.

A *singularidade* e a *sincronicidade* são manifestações das formas de se relacionar dos povos indígenas com a linguagem e seus diferentes planos e *campos* de atuação. As *in-formações* configuram-se em *singularidades* e por *sincronicidades* nas linguagens ancestrais e no cotidiano. As conexões extrafísicas entre mundos em forma de linguagem ancestral ocorrem por *sincronicidades* que acontecem na vida em ressonância com o *campo* mórfico. As *singularidades coletivas* conectam-se pelos *campos*, as *in-formações* criam essa interface de comunicação na vida e cada povo acessa a linguagem ancestral do território. Os povos indígenas são *singularidades coletivas* que leem as *sincronicidades* dos *campos* ancestrais e conectam as *in-formações* de linguagens entre mundos. A linguagem que conecta diferentes mundos, universos e consciências traz na percepção de afinidades o *salto linguístico*.

Os conceitos de *singularidade* e *sincronicidade* são pensados para demonstrar que existem outras perspectivas de pensamento, sentimento e relação com as linguagens e como elas se manifestam em consciências na vida. Assim, penso que linguagem e consciência são as conexões que criam *in-pulsos* de saltos de percepção, ampliando perspectivas sobre a vida e a morte. São estas conexões e suas diferentes perspectivas de pensamento e sentimento que nos proporcionam os *saltos linguísticos* e nos dão o acesso aos *campos in-formacionais* dos povos, da Terra e do cosmos, ascendendo à experiência da linguagem a outras dimensões que não sejam só a do cérebro físico ou psicossocial da cultura.

Assim, a linguagem como estamos propondo aqui funciona por *campos* e planos de ação e atuação, por *saltos* e *in-pulsos* entre mundos. Diferentemente de como pensa Ferdinand de Saussure (2008):

A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressões. Isso não é tudo: como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes. (SAUSSURE, 2008, p. 13)

A perspectiva moderna de relação com a vida e linguagem trazidas pelos pensadores ocidentais é dualista, genérica (universal). Eles pensam pela identidade, pela história como disciplina cronológica, pelo progresso, pela evolução e pela semelhança. Esta postura de estar na vida exclui e inclui as outras diferentes perspectivas. A colonização e a violência colonial acontecem todos os dias quando esta única perspectiva de linguagem é debatida e imposta nas universidades. O conjunto conceitual dualista que torna fundamental nesta perspectiva de pensamento é o de natureza/cultura, em que a natureza é única, a humana e a cultura é diversa, pois funciona como descendência e está subordinada à natureza humana. Portanto, a linguagem e a linguística que têm relevância, ou seja, que é superior em termos civilizatórios, é a maneira de pensar a linguagem do imperialismo ocidental. O dualismo natureza/cultura é uma das entradas conceituais de composição dos mundos *modernos* e da perspectiva de ciência *moderna*.

Os conceitos de *singularidade* e *sincronicidade* não tomam como única nenhuma perspectiva de linguagem dos povos indígenas, mas apresentam *campos*, forças e planos de ação e atuação que existem no universo. Esse *campo in-formacional* configura-se, entra em colapso e torna-se linguagem quando é conectado às formas de relacionar dos diferentes povos indígenas. As perspectivas de linguagens para os povos indígenas são múltiplas, plurais, assim como os diferentes povos são mundos diferentes que criam diferentes conexões e perspectivas de linguagem a partir do *campo in-formacional* do seu território. Este *campo in-formacional* é único? Tem uma única natureza? Não. A *in-formação* não tem natureza, ela é uma força criadora, uma força de ponto zero e, a partir dela, é possível criar conexões com outras forças e linguagens de diferentes naturezas, acontecendo as *singularidades* de consciência coletivas indígenas.

A *sincronicidade*, como utilizo, não está de acordo com o conceito de Jung (2005). O conceito de *sincronicidade* é pensado aqui como uma percepção e conexão *invisível* de leitura dos fluxos do território, do *campo* antigo daqueles que já viveram e vivem ali, uma percepção de afinidades que atravessa o cérebro e a mente, uma percepção da encantaria e não apenas como um atributo mental de um inconsciente coletivo. Essa linguagem antiga pode ser acessada pelos povos indígenas a partir da leitura dessas *sincronicidades*, observando o território e o cotidiano, ouvindo o vento, sentindo o mar, sonhando com os antigos, sonhando com os *encantados*. Estas conexões ativam a *singularidade coletiva* de cada povo, são um *emaranhado* entre *singularidade-sincronicidade*, em que uma invoca a outra, uma alimenta a outra.

Na física, o princípio de causalidade afirma que existe conexão entre a causa e o efeito e que esta conexão é necessária para que um processo aconteça. O conceito de *sincronicidade*

nos convida a pensar em termos de consciências significativas, causando, muitas vezes, conexões que beiram a *coincidência*, o *acaso*. Assim, não existe um significado no processo, ou seja, uma conexão linear, mas, sim, possibilidades e conexões por *saltos*. A sensação e a significação de processo, progresso e evolução é questionada e há uma ruptura. No conceito de *sincronicidade* que apresento, o significado como dado imediato linear não é fundamental para o acontecimento. As *sincronicidades* são expressões dos fluxos dos *campos* que podem se estender transportando a *in-formação* para além do espaço-tempo, em que a causa e o efeito não andam de mãos dadas. Quando a *in-formação* é colapsada, ou seja, percebida pela afinidade, ela apresenta-se como signos e significantes que apontam para um sentido. Isto acontece muito em relação aos sonhos, muitos ancestrais e parentes antigos, que já não estão vivos neste plano, se comunicam pelos planos dos sonhos, apresentando situações em que eles nos mostram locais sagrados que, na vigília, não se conhece. A *retomada* destes locais sagrados de força não acontece no mesmo plano, acontece em conexão entre planos de ação das linguagens entre mundos.

O princípio de causalidade não funciona nesse *campo* de conexão dos povos indígenas, pois não se sabe em que espaço-tempo essa *in-formação* foi gerada e nem qual foi a sua causa, muito menos se pode dizer que o colapso da *in-formação* feita através dos sonhos seja um efeito. A linguagem não funciona só por causalidade. O conceito de *sincronicidade* demonstra que as linguagens ancestrais viajam não só pelo princípio da causalidade, mas que as linguagens indígenas muitas vezes saltam e viajam ganhando e trocando energia com o *campo in-formacional* do território e do cosmos. A linguagem também acontece por saltos de linguagem, *saltos linguísticos* que acontecem entre planos e *campos* da vida. Assim, acontece à conexão entre vida e morte, vivos e mortos estão vivos; portanto, só há vida, a morte é só uma das suas percepções. Pensar vida e morte amplia nosso pensamento sobre a conexão entre mundos e as suas linguagens.

A comunicação acontece de consciência para consciência, de *singularidade* para *singularidade*, a conexão feita entre povos indígenas e o cosmos é transpassada por linguagens que se manifestam e colapsam na memória, nos sonhos, na oralidade e nas encantarias. São *saltos linguísticos* que conectam mundos. Não passam só pelo intelecto, não passam só pela mente, não são formadas pelo inconsciente e nem são sentidas só como signos, símbolos e significantes. O *campo in-formacional* é expressão de linguagem mais ampla que vai para além do conceito de humano e de linguagem definida pela ciência ocidental. O conceito de *in-formação* funciona pela *sincronicidade*, ele não está preso à hereditariedade. A *in-formação*

está no *campo* ancestral e pode ser conectada e acessada em qualquer momento do espaço-tempo vigente, assim como entre os espaços-tempo, pois ele está dentro e fora dele.

O *campo in-formacional* é um *horizonte de eventos* que cria possibilidades de acesso aos conhecimentos ancestrais das linguagens da Terra e os povos indígenas *dialogam* com essas linguagens a partir das suas relações de vida. A conexão de vida e linguagem que os povos indígenas têm com a Terra é diferente da ligação que os *mundos modernos* têm. Os humanos *modernos* são seres artificiais, foram produzidos conceitualmente para atender os *desejos de consumo* de devorar a Terra, do capitalismo. Os humanos *modernos* não estão em *encantamento* com a Terra, eles desencantam e deslocam a Terra de si mesmos, produzindo apenas *desejo de consumo*. Os humanos *modernos* são seres sobrenaturais, eles não acompanham o fluxo natural do planeta, eles são parasitas, são seres que destroem e escravizam a Terra. Aqui está a diferença referencial e relacional entre humanos modernos e povos indígenas.

As *sincronicidades* apresentam infinitos ritmos, elas expõem os diferentes *horizontes de eventos* das linguagens de existência de cada povo. São acontecimentos e *campos* que se tornam probabilidades ao captarem as *in-formações*. O *campo* da linguagem da Terra e do cosmos são *horizontes de eventos in-formacionais*, horizontes de linguagem que ajudam a criar mundos e a ativar as energias e os métodos das *retomadas* indígenas. As energias de *retomadas* movem *campos* e planos linguísticos, isso quebra a barreira linguística entre nós, indígenas, as outras espécies e outros seres do universo. Essa linguagem de força e energia faz *brotar* conexões entre mundos.

O mecanismo de causa e efeito é social, é didático, uma forma de organizar e controlar, ele é utilizado para todas as relações instituídas como únicas e normais na sociedade, ele foi implantado conceitualmente em nossa *psique* pela via da colonização como único meio de processo, evolução e progresso cognitivo. O princípio da causalidade, no *mundo moderno*, busca ser o único que explica as relações com os diferentes planos e *campos* de ação da vida. Já as *sincronicidades* são a-causais, elas são atraídas e invocadas pelos *campos* das *singularidades* dos povos indígenas e os *in-pulsionam em saltos*, fazendo mover essa energia linguística do envolvimento entre mundos.

A percepção afinitiva capta as *sincronicidades* e as colapsam na memória e na oralidade, criando narrativas e significados no *campo* cotidiano, ampliando a conexão entre mundos, dando mais força e amplitude para as *retomadas*. Os grafismos indígenas se utilizam da *geometria sagrada*, em que os símbolos e signos são acessos e portais, chaves entre planos e *campos*. Este ensinamento faz parte da conexão e comunicação entre mundos, a linguagem dos

grafismos não apenas significa, mas ela também compõe linhas energéticas e amplia alguns *campos*, formando portais de força e linguagem-energia de ensinamento.

A *sincronicidade* não é aleatória, existe uma força de invocação que gravita o *campo* de onde as *in-formações* geram as *sincronicidades* e outra força de *repulsão* que dá o *in-pulso* ao *salto linguístico* movimentando as *retomadas* indígenas. Assim, neste sentido, a *sincronicidade* é um evento *significativo* para o acontecimento dos saltos, mas uma atividade não é igual à outra. Toda *sincronicidade* é singular. Ela acontece pela descontinuidade, a *sincronicidade* é uma *conspiração de improbabilidades* físicas e extrafísicas. A *sincronicidade* e a *singularidade* acontecem em conjunto, ampliando as *experiências coletivas* das consciências, ela é uma expressão da consciência coletiva de um povo, de um território, da Terra e do cosmos.

A *sincronicidade* e a *singularidade* têm diferentes manifestações, pois são conectadas aos diferentes povos, elas são múltiplas em suas conexões. Elas afetam os corpos e os *campos*, por isso trocam experiências entre consciências coletivas. A experiência da *sincronicidade* é coletiva, assim como a *singularidade* de povo. Ela instiga o *campo* emocional de ligação com a vida. A *sincronicidade* nos mostra um ensinamento, é um *salto linguístico* entre planos de vida.

A *sincronicidade* não depende do cérebro para acontecer, ser captada e colapsada em linguagem. A *sincronicidade* e a consciência estão para além da perspectiva de matéria física. A linguagem pensada pelos filósofos ocidentais é atributo e manifestação exclusiva do cérebro humano, representada em ondas cerebrais e frequências físicas. Os eventos sincronísticos são acontecimentos singulares no espaço-tempo em múltiplas redes de conexão, que a ciência *moderna* e seu *campo* normal não conseguem acessar. Isto *inverte* a polaridade quanto ao que a linguística ocidental pensa sobre língua e linguagem como conceitos universais ao *humano*. Assim, Saussure (2008) afirma:

Para atribuir a língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem. (SAUSSURE, 2008, p. 18.)

Entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos (SAUSSURE, 2008, p. 21)

Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro. (SAUSSURE, 2008, p. 23)

A *sincronicidade* não é um conceito apenas *filosófico*, uma abstração, ela postula e conecta os conhecimentos cotidianos necessários. Seu *receptor* não é o cérebro, mas a consciência, a consciência coletiva, a *singularidade* dos povos.

A ciência do *observado* e do *observador* não consegue explicar nem replicar fenômenos que ocorrem nas *experiências coletivas* dos povos indígenas com a vida. Estes fenômenos estão cada vez mais próximos da *universidade oficial* e hoje ganham força e presença nos debates das diferentes faculdades. A ciência ocidental vai ter que mudar seus paradigmas e percepções filosóficas para dar o *salto* que as ciências indígenas já deram há milhares de anos, por isso os povos indígenas vivem em harmonia com as forças e os *campos* da Terra. Aqui faço o esforço para conectar percepções e afinidades para apresentar outras linguagens conceituais dos mundos indígenas que ajudem a perceber as linguagens em conexão com o cosmos.

A conexão constante através do efeito é o que podemos definir como lei da causalidade, este conceito quando observado pela filosofia abrange percepções cosmológicas e, assim, podemos ler como funcionam as relações e as percepções de vida nos mundos *modernos*. A inconstância através da contingência, da equivalência e da *significação* é o que podemos chamar aqui de *princípio da sincronicidade*, a descontinuidade abre outra perspectiva, outro caminho que não seja só a causalidade para pensarmos as relações de vida e as maneiras de perceber e ler os mundos.

Enquanto o princípio da causalidade liga os acontecimentos por pontes de causa e efeito, a *sincronicidade* não obedece apenas a este bloco de ação. A *sincronicidade* pode se utilizar do mesmo mecanismo da causalidade para sua manifestação e conexão, como ela pode se utilizar de outros mecanismos, por exemplo, de saltos descontínuos entre acontecimentos, multidimensionais no *campo* da história, da filosofia, da antropologia, da linguagem, das ciências, o que poderia nos levar a pensar que os acontecimentos podem ser narrados, sentidos, raciocinados e percebidos por outros caminhos de afinidade. A energia do *campo* da *sincronicidade* afeta a memória, o cérebro, o corpo, a linguagem, os sonhos e a oralidade, fazendo nascer uma perspectiva de *singularidade* de um povo. Esta percepção diferente da vida cria diferentes maneiras de estar e se conectar com o planeta.

O desenvolvimento, que funciona como causalidade da civilização *moderna*, é o que gera a sensação de temporalidade do *progresso* e de *evolução* do *ser humano* e, ao mesmo tempo, é o que hoje está destruindo o planeta. O conceito de causalidade acionado como desenvolvimento não tem conexão com o ritmo do planeta, ele está em conexão com a ambição e o *desejo de consumo* dos ocidentais que devoram a Terra. Os povos indígenas em sua maioria sentem e pensam a vida por um conceito de *envolvimento e coletividade* com a Terra e isto é

transpassado de geração para geração, pela causalidade e pelos saltos de percepção que *somem* em algumas gerações e *aparecem* em outras, a conexão que este povo faz com o *campo* da Terra sempre os faz *brotar* em linguagem indígena. Nossos povos indígenas se *comunicam* com o planeta pelo envolvimento e coletividade.

Eventos sincronísticos são diferentes de eventos sincrônicos, eventos sincronísticos não tem nenhum referencial padrão no curso do acontecimento, ele acontece de acordo com a percepção e a energia de intenção do *campo*, a percepção é ativada e age para além dos sentidos físicos, os paranormais presenciam muitos eventos sincronísticos a partir de uma percepção *extrasensorial*¹⁷ ou, como já falei, uma percepção de afinidades, conexões entre planos, entre *campos*, entre linguagens *extrafísicas*. Ao acessar estes *campos* probabilísticos de acontecimentos e narrativas, podemos usar as percepções do passado e do presente como linguagens no futuro, assim este *novo* futuro retomará um *novo* passado, ampliando e apresentando um *novo* presente. Assim, as percepções espaço-temporais das narrativas de mundos tornam-se múltiplas, quebrando a *quarta parede oficial* do *Estado-Mercado* como única narrativa aceita. Portanto, as *retomadas*, como cosmometodologia de pesquisa, são efeitos sentidos antes da sua ocorrência.

As ocorrências que viajam do futuro para o passado mudam as narrativas históricas acerca dos nossos povos indígenas, aquilo que era história *oficial* e intocada agora é tido apenas como uma perspectiva. O movimento dinâmico da percepção das narrativas impõe que outras perspectivas de mundos sejam eventos horizontais e singulares na *experiência coletiva* não só de um povo específico, mas como rastro de experiência do encontro e da colisão entre mundos. A memória, os sonhos, a oralidade e as encantarias são as forças linguísticas utilizadas pelos povos indígenas para gerar o salto, a causa e a ruptura com a *história e o espaço-tempo colonial*. Ao passo que retomamos nossas narrativas no presente, criamos ondas de impacto no futuro e, assim, reverberamos sobre o passado, transformando narrativas de dominação e colonização em lutas de resistência e força de vida com a Terra. Ao afetar toda a narrativa histórica em seu curso *normal* também afetamos a maneira como a consciência sente e percebe e, ao fazer isto, manipulamos e criamos a nossa própria relação de vida. Desse modo, nós, indígenas, a partir da *cosmometodologia* das *retomadas*, narramos, contamos nossas próprias experiências coletivas de vida (histórias) a partir do futuro, modificando o passado, firmando o presente. As *retomadas* são eventos sincronísticos indígenas que criam *singularidades* e se efetivam por

¹⁷ Me utilizo desta palavra por falta de uma melhor.

métodos diferenciados de narrar, sentir e viver os espaços-tempo. Portanto, as *retomadas* serão as *cosmometodologias de pesquisa* que utilizarei neste trabalho.

2.9 Retomadas: cosmometodologia dos mundos indígenas

Em todo este capítulo falamos sobre as possibilidades de percepções diferentes em relação à linguagem e à vida, apresentamos filosoficamente as percepções dos mundos indígenas de perceber a linguagem e, junto a esta demonstração, trouxemos também o que iremos nos utilizar como metodologia da pesquisa ou, como gosto de chamar, cosmometodologia de pesquisa. As *retomadas*, como foi dito no decorrer do capítulo, será abordada por nós como *cosmometodologia* de pesquisa para acessar, pensar, sentir e apresentar outras percepções e afinidades por onde a linguagem pode acontecer junto à vida, ao planeta, ao sistema solar, à nossa galáxia e ao nosso universo observável e invisível. A coletividade dos povos indígenas será abordada aqui como *cosmometodologia* de pesquisa por meio das *retomadas*.

A afinidade de percepções dos muitos mundos indígenas cria a necessidade didática, academicamente falando, de se pensar e sentir uma *cosmometodologia* para que as ciências ocidentais entendam em sua linguagem de comunicação que nossos povos indígenas têm suas diferentes maneiras de *pesquisar* e seus diferentes *métodos de pesquisa*. Realizar esta pesquisa por metodologias criadas por matrizes de pensamento ocidental deixaria mais distante ainda a percepção das afinidades dos mundos indígenas que aqui busco apresentar como possibilidade e probabilidade de ação nos pensamentos e estudos da linguagem. Portanto, as *retomadas* não são *cosmometodologias* de pesquisa apenas, mas estão sendo utilizadas como, causando a descontinuidade do pensamento ocidental. As *retomadas* são *cosmopercepções* de vida, que se utilizam das linguagens por outros meios de percepções e afinidades para ir retomando os *jeitos de ser* de cada povo indígena. As *retomadas* indígenas são as forças e energias de repulsão des e anticoloniais contra a pressão e a gravidade colonial.

Pensar as diferentes percepções de mundos indígenas e, a partir disso, *criar* uma *cosmometodologia* para *observar* e sentir estes mundos não é um caminho fácil, primeiramente por que os mundos indígenas não são genéricos, portanto, nenhum modelo irá satisfazer as percepções de maneira geral e universal. Assim, a *cosmometodologia* das *retomadas* funciona por afinidades de percepções com o *campo* ancestral e as *singularidades coletivas* que compõem o território. Então, cada território acessado vai ter sua afinidade de percepção e irá formar sua *cosmometodologia* de ação e comunicação em forma de *retomada* com aqueles que

estão envolvidos no aqui-agora. Portanto, a *cosmometodologia* das *retomadas* irá se apresentar junto às mudanças do *campo* ancestral do território e aqueles que buscam sentir e con-fluir junto conectam-se ao *campo* e colapsam as *in-formações* trazidas ali. Não somos nós os *pesquisadores* que iremos chegar ao *campo* e *pegar* o que cultivamos na *ideia*. É o *campo* ancestral junto ao território que irá se apresentar, se você conseguir sentir e con-fluir em seu ritmo e, a partir da sua afinidade de percepção com o território e seus *campos*, não existe um desenvolvimento. A *cosmometodologia* de pesquisa das *retomadas* tem por princípio o envolvimento.

Quando pensamos em metodologia de pesquisa, estamos pensando em como fazer a apresentação de um pensamento juntamente com os *dados* que aquele pensamento irá confluír. Quando pensamos em metodologia de pesquisa, também estamos pensando no que faz da ciência a *luz* da sociedade, mas esta *luz* é natural ou artificial? Pensar metodologias de pesquisa nos faz também pensar em história e em como foi construída historicamente a narrativa de que só os ocidentais *civilizados*, através dos seus métodos científicos, fazem ciência *de verdade*. Propor metodologias baseadas no pensamento ocidental é aceitável, propor metodologias usando como sentido as percepções, narrativas e filosofias dos povos indígenas é questionável por quê? Sobre este questionamento gosto de pensar junto à parenta indígena Linda Tuhiwai Smith:

Visões a respeito do Outro já existiam há séculos na Europa, mas durante o Iluminismo tais concepções tornaram-se formalizadas através da ciência, da filosofia e do imperialismo, em um explícito sistema de classificação e “regimes de verdade”. A *racialização* dos seres humanos e da ordem social gerou comparações construídas entre “nós”, o Ocidente, e “eles”, o Outro. A história foi narrativa das pessoas que foram reconhecidas como *completamente humanas*. Os Outros que não foram reconhecidos como humanos (isto é, capazes de autoatualização) eram pré-históricos. Esta noção está relacionada também ao constructo senhor-escravo de Hegel, que tem sido aplicado como uma categoria psicológica (por Freud) e como um sistema de ordenamento social. (SMITH, 2018, p. 46-47)

A partir da perspectiva de história contada pelos ocidentais, a história se torna *oficial*, assim como a ciência e a filosofia. Os indivíduos que *construíram* as histórias, as ciências, as filosofias *oficiais* foram os mesmos que *construíram* as perspectivas de mundo *moderno* e que se atualizou em *Estado-Mercado* onde todos morremos hoje e isto é considerado totalmente e naturalmente racional.

Então, por que pensar uma *cosmometodologia* de pesquisa indígena? Primeiramente, porque existimos e segundo porque resistimos. A possibilidade de uma *cosmometodologia* a partir do pensamento indígena tensiona as forças epistemológicas em conflito. Pensar uma

cosmometodologia de pesquisa a partir das práticas indígenas é apresentar outras ações na vida e, ao mesmo tempo, destronar o pensamento ocidental e o seu discurso que afirma que só eles fazem história, linguística, filosofia e ciência. O movimento das *retomadas* é um movimento de *des-colonização*, de retrocausalidade¹⁸ histórico, linguístico e filosófico, a busca pela quebra da quarta parede espaço-temporal oficializada pelos mundos modernos. A libertação dos mundos indígenas e a ampliação do pensamento que vivemos num só planeta e temos que cuidar das matas para não nos autodestruirmos é uma das propostas e consequências dos pensamentos indígenas, diferente dos pensamentos e práticas ocidentais que nos trouxeram até aqui à beira de um colapso, sendo otimista. A busca por *cosmometodologias* indígenas de pesquisa impõe que possamos nos abrir para outros mundos e fazer ciências entre mundos. As *retomadas* como *cosmometodologias* não é apenas uma crítica à perspectiva ocidental de ciência e de seus métodos de avaliação, as *retomadas* são as forças das nossas narrativas ancestrais como *horizontes de eventos* históricos, linguísticos, científicos e filosóficos.

É extremamente raro e incomum no cenário internacional que os relatos indígenas sejam aceitos e reconhecidos como interpretações válidas do que aconteceu. Entretanto, contar nossas histórias ainda é, sim, um forte imperativo de uma poderosa forma de resistência. (SMITH, 2018, p. 49)

O deslocamento conceitual é uma prática filosófica que pode ser utilizada para descolonizar alguns conceitos tidos como *naturais* pela academia moderna, assim como também podemos utilizar o conceito de experimento mental para colocarmos em prática maneiras de manifestação da linguagem, isto é, pensar didaticamente outras perspectivas filosóficas e cosmológicas.

Porém, o deslocamento conceitual em alguns casos não é *suficiente*; é necessário, a partir disto, dar o *salto conceitual* e pensar não só didaticamente, mas propor um conceito. O deslocamento conceitual parte da perspectiva de que um conceito é algo acabado e que, ao deslocá-lo, ele *irá esticar* sua *estética de apresentação* conceitual, sendo modificado cada vez mais a cada uso diferente do sentido, acarretando nesse deslocamento conceitual um *desgaste* da sua função como conceito, assim levando-o até seu limite, modificando-o como conceito. O desnível entre um nível conceitual e o limite de conceito entra em colapso e o conceito e o seu nome e função não se identificam mais. Assim, ocorre o *salto conceitual* do nome e do sentido. É isto que estamos buscando quando usamos as *retomadas* como *cosmopercepção* metodológica indígena. *Saltos conceituais* na linguagem.

¹⁸ É um conceito da física, me utilizo dele de maneira livre para pensar a linguagem, a filosofia e a história.

A *cosmometodologia* que iremos propor e utilizar tem em seus pensamentos perspectivas retrocausais. Os efeitos e os eventos que ainda não aconteceram afetam o *campo* da vida no aqui-agora, isso nos faz pensar por outras percepções de *presente, passado e futuro*. As *retomadas* acontecem também nos fluxos retrocausais. A força da retrocausalidade das *retomadas* indígenas atua nos sonhos, memórias, oralidades e *encantarias*, contando as *experiências coletivas* (as histórias) por outros modos distintos dos *oficiais*. As *retomadas* e seu caráter retrocausal retomam as narrativas orais através das memórias dos lugares, pelas dimensões, planos e relatos dos sonhos, assim como também pelas interações, comunicações e conexões com os seres *encantados*. Desse modo, transpassamos e transformamos o *passado oficial* sobre nossos povos, criando novas memórias do nosso *lugar de escolha*.

As *retomadas* como método de *cosmopercepção* de pesquisa são um método de relação com a vida. A *cosmometodologia* é *campo* de ação que co-manda, manda fazendo e co-teoriza, cria junto, é uma relação de pesquisa com a vida. Para que possamos nos utilizar das *retomadas* como *cosmometodologia*, é necessário con-fluir com elas. Não existe separação binária, ou seja, observador e objeto não existem, não existe separação entre atividade e componente. As *retomadas* são atividades, *cosmometodologias*, a *pesquisa* não está separada da vida e nem da ação, ela é componente de conexão. As *retomadas* são os *métodos* de relação e percepção da atividade com a pesquisa, elas compõem *campos* de ações *cosmometodológicas*.

O *campo* da linguagem ancestral existe num plano da realidade de narrativa de espaço-tempo de um povo, este plano não é o mesmo do plano da observação *oficial*. A linguagem ancestral se modula no *campo* do invisível aos aparelhos e aos olhos de observadores ocidentais, porém está linguagem ancestral manifesta-se na vida cotidiana dos povos em *retomada*. A força e a energia como linguagem não podem ser detectadas, mas elas podem ser vistas quando entram em colapso com a realidade de conflito da *guerra dos mundos* a um minuto do fim, onde estão os povos indígenas e os mundos *modernos*. As *retomadas* como *cosmometodologias* captam estas linguagens em suas energias que são percebidas em seus cotidianos, muitos povos indígenas se utilizam das *retomadas* como metodologia para retomar seus planos ancestrais de conexão com as narrativas da Terra, isso proporciona uma conexão com os antigos, pois o futuro interfere no passado e o passado cria o presente.

Podemos acessar o nosso *passado* pela memória ancestral e alterá-lo já que os fluxos de espaço-tempo são diferentes e o momento presente, que se torna aqui-agora, é o *futuro* do nosso *passado* e, assim, as *cosmometodologias* indígenas retomam seus mundos, *des-colonizando* narrativas, desmentindo histórias *oficiais*, desmistificando as visões filosóficas e antropológicas que os ocidentais têm dos mundos indígenas. Os *campos* das *in-formações* que criam as

linguagens ancestrais transpassam-se pela Terra e são percebidos por aqueles que têm afinidade com o território. Os colapsos são os *efeitos* que encontram a imagem gerada na psiquê do *olhar* de quem vê. As percepções de afinidades têm *amplitude* de percepção muito maior, ela percebe potências extrafísicas que alteram a mente. Já os colapsos estão limitados ao entendimento dos sentidos físicos.

A “seta do tempo desaparece quando não estamos em vigília”. O que quer dizer esta afirmação em relação à nossa *cosmometodologia*? A *seta do tempo* aqui é o referencial do tempo linear com o qual temos a impressão de *passar com os dias*, esta percepção espaço-temporal é a percepção basilar da maioria das metodologias utilizadas na academia e pela ciência ocidental. O estado de vigília nos leva a pensar que existe um *estado real* para as coisas, ou seja, uma *realidade consciencial comum* a todos, que o agora existe e vivemos em simultaneidade. Aqui trazemos a perspectiva de não nos basearmos só pela *seta do tempo*, nem pelo estado de vigília, mas também por outras perspectivas de espaço-tempo para pensar a linguagem e os acontecimentos pela *cosmometodologia das retomadas indígenas*.

Apresentamos outras perspectivas de espaço-tempo e não vamos nos basear apenas pela orientação do estado de vigília para pensarmos a vida, ou seja, a pesquisa. Nos utilizaremos dos sonhos como atividade narrativa cosmológica de perspectiva dos mundos indígenas que transcende o estado de vigília, iremos nos utilizar dos sonhos para pensar as relações espaço-temporal dos acontecimentos, das linguagens e das narrativas nesta pesquisa. Portanto, nos utilizaremos dos sonhos, para pensar, também, as diferentes realidades de ação, conhecimento e ciência dos mundos indígenas. Todas as experiências coletivas dos muitos mundos indígenas existem nos mais diferentes planos, tanto na vigília quanto no sonho, são *horizontes de eventos* onde todos co-habitam e transpassam o mesmo planeta, onde somos todos parentes. A *cosmometodologia das retomadas* são maneiras de retomar as forças dos nossos povos. Portanto:

As narrativas de experiências coletivas indígenas não são réplicas, elas acontecem em locais que não se replicam, pois cada uma é vivida, percebida e sentida na fundação de um mundo e um povo singular. As narrativas de formação dos mundos indígenas são singulares para cada povo, mas não se replicam para os outros povos. Cada povo tem em seu sentimento rítmico ancestral, sua narrativa singular. (TAKARIJU, 2021, p. 136)

Este método de pesquisa que estou propondo e utilizando narra, a partir da perspectiva indígena, modos de pesquisar e se relacionar com os diferentes mundos (realidades), portanto, este *método* não se separa da vida. O tema da minha pesquisa é a vida e as relações de linguagens

entre os mundos indígenas e o método que estou utilizando para isto é o método das *retomadas* que, ao mesmo tempo em que narra como funciona estas relações, vai *emaranhando* e criando novas relações. A pesquisa vista pelo viés acadêmico ocidental prevê o *fim* da pesquisa, pois entende que estamos replicando e recortando um momento, porém para nós, indígenas, a pesquisa nunca termina, pois é sobre a vida que investigamos e as relações que a transpassam. É um método coletivo.

Nas lacunas da história “oficial”, continuamos a viver e sentir nossos espaços-tempo singulares de cada povo, nos encontrando com os encantados, aprendendo os cânticos e nossas linguagens energéticas que nos fazem povos originários indígenas, alcançando nosso lugar de escolha. Assim, nossos avós abriram os portões dos mundos para nós entrarmos, e, hoje, a Terra que se chama Nordeste vê ascenderem os povos originários indígenas daqui. Nossa retomada é coletiva. (TAKARIJU, 2021, p. 138)

As modificações coletivas do *passado oficial* acontecem através também das *retomadas*, é um método não só de pesquisa, mas uma crítica ao conceito de história ocidental e à criação de outras maneiras de narrar. É um movimento de *des-colonização*, um método de *des-colonização* que, ao mesmo tempo, cria novas referências e perspectivas de vida, história, linguagem e filosofia, a partir dos mundos indígenas. As *retomadas* são o *método das retomadas* das nossas perspectivas de mundos, linguagens e vida. O *método das retomadas* retoma histórias e as narra a partir da nossa perspectiva, isso traz cura ao nosso povo, retoma conhecimentos, fortalece e faz despertar nosso *passado* no aqui-agora. Se no mundo *moderno* a temporalidade e espacialidade são condicionadas por uma convenção *progressiva*, estimulada pelo pensamento ocidental, todas as versões possíveis do *passado* já existem como superposição. Assim, podemos, a partir de nossas narrativas e das *retomadas*, atentar para nossas *experiências coletivas* e eleger nosso *lugar de escolha*. Viver pela conexão com a vida, onde a versão do *passado* é aquela que escolhemos e narramos e não aquela que nos foi ensinada e implantada como *código-fonte* de narrativa do *Estado-Mercado* em forma de história *oficial* do país. Se levarmos o método das *retomadas* como metodologia de pesquisa a sério, no mínimo iremos propor revisionismos históricos como força de questionamento a partir deste método, pois os mundos indígenas que ascendem põem a história, a filosofia e a linguagem *oficial* em xeque.

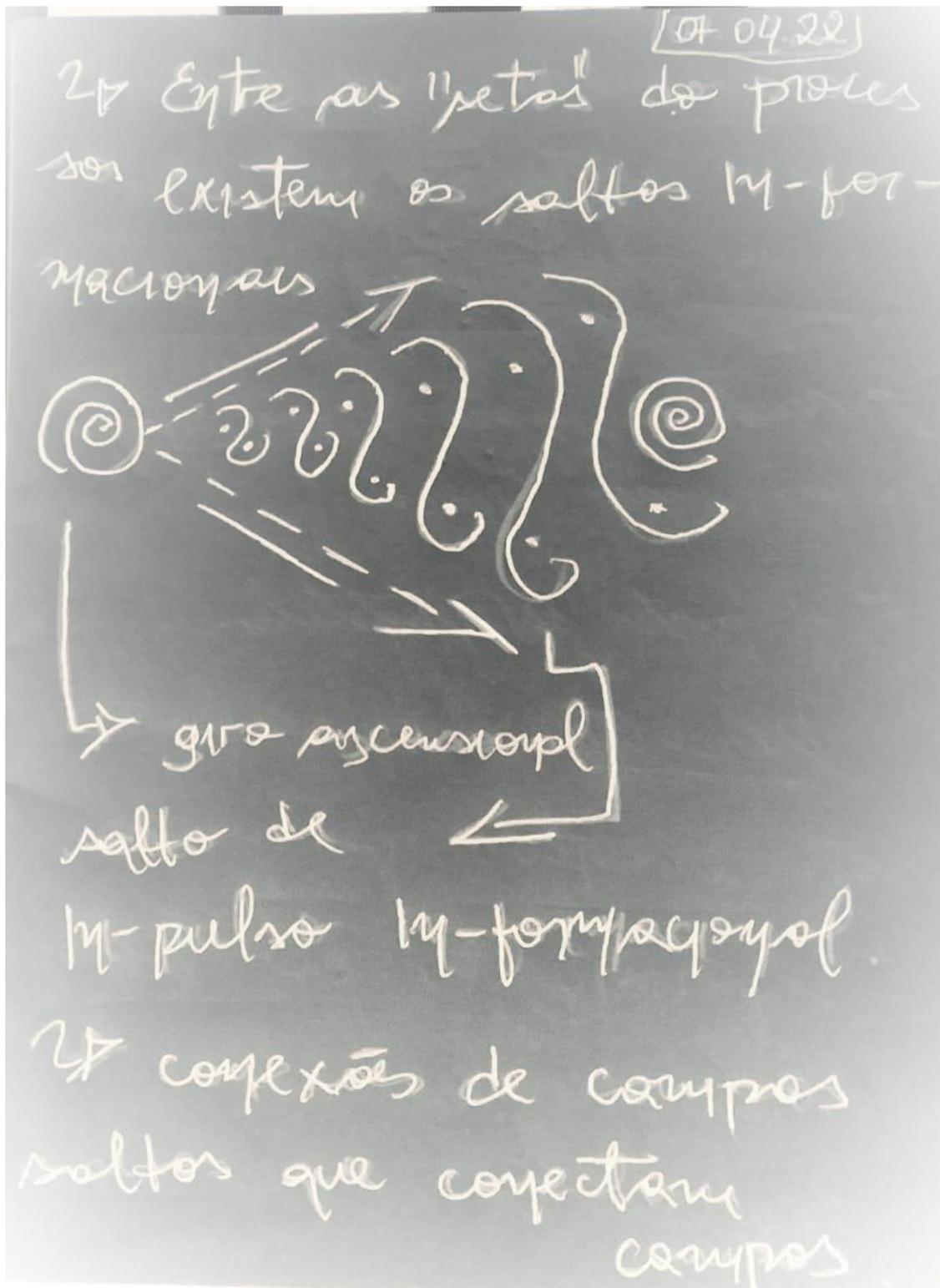
Assim, componho minhas perspectivas de pensamento com a fala da parenta indígena Linda, que diz:

O que se afirma, no entanto, é que as novas maneiras de teorizar dos acadêmicos indígenas estão fundamentadas em um real sentido de – e sensibilidade para – o que significar ser uma pessoa indígena (SMITH, 2018, p. 53)

A linguagem da teoria pode ser usada como uma maneira de organizar e determinar as ações. Permite-nos interpretar o que nos é dito e prever as consequências do que nos prometem. A teoria também pode nos proteger, porque nela está implícita uma maneira de colocar a realidade em perspectivas. Se for uma boa teoria, também permitirá que se incorporem novas ideias e maneiras de ver as coisas, sem a necessidade de buscar constantemente novas teorias. (SMITH, 2018, p. 54)

[...] é importante termos uma compreensão crítica a respeito de alguns instrumentos de pesquisa, obviamente não somente instrumentos técnicos, mas de instrumentos conceituais que nos fazem sentir desconfortáveis, que evitamos, e para os quais não temos respostas fáceis. (SMITH, 2018, p. 55)

Figura 6 - Saltos e giros de in-pulsos e in-formações



Fonte: O autor.

CAPÍTULO 3 – LINGUAGEM E RETOMADA INDÍGENA

Figura 7 – Portal de moitas



Fonte: O autor

3.1 Uma atualização do começo do fim¹⁹: a lei como linguagem de campo do cárcere

Com o avanço da colonização e a destituição do sistema sesmarial, em 1757 com o diretório pombalino, as missões de aldeamentos religiosos deixam de existir e suas terras são cedidas a fazendeiros, fechando ainda mais o cerco sobre os grupos indígenas que agora estão sob seu domínio. Assim, a colonização vai avançando e massacrando nossos povos originários como um todo: as armas de guerra vão matando os nossos, a Igreja vai formando um sistema dual, cruz e espada, as fazendas vão implantando as classes sociais, os cartórios e as câmaras municipais vão forjando e legitimando o roubo das terras a partir dos papéis e da ciência, que se tornaram as duas únicas formas oficiais de registro. (TAKARIJU, 2021, p. 49)

As atualizações da *guerra dos mundos* acontecem por aqui desde a invasão dos mundos europeus aos mundos indígenas. As maneiras de violência, de exploração, de controle, assassinato e exclusão são oficializadas e atualizadas de acordo com o mercado e os ideais de sociedade que vieram com as caravelas influenciam a forma de se relacionar e que visam ao desejo do consumo como relação primordial. Nesse contexto, invoco uma das leis de um período da *guerra dos mundos* que, na minha visão, modificou cosmologicamente a percepção da guerra, fazendo isto a partir da proibição de linguagens ancestrais dos modos de vida dos mundos indígenas e implantando como lei os modos de produção e sociabilidade da sociedade capitalista. Estou me referindo ao Diretório dos Índios²⁰ que, em suas configurações, buscou uma mudança na relação da coroa com os povos indígenas. O Diretório trouxe outras perspectivas relacionais que envolvem uma *transpassagem conceitual* e a criação de identidades genéricas. Ele dá início a uma fase cosmológica da *guerra dos mundos* que se atualiza até hoje, uma guerra de identidades e de identificações perante o *Estado-Mercado* que resultam em direitos e posses. O indígena que, no início da guerra de colonização, era *selvagem* e que depois foi *aceitando* a catequização, tornou-se *índio manso aldeado* e, no decorrer dos séculos de violenta repressão, estes mesmos indígenas foram se tornando *aculturados* aos

¹⁹ O termo se refere ao Diretório dos Índios como uma lei de que atualiza a colonização, porém, iniciando uma nova fase, saindo do período de relação colonial primitivo, para um regime colonial moderno, iniciando os modernismos levando o Brasil no rumo do Estado e a criação de leis que forjavam o brasileiro.

¹⁹ Foi uma lei elaborada em 1755, e tornada pública em 1757, por D. José I, rei de Portugal, conhecida como lei pombalina, por ter se tornada pública pelo Marquês de Pombal. A lei dissolvia os aldeamentos de missões indígenas, elevando-os à condição de vila, administrada por um diretor. O uso de outro idioma que não o português era proibido e os indígenas deveriam ter sobrenome português. A nudez foi proibida, a mestiçagem estimulada, as habitações coletivas e o uso da língua brasileira (*nheengatu*) foram proibidas, e quem desobedecesse poderia ser punido com prisão e morte.

²⁰ Foi uma lei elaborada em 1755, e tornada pública em 1757, por D. José I, rei de Portugal, conhecida como lei pombalina, por ter se tornada pública pelo Marquês de Pombal. A lei dissolvia os aldeamentos de missões indígenas, elevando-os à condição de vila, administrada por um diretor. O uso de outro idioma que não o português era proibido e os indígenas deveriam ter sobrenome português. A nudez foi proibida, a mestiçagem estimulada, as habitações coletivas e o uso da língua brasileira (*nheengatu*) foram proibidas, e quem desobedecesse poderia ser punido com prisão e morte.

modos de se relacionar com a vida dos invasores europeus. Assim, para o senso comum, os *índios* agora eram brasileiros e oficialmente a coroa os tratava assim, são pobres brasileiros, com quem hoje o *Estado-Mercado* mantém a mesma relação. Essa mudança de percepção cosmológica de pertencer ao mesmo mundo dos invasores causou e causa muitas confusões na relação entre o *Estado-Mercado* e os povos indígenas. Foi a partir dessa manobra cosmológica da colonização que muitos indígenas e muitos povos perderam seus territórios sagrados que foram transformados em vilas, cidades, fazendas, ou seja, em propriedade privada ou propriedade do *Estado-Mercado*. O Diretório dos Índios foi um movimento cosmológico trazido para *modernizar* as formas de relação, exploração e ocupação no Brasil, onde os povos indígenas foram os povos unicamente afetados por sua violência em forma de Lei.

O Diretório agiu de duas maneiras ao mesmo tempo: ele assimilava e aculturava os indígenas que já viviam em cativeiro nas aldeias, fazendas e sesmarias há séculos e agora atualizava essa assimilação e aculturação impondo a estes indígenas o regime das vilas e câmaras municipais. E ao mesmo tempo incriminava e chamava de selvagens e de *inimigos* aqueles que são contrários ao progresso. Os inimigos da coroa são aqueles indígenas que não participavam do jogo colonial articulado pelas vilas e localidades administradas pelo império. Assim, o Diretório dos Índios foi um reforço cosmológico no avanço colonial da criação de identidades nacionais, que apaga a singularidade e ancestralidade dos povos indígenas. O império cria a narrativa de que os indígenas que lutavam na resistência por seus mundos e seus territórios e suas línguas e linguagens são inimigos e impõe a narrativa de guerra em busca de uma paz metafísica. A colonização não acabou, estamos sendo invadidos neste exato momento. É tacanha a perspectiva de que o Brasil ou qualquer outro país invadido pelos colonizadores esteja em paz. O Brasil não está em paz, nunca houve paz desde a invasão dos europeus, os povos indígenas estão em guerra contra o colonialismo faz 523 anos.

A *transpassagem conceitual* que acontece depois que o Diretório é implantado muda a condição relacional com que o império vai se impondo em relação aos povos indígenas. A mestiçagem vai ser mais e mais incentivada e até mesmo forçada para que o povo se misture e o fenótipo dos seus descendentes mude e o brasileiro tenha um *rosto*. Assim, o mito da mestiçagem das três raças surge. Mais uma mentira colonial, pois a mestiçagem é até hoje uma prática utilizada de muita violência, basta nos lembrarmos das meninas Yanomami que engravidaram fruto dos estupros praticados pelos garimpeiros. Portanto, a mestiçagem e o seu resultado fenotípico agora são fatores de demarcação racial. É no período do Diretório dos Índios que começa a se utilizar do fenótipo como marcador de identificação dos povos indígenas para criar uma falsa narrativa de purismo e separar dos povos que se misturaram e que vivem

nas cidades e vilas. Estes não são mais indígenas, são no máximo descendentes. E o quem são estes povos e comunidades? A resposta: pobres. Oficialmente, para o *Estado-Mercado*, aqueles povos indígenas que vivem nas vilas e moram nas periferias das cidades deixam de ser um povo originário que têm seu território e sua língua, para ser mais um pobre brasileiro.

Na prática da lei e na história colonial, esta mudança simboliza uma próxima fase no processo de identificação e de formação de uma nação. É uma atualização da sociedade implantada aqui pelos invasores e isto acontece de tempos em tempos na *guerra dos mundos*, pois aqueles que estão no poder colonial/imperial/estatal até hoje precisam atualizar suas formas de explorar a Terra e de roubar os povos indígenas.

A mudança no jeito de viver e ter as relações foi alterada, mas a linguagem daquele povo continua nos modos de ensinar e viver dos clãs e das famílias indígenas. Mesmo morando nas periferias das grandes metrópoles do Brasil, ainda têm conexão viva e forte com seus antigos e com seus territórios de relação. A linguagem ancestral desses povos resiste e está sendo retomada em diferentes ações, nas periferias, no sertão, no litoral, na serra. Em todo o Brasil, povos que antes foram silenciados estão acordando seu nome.

Os efeitos da colonização continuam hoje, pois ela não acabou, eles se atualizam no cotidiano e são disseminados pela educação que ratifica uma história oficial de um *Estado-Mercado* colonial e, a partir disso, cria mitos, datas comemorativas e se ensina isso na escola. O senso comum se forma na escola, no boca a boca. A educação básica deveria servir para que pudéssemos questionar a condição dos povos indígenas na formação do *Estado-Mercado* Brasil, mas isto não acontece e nem vai acontecer, pois o próprio sistema de produção que mantém a desigualdade e a exploração da Terra não vai parar espontaneamente.

A história colonial oficial do Brasil cria uma *zona alien*, onde tudo que não é progresso é colocado lá para morrer. Os povos indígenas sempre foram contra o progresso da destruição da Terra, portanto, desde a invasão, os indígenas são colocados nesta *zona alien*. A *zona alien* é o lugar daquele que está contra a moral e o *Estado-Mercado*, portanto, se ele morrer não importa. A *transfiguração conceitual cosmológica* dos povos indígenas nessa camada *alien*, ou seja, *de fora* da moral e do progresso do *Estado-Mercado* é uma manobra conceitual que permite na cabeça do cidadão comum acreditar que os indígenas têm que morrer mesmo, pois eles estão atrasando o progresso e que a sua morte não tem tanta importância assim. Ou seja, é mais uma vez a atualização do conceito de primitivo e selvagem.

A experiência colonial transforma o indígena em pobre, sem-terra, pedinte nas grandes metrópoles, em refugiado, em indigente, ou seja, é uma violência que perdura e acontece todos os dias há 523 anos, é o movimento de ataque colonial na *guerra dos mundos*, é o avanço da

colonização nos dias de hoje. Querem destruir os povos indígenas e suas *singularidades coletivas* e conexões ancestrais com a Terra e roubar seus territórios e suas almas para continuar a devorar o planeta em seu *desejo de consumo*.

Todo esse contexto de *transpassagem conceitual transformou* o social e as maneiras de resistir e de agir, isto provocou mudanças severas nas estruturas ancestrais e espirituais destes povos indígenas, principalmente no Nordeste, local de primeira invasão, modificando suas formas de lutar, de se organizar e resistir. Não podemos esquecer que o Diretório dos Índios foi um ato de política indigenista, adotado pela coroa na figura de Marquês de Pombal, assim como já existiu o SPI e hoje existe a FUNAI, ou seja, políticas de Estado arquitetadas para tutelar e transformar os indígenas em pobres, doentes, sem-terra, sem ancestralidade, sem história de povo, ou seja, para excluir e matar. Por isso, no título a expressão: “*uma atualização do começo do fim*”, pois muitos mundos indígenas, principalmente no Nordeste, tiveram seu fim. E ainda hoje, o *começo do fim* é todo dia, pois a guerra nunca terminou, porém no *começo do fim* há sempre uma retomada brotando.

A partir do Diretório dos Índios, outras atualizações da perseguição e destruição das populações indígenas aconteciam e eram justificadas pelas leis de cada localidade, que atualizavam o Diretório a partir do contexto local a partir das investidas e demandas indígenas.

As leis do Diretório tornaram-se extensivas ao resto do Brasil através do alvará de 8 de maio de 1758. Essa nova fase das vilas marca a substituição da autoridade do missionário pela autoridade dos ocupantes dos cargos e dos colonos, imposta por normas legais. O sistema pombalino permitiu, assim, uma intervenção direta da administração civil, buscando a transformação dos índios em vassalos fiéis e cumpridores de obrigações, entre as quais se destaca o pagamento de impostos. (SILVA, 2005, p. 83)

Aqui no Ceará, uma atualização contextual do Diretório foi sancionada e dizia que os indígenas que viviam em vilas não podiam ir e vir livremente pela própria vila e não podiam também circular por outras vilas sem ter um documento de identificação que determinava que aquele indígena fosse um trabalhador, ou seja, que ele tinha um senhor. Este documento tinha o nome de passaporte. Aqueles que perambulavam pelas vilas e outros territórios sem o passaporte ou que não tinham o passaporte eram chamados índios dispersos, *vadios*, podendo ser considerados foragidos, podendo ser caçados e punidos como era previsto em Lei. Ou seja, mesmo o indígena que vivia de acordo com as leis do império era tratado sempre como um fugitivo e um inimigo, um prisioneiro, escravo, já que caminhar livremente pelo território era proibido. Aqui se instaura mais uma concepção e conceito sobre a imagem do indígena na

sociedade colonial. A imagem e o conceito de vagabundo e vadio são atualizados no corpo e no espírito do indígena. Os modos de ser dos povos indígenas na experiência colonial têm caráter negativo, incutindo-lhes mais uma chaga civilizatória que viabiliza e legitima seu preconceito, racismo e extermínio.

A dispersão, como era chamada a infração cometida pelo indígena que fosse pego sem passaporte, vadiando, é uma aplicação conceitual dessa nova imagem do que representam para a coroa e os europeus os indígenas. Aqueles indígenas que viviam nas vilas e não queriam se fixar no trabalho digno eram punidos pela lei de dispersão. A dignidade vinculada ao trabalho nessa forma *moderna* de sociabilidade nos remete a um diferente conceito de trabalho, que não existia nos mundos indígenas, este conceito vem junto com a colonização e é implantado com o auxílio da igreja na catequização, isto vai forjando uma *psique* doente, onde trabalho é sinônimo de dignidade e também de produção e o não-trabalho é sinônimo de preguiça e de vagabundagem, daí nascem dois mitos: o da produtividade, de que *tempo é dinheiro* e o que chama o indígena de preguiçoso.

Na perspectiva desse conceito de trabalho ligado à questão moral da dignidade, o sujeito só tinha valor moral e social se trabalhasse, ou seja, se fosse obediente, trabalhasse, produzisse e sustentasse o império e, posteriormente, o Estado. Porém, até hoje, o pobre e o indígena, mesmo trabalhando, não alcançam essa dignidade. Ele sempre será visto pelo imperialismo/colonialismo como um número no lucro de consumo. Ou seja, as diferentes organizações indígenas no Brasil, até hoje, possuem dois lugares de conflito com o *Estado-Mercado*: a *zona alien* e a zona de guerra. Todos os povos indígenas estão na *zona alien*, pois são considerados inferiores pelo *Estado-Mercado*, mas nem todas as organizações indígenas estão em guerra direta com o *Estado-Mercado*, mas o Estado e o Mercado estão sempre invadindo os territórios indígenas. Existem alguns exemplos de povos indígenas que estão em guerra direta contra o *Estado-Mercado*, como o EZLN (Exército Zapatista da Libertação Nacional).

Estes povos que resistem até hoje de maneira direta antigamente eram chamados, pela política colonial da coroa, de indígenas *selvagens* e hoje são chamados de terroristas, essa é outra tática para deslegitimar a luta dos povos indígenas pela sua sobrevivência, pela Terra e por seus territórios. O controle das narrativas forma a opinião pública e o senso comum e coloca os indígenas sempre no lado negativo da moral do *Estado-Mercado*. Estes povos se organizam e pensam diferentemente e veem no conceito e no modelo de trabalho instituído no capitalismo a escravidão. O conceito moralista de dignidade é introjetado junto ao trabalho e à produção e

é usado como artifício para ir moendo os indígenas e os pobres na esteira violenta da produção em massa.

O conceito de trabalho do ocidente tem valor moral, social e espiritual, o espírito do capital é o *desejo de consumo*, que implanta a escravidão pelo trabalho, seja ele trabalho escravo ou assalariado, as maneiras de exploração, destruição, lucro e consumo só aumentam. Desse modo, observamos que o conceito de trabalho se atualiza junto ao sistema colonial e ao sistema de produção de morte capitalista. As atividades indígenas não são entendidas e nem vistas como caminhos *modernos* de produção e de trabalho pelo Estado-Mercado. Nas *cosmologias indígenas*, não existem valores morais e sociais que justifiquem a servidão, a produção e o acúmulo exagerado de bens para uns, enquanto a maioria vive na miséria. O capitalismo gera destruição, as cosmologias indígenas e suas atividades geram coletividade e vida. As linguagens do capitalismo e da colonização vão se atualizando e cristalizando um modo de produzir lucro que só traz a morte. As linguagens ancestrais indígenas ganham força e são energias de retomada dos povos indígenas e da Terra contra o capital.

As atividades de vida para os povos indígenas são processos de experiência e aprendizados coletivos que ampliam as capacidades do bem viver entre os povos e as dimensões do *campo* da Terra. O trabalho cria meritocracia, doenças e competição, já as atividades coletivas indígenas criam expressões coletivas de vivência e cooperação, não só entre o próprio povo, mas entre outros povos e seres da mata e do planeta, seja no plano físico e invisível. Atividade *versus* Trabalho, *coletividade versus meritocracia*: aqui vemos algumas diferenças entre os modos de vida dos mundos em conflito.

A máquina colonial cria dispositivos de identidade cosmológica e vai narrando a partir das verdades coloniais. Assim, os dispositivos identitários *oficiais* são criados e consolidados pelo sistema de sociabilidade colonial que vão se atualizando com o mito do progresso. De *índios selvagens* a *índios mansos*; de *índios aldeados* a *índios desaldeados*; de *índios vilados* a *índios dispersos* até perder o acesso e a conexão com as linguagens ancestrais e se tornar pobre, sem-terra, sem povo, sem ancestralidade, sem emprego, morador da periferia. A *zona alien* é a herança miserável que sobrou para nós, indígenas, uma certidão de nascimento dizendo que você é brasileiro, mas lhes tirando tudo. Este é o mito da colonização, da civilização, do progresso e da cidadania.

A história oficial de um Estado-Mercado-Nação esconde a história de mortes, roubo, ganância, estupros, genocídio, escravização e extermínio da Terra e dos povos que vivem com ela. A história “não-oficial” é a história do cotidiano, da resistência, da oralidade, da luta. (TAKARIJU, 2021, p. 54)

O modo de pensamento do *Estado-Mercado* em classificar os indígenas oficialmente cria cada vez mais mentiras coloniais e rixas de identidades entre os próprios os povos. A *singularidade* coletiva de cada povo vai ganhando rótulos de identidade conceitual nomeados pela ciência ocidental a partir dos trabalhos científicos dos não-indígenas feitos sobre nós, povos indígenas. Esse movimento conceitual coloca parente contra parente, elencando sempre um lado negativo para aqueles povos e parentes que buscavam resistir, de forma *não-oficial* batendo de frente contra o *Estado-Mercado*, lutando pela sua liberdade de forma diferente.

O imperialismo usa a violência colonial da guerra de extermínio e durante esses cinco séculos, alguns povos silenciaram e não querem se assumir como indígenas perante o *Estado-Mercado* em sua posição de luta oficial. Em Moitas e em muitas outras localidades, se observa a linguagem ancestral indígena do povo com o território influenciando seus modos de vida e sua relação com a Terra. O povo de Moitas, com quem estive, sabe de onde veio, eles continuam a cultivar suas forças ancestrais, suas linguagens ancestrais mesmo que, oficialmente, perante o *Estado-Mercado*, eles não se afirmem. O povo de Moitas é povo indígena e, aos poucos, os mais jovens de lá estão concentrando a força na luta pelo território para acordar seu nome.

No processo de atualização para o avanço da colonização na destruição da Terra e o rio de sangue continuar a jorrar lucro pelas veias abertas da Brasil, é necessário que os *código-fontes* dos mundos modernos sejam implantados a partir das instituições, agindo sobre os corpos, criando *campos* de atuação identitária. Este movimento na *guerra dos mundos* é articulado por tecnologias de invasão. As leis, a educação, a história, a literatura, as artes e os conceitos acerca da identidade de uma nação funcionam como algumas tecnologias de invasão, e estas tecnologias e dispositivos são atualizadas a partir do Mercado. Assim, o antigo dispositivo do Diretório dos Índios sofre esta atualização, da mesma forma como hoje temos o Marco Temporal e muitas outras PLs e PECs como atualizações das políticas de violência colonial contra os mundos indígenas.

O Diretório tinha como objetivo principal a completa integração dos índios à sociedade portuguesa, buscando não apenas o fim das discriminações sobre estes, mas a extinção das diferenças entre índios e brancos. Dessa forma, projetava um futuro no qual não seria possível distinguir uns dos outros, seja em termos físicos, por meio da miscigenação biológica, seja em termos comportamentais, por intermédio de uma série de dispositivos de homogeneização cultural. (GARCIA, 2007, p. 24)

O choque entre os mundos ocidentais e indígenas, com a invasão, em 1492, cria uma mudança de energia e de *campo* nos mundos indígenas e nos mundos ocidentais, mas também no *campo* da Terra e nos outros mundos que o compõem. As atualizações feitas no decorrer dos séculos de *guerra dos mundos* são constantes, a colonização não dorme, ela é o pesadelo em

vigília para os outros mundos. O diferencial relacional dos mundos em conflito pode ser explicitado também pela guerra conceitual, que atravessa e transpassa diferentes *campos* de ação, ampliando a violência colonial, por um lado, e fazendo *brotar as retomadas* e existências dos mundos indígenas, por outro. As relações diferenciais decorrentes da *guerra dos mundos* configuram as mudanças na maneira de lutar e resistir.

A antiga concepção de variação binária de raça em relação aos povos indígenas, que eram chamados de negros da terra, para se diferenciar dos africanos, estava ancorada na perspectiva da ancestralidade e religião. Com o advento do Diretório dos Índios, a classificação sobre quem é ou não indígena é atualizada e começa a ser abordada pela noção fenotípica do conceito de raça. Os invasores aglutinaram mais uma característica identitária para classificar os indígenas a partir das variações fenotípicas e assim justificar o desaparecimento de alguns povos pela aculturação e legitima o nascimento da identidade nacional do brasileiro. O processo civilizatório colonizador firma e confirma outra mentira colonial, a da diversidade racial do povo brasileiro, se utilizando do argumento fenotípico.

Antes da experiência colonial, não existia em Portugal a noção de raça vinculada ao fenótipo. No entanto, no desenrolar da colonização ultramarina, a escravidão se afirmou enquanto instituição social e foi, paulatinamente, sendo associada à cor do escravo, em grande medida negro e, em menor medida índio. Dessa forma, a sociedade colonial deu origem a novos critérios de classificação social que eles ocupavam. Estes novos critérios, porém, foram integrados dentro da lógica de classificação preexistente. Assim, à noção de raça baseada na ancestralidade e nas crenças religiosas, agregou-se um outro elemento: o fenótipo, enquanto definidor de hierarquia social. (GARCIA, 2007, p. 27)

“O Brasil é uma grande mistura de raças”, diz o senso comum e alguns antropólogos, o que faz com que o indígena desapareça do cotidiano, levando à conclusão de que quem tem o tom de pele que não é branca, é preto, excluindo o indígena, colocando-o apenas no local do passado, aqueles que vivem no mato, longe da cidade. Estas linguagens sociais criadas e implantadas no imaginário do cidadão vão se tornando linguagens, códigos fenotípicos culturais *naturais* no cotidiano do que é parecer *ser indígena*. É um movimento sutil, porém bem articulado pela máquina colonial de moer mundos. Os modernos são devoradores de mundos.

O Diretório dos Índios foi uma política indigenista de colonização, que inclui dentre suas ações violentas a implantação de uma política linguística de extermínio das línguas originárias de cada povo, mas sobretudo da linguagem ancestral de conexão entre povos indígenas, os povos *encantados*, a Terra e seus territórios ancestrais. Portanto, no Diretório dos Índios, existem alguns pontos que se dedicam explicitamente à implantação e imposição da língua e da linguagem invasora às populações indígenas.

Primeiramente, a percepção de acordo com a qual o uso do idioma nativo estava relacionado aos costumes tribais, em que um reforçava o outro. Em segundo, que a adoção do idioma civilizado redundaria na civilização dos costumes. Em terceiro, que a imposição da “língua do príncipe” acarretaria a sujeição dos povos conquistados. (GARCIA, 2007, p. 25)

A perspectiva de impor aos índios o uso da língua portuguesa, no entanto, tinha um objetivo bem claro neste período: buscava transformá-los em vassallos iguais aos demais colonos (GARCIA, 2007, p. 26)

O Diretório dos Índios como mecanismo de guerra cosmológica, atuando principalmente como mecanismo de linguagem da instauração dos planos de ação da invasão cosmológica do mundo moderno, configura-se, a meu ver, uma atualização do projeto linguístico colonial que traz como novidade a primeira investida de implantação do modernismo no Brasil. As investidas e os ataques da linguagem colonial *na guerra dos mundos* contra os mundos indígenas existem até hoje. Estamos em guerra linguística há 523 anos.

A luta ocorre nos mundos indígenas, continuamos existindo e resistindo, nossas linguagens ancestrais rompem as noites e as matas do tempo do *Estado-Mercado*, fluindo por elas, retomando posições cosmopolíticas e de vida, não é por acaso que nossos povos estão resistindo na guerra faz 523 anos. Zingar pela mata, saltar rápido em alguma direção, comandado pelos *encantados*, direcionado como uma ponta de lança e uma flecha grande, rompendo leis, espaços e tempos de controle, nossos povos seguem firmes. IARU YÊ²¹!!!

Vi diferentes manobras que nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. A civilização chamava aquela gente de bárbara e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo (KRENAK, 2019, p. 28)

3.2 A vinda – os sentimentos do campo²²: percursos e linguagens ancestrais

As vindas são as diferentes vezes que fui e voltei e aqui iremos apresentar algumas linguagens ancestrais do *campo* de Moitas/CE. Moitas é um distrito de Amontada, que é um município do Ceará. Moitas está localizada no litoral oeste e tem belas praias, mangues, rios,

²¹ Flecha Grande e Ponta de Lança em *Dzubukuá*, Kariri antigo.

²² Quando me refiro a campo aqui não me refiro ao campo de pesquisa, mas ao conceito de campo da física, e me refiro mais especificamente às conexões de campos não locais e não *visíveis* de múltiplas ações e planos. Portanto, o conceito de campo da linguagem que trago para pensar as linguagens ancestrais como energia aqui se aproximam do conceito de campo na física.

lagoas e dunas, assim como também um povo nativo que vive e se relaciona com a terra como seus ancestrais faziam. Não encontrei nenhum dado no IBGE sobre o número de habitantes de Moitas/CE. Na localidade, não existe nenhum povo indígena *oficialmente* declarado e *reconhecido* pela FUNAI, mas os povos nativos de e das localidades próximas têm práticas e linguagens de *campo* ancestral indígena e convivendo com eles pude sentir isto.

Não escolhi Moitas como campo da pesquisa, Moitas me escolheu, digo isto pois não existia nenhuma predeterminação de que lá seria um dos locais da pesquisa, foi uma escolha da intuição a partir do convite de uma amiga, Daniele Jucá, que me convidou pela primeira vez para conhecer com mais calma o território de Moitas. Não foi a primeira vez que passei por Moitas, alguns anos antes, numa viagem que faço de bicicleta pelo litoral oeste do Ceará em direção ao Piauí, já tinha passado por Moitas, mas só de passagem. Só fui conhecer as localidades e as pessoas que viviam lá a partir deste primeiro convite de Daniele para ir ao local. Foi nessa visita que entendi e senti a força do território e fui aonde tive a intuição de ir e senti o convite do local. A *experiência coletiva* que tive lá em Moitas foi me mostrando que os métodos de pesquisa utilizados pela academia não me ajudariam a narrar as manifestações das linguagens ancestrais e das ciências indígenas do povo com quem eu tinha contato. Isso ficou martelando muito na minha cabeça, pois a academia nos cobra uma metodologia e o texto para ser escrito tem esse imperativo categórico. Isso bagunçou muito meus pensamentos e a pesquisa, mas só depois de algum tempo pensando sobre isso tive a intuição no próprio *campo*, de que as retomadas indígenas são métodos de viver e retomar posições e encantamentos na vida. Este caráter *cartográfico* das *retomadas* me proporcionou pensá-la como metodologia, como foi dito no capítulo anterior. No projeto, não coloquei previamente nenhum *campo*, pois quis apostar que o próprio *campo* de relação com a vida me faria perceber, pela intuição, os fluxos das linguagens dos *campos* de energia das *retomadas*. Assim, Moitas apareceu e se apresentou como *campo* latente de *retomada* dos povos indígenas que viveram e vivem ali.

Moitas é um *campo* de investigação e experiência de linguagem ancestral, memória ancestral e relacional com o ambiente. Assim, Moitas apresenta *campos* e *linguagens de retomadas*, atualizações das *linguagens cosmológicas indígenas* dos povos que ali viveram e ainda vivem, para além das línguas e linguagens invasoras europeias e ocidentais. Isto demonstra que nossas ancestralidades, povos e as linguagens de viver continuam vivos e conectados à Terra. Assim, as retomadas estão latentes por conta de todo contexto colonial de silenciamento e violência e este trabalho é uma contra-narrativa dos projetos linguísticos coloniais que tanto tentam exterminar nossos povos e mundos. Gostaria de deixar esta observação em evidência, pois é muito importante e significativo demarcar nossas narrativas e

linguagens indígenas de mundo contra o projeto de extermínio do planeta. Existem outros *campos* da e na linguagem que se relacionam com a vida e nossos povos sabem manejá-los e viver em cumplicidade com eles. O objetivo deste trabalho é buscar um olhar novo, outro envolvimento com a pesquisa na linguagem a partir dos pensamentos e dos mundos indígenas. A linguística precisa fazer novos movimentos e ser sentida por novas energias e forças, tecer outras narrativas e outras configurações de vida para que possamos continuar a compartilhar com o planeta a existência.

Agora seguem algumas fotos do território de Moitas-Ce e de algumas pessoas que foram importantes na pesquisa. Buscamos, com isso, minimamente contextualizar e mostrar toda sua beleza, leveza, conexão e ancestralidade do território e do povo:

Fotografia 1 – Sol, Pedras e conchas



Fonte: O autor

Fotografia 2 – Por do sol Rio Aracatiaçu/Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 3 – Duna de Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 4 – Vista Panorâmica do Rio Aracatiaçu em Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 5 – Vista panorâmica da praia de Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 6 – Praia de Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 7 – Nadando no rio Aracatiaçu em Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 8 – Mangue/Camboa, do rio Aracatiaçu em Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 9 – Descansando na rede do quintal em Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 10 – Casa/barraca na beira do rio Aracatiaçu onde morei com meu amigo Lucas



Fonte: O autor

Fotografia 11 – *Point la na barra*, pousada cuja proprietária é Denice, filha de Dona Ica. É uma pousada de turismo comunitária e nativa de Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 12 – Lagoa das baixas entre as dunas em Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 13 – Portal encantado, passagem por dentro do mangue no rio Aracatiáçu em Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 14 – Os curumins e o rio, navegando no rio Aracatiaçu em Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 15 – O rio Aracatiaçu em Moitas/CE



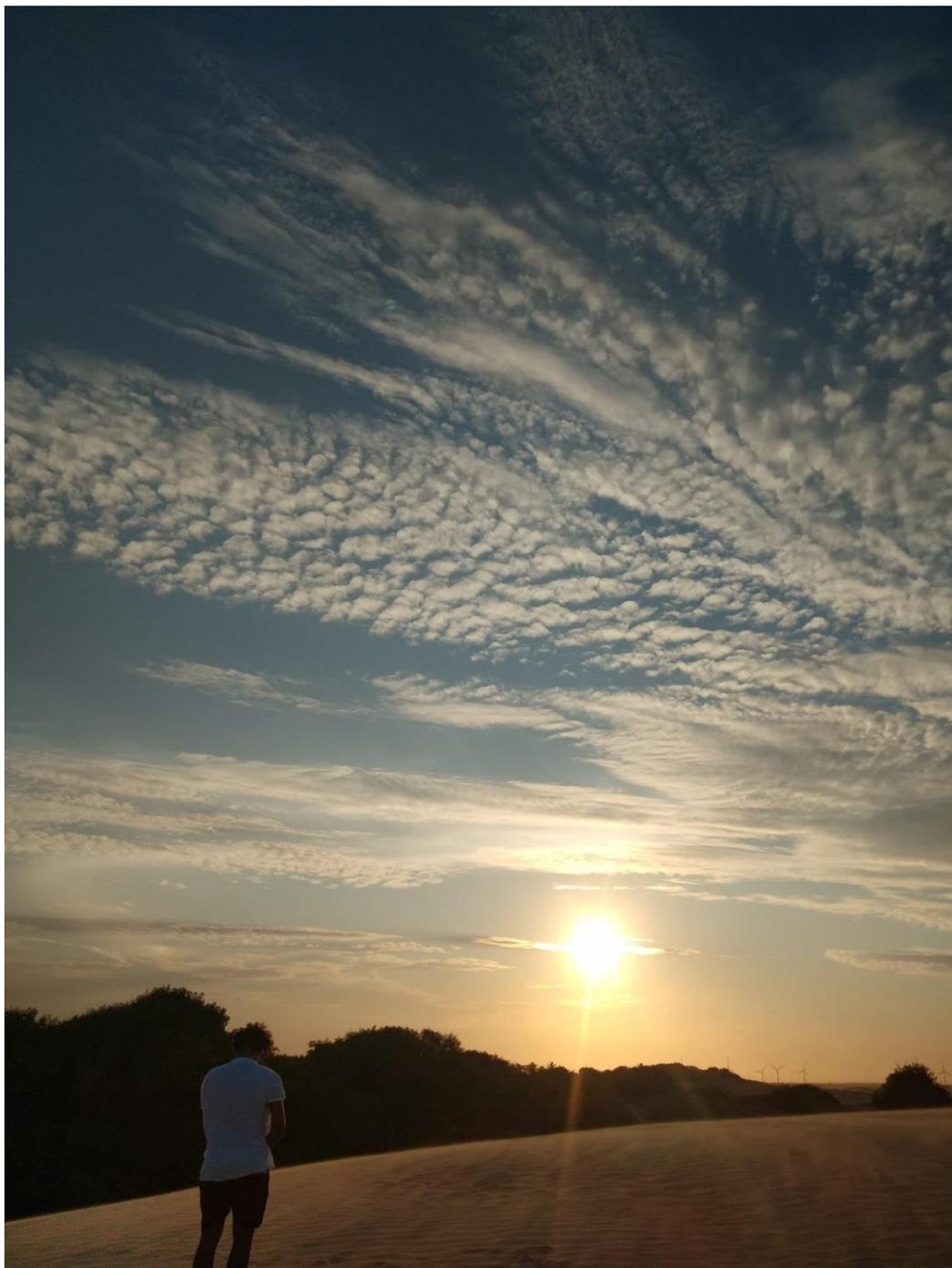
Fonte: O autor

Fotografia 16 – As Dunas e o Rio aracatiçi em Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 17 – Caminhando pelas dunas e o céu diz que a pesca vai ser boa.



Fonte: O autor

Fotografia 18 - Rio Aracatiaçu e o pôr do sol



Fonte: O autor

Fotografia 19 – Denice e Lucas tratando peixe no quintal em Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 20 - Local de resistência coletiva do povo da comunidade de Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 21 – Mirante da praia de Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 22 – Mirante da praia de Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 23 – Mirante da praia de Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 24 – Vista da janela do quintal da minha casinha em Moitas/CE



Fonte: O autor

Fotografia 25 – Casa de Dona Ica escondida no meio da mata



Fonte: O autor

Fotografia 26 – Confraternização na comunidade



Fonte: O autor

Fotografia 27 – Dona Ica, matriarca e tronco velho indígena de Moitas/CE



Fonte: O autor

Antes de chegar ao *campo* eu o senti. As primeiras impressões e sentimentos do *campo* reverberavam em mim como intuições, assim como o *campo metodológico* das *retomadas* funciona também pelas intuições. O *campo* ancestral é percebido em sua linguagem e energia do cotidiano, acontece a todo instante. E, desse modo, o *campo* me atravessou e eu o atravessei, senti e vivi. São sentimentos que se conectam à expressão como *in-formação* do *campo* ancestral que emana uma energia deixando seu rastro nas vidas. Olhar o luar desta atmosfera é perceber sua afinidade com o cosmos ambiente e o povo que ali habita. A afinidade de percepção do *campo* ancestral de Moitas/CE se abriu como portais de mundos e eu me abri, mergulhando na transpassagem de linguagens dos mundos indígenas.

As idas a e vindas de Moitas/CE foram acontecimentos fora do espaço-tempo cronológico do capital, apesar de estar atravessado por ele, pois o sistema de orientação *oficial* é este, os acontecimentos das conexões foram acontecendo num ritmo, numa linguagem que costura redes, como um pescador indígena costura sua rede de pesca, como uma rendeira e seus fios tecem redes e se conectam com as teias ancestrais, como os pássaros que cantam no ritmo do sol. Em Moitas/CE, me conectei a uma rede ancestral de ações e linguagens de *campos* da vida indígena.

Para sentir as *sincronicidades*, as conexões com o ambiente e o *campo invisível* dos outros mundos que habitam ali é necessário aguçar a afinidade perceptiva e sentir como funcionam as *retomadas*, que são métodos das afinidades. Este método de conexão com as linguagens ancestrais e fluxos de energia do *campo* da Terra percebem os acontecimentos sincrônicos, ampliando as perspectivas de ação na linguagem com o cotidiano e com outros mundos. Estas conexões não se explicam a partir dos métodos cartesianos e suas linguagens que compõem a linha do tempo cronológico da ciência ocidental e nem do espaço denso do mundo moderno. A chegada até este primeiro *campo* de experimentações linguísticas de conexões ancestrais de *retomada* não ocorreu por nenhum conector simbólico da estrutura da língua materna indígena, foram intuições e *sincronicidades* sutis. As linguagens ancestrais do *campo* e as forças e energias das *retomadas* foram os *in-pulsos* que me puseram em movimento, então eu dancei, pondo-as em movimento rítmico de condução mútua.

Muitas *in-formações* se apresentaram e se modificaram só pela entrada do meu *campo* ancestral no *campo* de afinidades ancestrais de Moitas/CE. Quando cheguei lá e me apresentei como Tacariju, a matriarca **Dona Ica** logo me disse que também era indígena, algo que, segundo sua filha **Denice**, ela nunca tinha falado para outras pessoas de fora. A percepção de afinidades com a presença de outros *campos* ancestrais modifica o *campo* do território e as *in-formações*

vão se co-figurando e se mostrando a partir de ritmos ancestrais em cooperação, os mundos indígenas vão sendo *retomados*, envolvendo-se.

Sentir o *campo* de ação das *retomadas* é sentir o *campo* das linguagens de ação ancestral que circula pelo território, foi assim que, no meu entendimento, **Dona Ica** e **Denice** se sentiram à vontade para falar sobre suas memórias indígenas comigo. As conexões e as linguagens que compartilhei com elas sobre minha ascendência indígena *in-pulsionaram-nas* a falar, a partir de suas chaves e palavras que as fizeram trazer, retomar, suas narrativas de povo. **Dona Ica** *retomou* sua a posição indígena na narrativa de sua vida me falando sobre sua ancestralidade e que também é indígena. O que a fez retomar sua posição de indígena em sua narrativa e se afirmar como tal? Que linguagem energia foi essa? A linguagem ancestral se manifesta no mistério, mas nesse contexto e na minha leitura **Dona Ica** sentiu a presença de outro *campo* ancestral indígena, o meu e se sentiu à vontade para falar sobre seus segredos e abrir seus mundos para compartilhar as narrativas. As memórias de sua criação, os relatos de suas avós, o jeito de viver, comer, aprender com a mata e o mar; tudo isso ela trouxe da memória ancestral e compartilhou comigo quando eu lhe falei sobre minha condição e meu povo. O movimento das *retomadas* acontece assim, pelas narrativas, pela oralidade, pela memória, pelos sonhos, pela encantaria e por todos estes *campos* que as *in-pulsionam*.

Sua filha **Denice**, mais tarde, me relatou que sua mãe nunca havia falado sobre sua origem indígena com ninguém de fora e me confidenciou que sempre achou que era indígena, mas que sempre achou que isso era algo muito distante, que só existe *índio* na Amazônia. No meu entendimento, **Dona Ica** sentiu que somos parentes e ela entendeu isso pela linguagem sutil do *campo* dos afetos e por isso retomou essas narrativas e posicionamentos para conversar comigo. Senti, nesse movimento linguístico de narrativa, sua sabedoria de matriarca de um povo. As *retomadas* funcionam por saltos, elas não são apenas lineares, elas são fluxos e saltos, cheias de mistério como um *encantado* que aparece e some, como o mistério da noite que nos ensina em seu silêncio.

A gravidade dos planos ancestrais rasga o tempo linear e curva os espaços-tempo do território, assim acontece e se abrem os portais para o encantamento de outros mundos, modificando-os. A linguagem ancestral do *campo* é sentida pela percepção de afinidades que sentimos com a força do território, podemos sentir o peso da ancestralidade.

As consciências coletivas ancestrais²³ e os povos *encantados* também vibram com a Terra e *in-formam* as linguagens na *horizontalidade dos eventos no campo*. Os *campos*

²³ Com esse termo, faço referência aos locais encantados. Para alguns povos indígenas, os reinos das encantarias *dividem-se* de diferentes formas e uma dessas é o local encantado que irei explicar melhor nos capítulos à frente.

ancestrais dos povos se encontraram e transpassaram uns aos outros criando caminhos e conexões emaranhadas, cada conexão tem um diferencial relacional de linguagem que se comunica e transpassa o espaço-tempo, cada linguagem tem seu espaço-tempo de conexão e acontecimento. O território fala, observa e escuta, mas não fala pela língua do invasor europeu que chegou aqui e assassinou o território e o colocou em cárcere para explorá-lo e ter lucro. Nós, indígenas, não ouvimos o território só pelo ouvido físico, não é pelo ar e nem pelo som que a voz dos nossos ancestrais chega até nós, é essa energia em forma de linguagem que cultiva a *in-formação* em nós. Ouvimos a ancestralidade com o sentimento e com a afinidade de percepção do povo originário que somos com o território. A *in-formação* é transpassada pelo *campo* da Terra, por saltos linguísticos e chega ao *campo* do povo pela vivência da oralidade, dos sonhos, da encantaria e da memória. O silêncio, as dunas, o vento, o sol, as estrelas, a lua, a noite, as corujas, o rio **Aracati Açu**²⁴, tudo fala, tudo está vivo e nós, indígenas, sabemos e ouvimos seus ensinamentos para viver bem.

As conversas e trocas com as pessoas do território me impressionaram muito, pois, assim que cheguei, o *campo encantado* pareceu abrir-se junto com as memórias ancestrais, transformadas na e pela oralidade. Quando cheguei, logo vi uma imagem do **Menino Vaqueiro**²⁵ e **Denice** me falou dele, trata-se de um *encantado*, que geralmente aparece no litoral e se manifesta e está conectado com as narrativas de mundo dos Tremembé. Isso nos apresenta um campo que se manifesta em Moitas, existe um autor que se utiliza do conceito de ressonância mórfica²⁶ para explicar estes fenômenos na biologia. Aqui me utilizo deste conceito para demarcar um indicativo do *campo* de linguagem ancestral do povo Tremembé em Moitas. A força da *encantaria* se manifesta na oralidade, é *linguagem encantada* de movimento vivo da sabedoria daquele povo, daquele território, isto cria e faz fluir uma sociabilidade coletividade cotidiana a partir das narrativas e dos encantados que os conecta aos ancestrais pela linguagem da Terra e do território. Este pertencimento faz com que o povo de Moitas se relacione com a vida e o território de maneira diferente, é o *in-pulso* de energia da linguagem ancestral no cotidiano deles.

Esse é um ser que se tornou Encantado e respeitado devido a sua história de sofrimento que viveu durante sua infância. Talvez a forma que Deus achou para recompensar o

²⁴ Em tupi, rio-terra dos grandes e bons ventos. Esse rio é um local encantado da localidade de Moitas, ele é sagrado para o povo, é por ele que o mar entra na Terra, é um dos seus parentes ancestrais mais antigos.

²⁵ Ser encantado que geralmente está ligado às narrativas de vida e territórios do povo Tremembé.

²⁶ Ressonância Mórfica é um conceito que Rupert Sheldrake expõe no seu livro “Uma nova ciência da vida”. Esse conceito de campo morfogenético aproxima-se dos conceitos de campos magnéticos da física. Neste conceito, os campos estariam dentro dos organismos ou em torno deles onde existe um emaranhado e uma certa hierarquia dos campos. Este conceito compõe o desenvolvimento biológico do organismo.

que esse menino sofreu na terra foi encantá-lo, tendo como função ser vaqueiro, que era o que mais gostava de fazer. Sua história de origem parece com a do Caipora, mas tem diferente função que é de conseguir fazer voltar para o dono algum animal que se perdeu ou fugiu de casa, ou seja, caso algum animal doméstico desapareça e não tenha sido morto por alguém, o dono daquele bicho que conhece a história do Menino Vaqueiro e acredita no seu poder, vai lá num canto reservado, acende três velas para ele pedindo que se descubra o paradeiro desse animal. Essa pessoa deixa as velas acesas e não deve mais voltar lá porque, segundo dizem, se a pessoa voltar, pode vê-lo sentado perto das velas que lhes foram oferecidas, e assim, a pessoa pode se assombrar porque além de ser um Encantado, aquele momento foi oferecido para ele especialmente. (SANTOS, 2014, p. 39)

Os sonhos fazem parte deste *campo* de linguagem ancestral no cotidiano e criam narrativas e oralidades que são passadas para as próximas gerações. Quando nós, povos indígenas, nos comunicamos com os *encantados* é a memória ancestral fluindo. Os sonhos²⁷ são narrativas e falas comuns cotidianas, têm relação com a vida daquele povo naquele território, para os povos indígenas não são meras interpretações do inconsciente, nós os recebemos dos antigos espíritos e dos *encantados* como ensinamento, ciência e sabedoria ancestral de um povo. O povo coletivo tem a necessidade de sonhar e sonha com o território, com os ancestrais e junto da Terra.

Nós, ao contrário, sem caneta nem peles de papel, viramos fantasmas com a *yâkoana* para ir muito longe, contemplar a imagem dos seres no tempo dos sonhos. Então, os *xapiri* nos ensinam suas palavras e é desse modo que nosso pensamento pode se expandir em todas as direções.” (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 459)

Os sonhos como atividades ancestrais indígenas são coletivos, composições de cooperação para aquele povo e território, são ciclos de cuidados e curas, a psicanálise não nos alcança, com a interpretação baseada na identidade do próprio umbigo. Os sonhos no mundo moderno são sonhos solipsistas, maniqueístas, produções egocêntricas do inconsciente, sobre o próprio sucesso, sobre os próprios fracassos, sobre suas frustrações, sempre tratadas de maneira individualizada. Os sonhos dos mundos modernos são sonhos de consumo, produzidos pelo *desejo de consumo*, eles não são sonhos coletivos.

A recepção, afinidade e a percepção dos sonhos como narrativas ancestrais não possuem interpretação simbólica genérica, eles são conhecimentos e ciências recebidas, que se aplicam no cotidiano do povo e do território. A sabedoria que a ciência indígena dos sonhos proporciona está na ordem do sentimento das relações que compõem a vida do povo, mas não de forma recongnitiva e simbólica e, sim, de maneira sentimental e energética. O lugar dos sonhos e seus

²⁷ Nós, indígenas, não entendemos os sonhos da mesma forma que o mundo moderno entende. Entendemos os sonhos como acessos a percepções de outros planos de horizontalidade de vida, conexão e pontes com outros seres e mundos. Por isso, não deciframos sonhos, nós os recebemos, são in-formações ancestrais de outros planos de ação da vida.

ensinamentos ajudam a compor nosso *lugar de escolha*. Os sonhos nos fazem entender, sentir e ver nossa conexão com a Terra, o território e os antigos espíritos de nosso povo. O lugar do sonho nos faz sentir que somos singularidade coletiva de povo em diferentes planos e dimensões da vida e que existem outros seres e povos que vivem nestes planos invisíveis para a ciência ocidental. Estes lugares, dentro dos sonhos, têm conexões com o planeta, são locais encantados dentro das dimensões que podemos acessar pelos sonhos, que são portais que conectam os reinos e as localidades onde vivem seres encantados. Estes encantados compõem nossos povos em outras dimensões da vida. A experiência do sonho nos ajuda a perceber que existem diferentes dimensões da natureza no planeta e que não somos donos de nada.

O lugar do sonho é um lugar que não se replica, a ciência ocidental e seu método científico só conseguem entender os efeitos e as causas físicas no cérebro. Eles não entendem as conexões desses outros *campos* de encantaria. Seus métodos e filosofias sobre os sonhos são insuficientes para sentir a experiência encantada. O lugar dos sonhos não é uma cultura, ele faz parte da linguagem energia de conexão dos povos com a Terra. Somos indígenas, porque somos povos que sonham. O espaço-tempo no sonho não funciona como o mundo moderno o convencionou no estado de vigília. Existem diferentes modos de acessar o lugar dos sonhos, onde não precisamos estar dormindo, podemos acessá-lo por conexões rápidas, entre mundos, como pelas visões, visagens, transe xamânico, pajelança, assombrações e pelas viagens a planos encantados.

Quando acessamos o lugar dos sonhos pelo sono, não vivemos as sensações pelo corpo físico, o corpo físico relembra se utilizando da memória ancestral. Quando acessamos este lugar, a consciência singular se torna coletiva e todo o corpo espírito do viajante se torna *campo*. Quando acessamos o lugar dos sonhos, somos *campo*. Transpassar-se em *campo* como consciência coletiva é sentir de outra maneira a linguagem. O lugar dos sonhos é local de conhecimento, é local de *retomada* das *experiências coletivas* e do jeito dos antigos. A *retomada* das narrativas de um povo pode ser acessada pelo lugar dos sonhos, que fortalece o seu *lugar de escolha*. A memória ancestral salta e atualiza os sonhos que saltam e atualizam o *lugar de escolha*, que salta e atualiza e fortalece a *singularidade coletiva* de povo no cotidiano e nas suas narrativas orais.

O *lugar de escolha* é local conceitual e prático de acesso aos conhecimentos e sabedorias ancestrais. Ao se posicionar nesse *lugar de escolha*, o povo que desperta seu nome pelas *retomadas* acessa *campos* de ação do território e de sua ancestralidade, se fortalecendo na luta. Os *lugares de escolha* podem ser acessados pelos sonhos, que acionam as memórias e pela oralidade acionam as práticas, que são um emaranhado que não tem uma única direção nem

sentido. A partir destas ciências, sentimos que essas sabedorias aumentam as frequências e os ritmos das *retomadas*, atualizando as cosmologias indígenas no Nordeste e no país, fazendo *brotar* mais indígenas. Os sonhos são encantarias ancestrais de conexão e *retomada*.

Dona Ica, uma das matriarcas, que se declara indígena, da localidade de Moitas/CE e uma das primeiras moradoras, me contou sobre seus sonhos e sua relação com essa linguagem ancestral. Ela me contou sobre um senhor que adivinhava os sonhos e que ele era sabido nesta ciência. Ela também contou um sonho que teve na noite anterior da minha ida à casa dela e, sem nem me conhecer, ela me fez o desafio de adivinhar o sonho, mas não consegui, ela não ficou chateada, ela só quis me mostrar que sem preparo e estudo não conseguimos ouvir e adivinhar os sonhos. **Dona Ica** me deu uma demonstração de que as ciências indígenas são conhecimentos tão complexos quanto os conhecimentos científicos ocidentais. Os envoltórios e as conversas com **Dona Ica** foram de muita importância e aprendizados para mim, não significaram relatos e dados para a pesquisa, foi muito mais que isso. As aulas que **Dona Ica** me deu, em nossas conversas leves e cheias de sorriso, são aprendizados na caminhada de *retomada* do meu jeito de pisar na Terra que me renovaram o sentido da coletividade e da relação com a vida.

Outra experiência que aconteceu comigo e os espíritos em Moitas foi numa das primeiras noites que dormi lá, antes de acordar eu fui acordado por um senhor, mas quando abri os olhos ele sumiu, depois olhando umas fotos de **Denice** vi que o senhor era seu falecido Pai, marido de **Dona Ica**. Então, logo que cheguei lá senti os ritmos do *campo* do território e fui transpassado pela linguagem do mundo ancestral de Moitas/CE. Esse movimento me fez, minimamente, perceber a afinidade do *campo* da linguagem ancestral onde eles estão mergulhados. A *linguagem energia ancestral* está ali, vivendo entre e com eles.

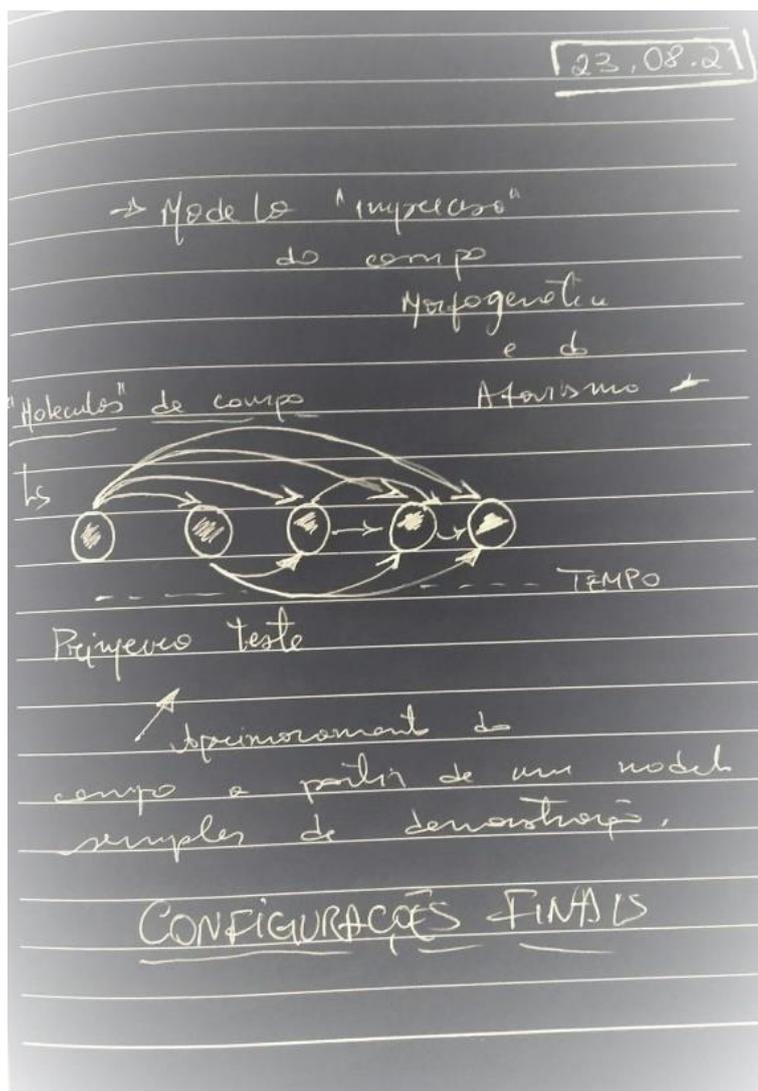
No que se refere às crenças, é possível afirmar que o povo Tremembé é formado por pessoas que sempre acreditaram no mundo espiritual: na força da natureza, na influência dos Encantados na vida de cada um de nós. Muito antes da invasão dos europeus ao nosso território brasileiro, nosso povo já cultuava suas divindades e vivia em perfeita e respeitosa harmonia com os seus territórios, pois acreditavam que as forças naturais eram maiores do que qualquer força humana. Os Tremembé tinham a Lua e o Sol como deuses. A lua influenciava a vida das pessoas de acordo com suas fases. Até mesmo a medicina tradicional estava ligada diretamente aos Encantados, pois, naquele tempo, não existiam médicos no meio de nosso povo para cuidar de doenças. Por conta disso, os Tremembé depositavam sua confiança nos curandeiros e rezadores, devido aos saberes e experiências nativos acumulados pelos quais curavam as doenças do aldeamento. É importante dizer que esses saberes eram adquiridos de geração a geração, por meio de sonhos com parentes já falecidos que, muitas vezes, vinham para ajudar o seu povo, e por meio da força e sabedoria frente à própria natureza. (SANTOS, 2014, p. 27)

Na primeira noite que dormi lá, próximo ao rio Aracati Açu, uma estrela cadente verde riscou o céu, senti ali naquele instante uma conexão imensa com o céu estrelado, senti uma conexão entre Moitas e a Ibiapaba. Meu povo, Tacariju, é o povo do céu. Por sermos da Serra da Ibiapaba, temos essa conexão com os espíritos do céu, das nuvens, dos raios e trovões e das estrelas, então, neste momento, senti que meus ancestrais se comunicaram comigo. Existem narrativas de mundo dos Tacariju que se emaranham com os povos que habitam o céu, o povo Tacariju também faz parte desse povo, somos um clã deles aqui na Terra. A Serra Grande é um grande platô de conexão entre mundos e os Tacariju sabem disso.

As linguagens dos campos ancestrais me acolheram em Moitas e se apresentaram nas vivências e experiências que tive lá, isso desmonta a abordagem metodológica de pesquisa adotada pela academia. O objeto e o observador, como *campos* binários que não se tocam, ali não existe. As fronteiras acadêmicas existentes no modo de pensar normativo da ciência ocidental são rompidos pela manifestação do próprio *campo*. O envolvimento na rede de linguagem energia do território de Moitas faz parte do acontecimento dessa nova proposta de metodologia. *Campo de campo, saltos de linguagens*, outras perspectivas de mundos, *retomadas* das linguagens ancestrais.

A Terra ancestral de Moitas/CE me convidou para uma experiência pelo seu *campo encantado* de linguagens. “Nós somos habitantes da floresta. Nosso estudo é outro”. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 459)

Figura 8 - Experimental



Fonte: O autor

Os acontecimentos em Moitas/CE estão para além de uma compreensão apenas racional que se utiliza apenas do cérebro. Sem os espíritos encantados nós, indígenas, não sabemos nada. Nossa ciência e sabedoria parte disto.

Meus espíritos *xapiri* nunca ficam quietos. Viajam sem descanso para terras distantes, para além do céu e do mundo debaixo da terra. Voltam de lá para me dar suas palavras e me avisar sobre o que viram. É através de suas palavras que sou capaz de compreender todas as coisas da floresta [...] Só os *xapiri* nos tornam realmente sabidos, porque quando dançam para nós suas imagens ampliam nosso pensamento (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 332)

3.3 Perspectivas dos sonhos e de curas, linguagens para além da língua invasora

A segunda vinda me recebeu por outras entradas do território ancestral de Moitas/CE, outras pessoas se aproximaram e os *encantados* também. A *consciência coletiva ancestral* do território nos recebeu e nos apresentou outros caminhos no *campo*, muitos caminhos se apresentaram e outras forças me cruzaram. Sempre ia ao rio Aracati Açu, que ficava muito próximo da casa onde eu estava morando, criei uma relação muito forte com a energia do rio. Num dos dias que fui lá com meu amigo Lucas, um caranguejo enorme veio e nos recebeu na beira do rio, achei aquilo uma aparição bem diferente. Depois que relatei o ocorrido aos moradores mais antigos de Moitas, eles me disseram que os espíritos do rio se manifestam e aparecem na forma de animais sagrados e raros. Nesse caso, o caranguejo enorme e vermelho. Senti naquele encontro com ele uma saudação de boas-vindas e ao mesmo tempo uma verificação de quem estava entrando no território.

Na casa onde morei, um morcego enorme apareceu e ficou uma noite inteira na casa. Pela manhã, ele sumiu e nunca mais apareceu, os antigos dizem que o morcego é a manifestação das sombras da consciência. Nesta mesma noite, vi duas estrelas cadentes verdes que riscaram o céu. Para um Tacariju, é uma linguagem cósmica de boas-vindas. Outra particularidade que aconteceu na casa onde eu morava, foi que no terreiro onde eu armava minha rede de dormir, duas corujas fizeram seu ninho bem próximo, elas ficavam ao nosso redor, durante todo o dia, voando, falando, dando asas aos nossos sonhos e durante a noite elas desciam até o chão do terreiro e chegavam bem perto. O local onde eu morei era uma casinha de barro, que fica na barra de Moitas, que já é no final da localidade, neste local onde eu morei, eu não tinha vizinhos *humanos*, eu tinha como vizinho as dunas, o rio Aracati Açu, o vento, o mar, o céu, as corujas, os lagartos teju, os insetos, os carcarás, os caranguejos, o mangue e os peixes. Percebi aos poucos a energia encantada do local, senti os portais dos mundos de Moitas ali na barra. Um local de encontro de forças, do rio com o mar, ali senti a *linguagem ancestral* daquele local só observando e sentindo, não foi só a razão que me proporcionou essa conexão, foram as forças de afinidade ancestral entre a Terra, os *campos* ancestrais de Moitas e meu *campo* singular Tacariju, ou seja, tudo é nós, sem nó, um *emaranhado* de emoções, conhecimento, sabedoria, ciências e relações. A co-vivência no território ancestral de Moitas me fez sabido sobre muitas *encantarias* que atravessam os territórios e afetam o *campo* energético das linguagens e das *retomadas*.

A noite no território ancestral de Moitas/CE tem sua cor natural: mesmo em noites sem lua tem luz, a terra brilha e o ar tem uma cor fluorescente, o vento revela a noite. Existe voz no

vento, sentimento e sabedoria, uma música que caminha com as areias que se movem pelos espaços-tempo. Em algumas noites de céu limpo, me deitava no deserto de dunas que existia ao lado da minha casa e ficava olhando a bela galáxia onde moramos, sentindo e ouvindo as linguagens da noite, das estrelas, do vento e de tudo que viveu e vive ali. As dunas de Moitas são encantadas.

Numa dessas noites, caminhava pela praia, entre Moitas/CE e Icarai de Amontada²⁸ e em plena madrugada pude sentir a força ancestral da Terra naquele *campo*, ali naquele momento não existiam mais as convenções de espaço-tempo instituídas pela convenção do mundo ocidental, ali era outra dimensão e outra sensação, foi como entrar num novo espaço-tempo. Na madrugada entre as praias de Icarai de amontada e Moitas, sentei e fiquei olhando o céu noturno na praia deserta, só eu e toda aquela imensidão de energia e força. Na praia *encantada*, a galáxia e o céu me olhavam de volta e eu, hipnotizado, ouvia seus cânticos de saudade e amor.

O vento em locais ancestrais é ritmo que *in-pulsiona* em diferentes direções e alargando as narrativas, levando e trazendo-as até a memória, desbloqueando memórias ancestrais bloqueadas pelas narrativas coloniais, fazendo *brotar* povos. A linguagem, como o ocidente conhece, não dá conta da ciência ancestral. Experiências como essas nos fazem sentir os *saltos linguísticos* e as forças de conexões com a Terra.

Em outra noite, atravessamos (sempre falo no plural, pois comigo sempre esteve Lucas Viana, um amigo que morava comigo no local) outro território antigo e sagrado, desta vez um local sagrado de repouso, um cemitério antigo. Atravessamos o local e ele nos atravessou, com sensações, linguagens, energias e intensidades. Sentimos a *in-formação encantada* do local, quando atravessamos uma espécie de barreira energética e linguística que sentíamos sensorialmente, emocionalmente e espiritualmente. A sensação era de estar entrando em outro *horizonte de eventos*, em outro *campo*. A força *encantada* da linguagem ancestral permeada pelos *in-pulsos* co-mandou a intensidade da experiência. O cemitério ancestral ficava entre as dunas e o mar, um ponto de energia convergente, um ponto de força em que se cruzam energias do Mar, do vento e das dunas, um portal de forças que se cruzam entre a vida e a morte, um local *encantado*, assim como a barra.

A linguagem ancestral que sentimos lá foi uma energia que transmitia a *in-formação* de proteção. Existia uma força de gravidade diferente ali, podíamos sentir o peso da força daquele local. Sentimos uma pressão imensa e intensa no peito, a gravidade de uma força antiga, de um *campo* antigo. Ali, existe uma linguagem que conecta e abre os portais dos mundos, ali, apesar

²⁸ Distrito de Amontada, CE.

de ser um cemitério, não existe morte, é um local sagrado para os vivos e um local de força para os *mortos*, é a energia do mistério das *encantarias*. É nesse contexto que podemos perceber que a vida e a morte são conceitos vividos, sentidos e pensados de maneira diferente para os povos indígenas.

Na passagem pelo cemitério, nos encontramos não só com a força do local, mas com a força de uma encantaria que vive e protege o local sagrado para aquele povo. O espírito guardião do cemitério antigo de Moitas é um *encantado* de proteção, que protege o *campo* de linguagem antiga, neste *campo* de linguagem antiga existem as *in-formações* da memória daquele povo, que pode ser *retomada* por sonhos e visagens e, assim, um povo pode despertar seu nome. O *encantado* guardião do cemitério protege a força da passagem dos mundos, a linguagem de conexão, a força entre a vida e a morte.

O encontro com o *encantado* guardião do cemitério foi muito forte, estávamos eu e meu amigo Lucas caminhando entre as dunas e o mar. Isto aconteceu na primeira noite que cheguei em Moitas. Fui com meu amigo até Icaraizinho de Amontada, cidade próxima, atrás de uma vaga de emprego para ele. Depois que falamos sobre a vaga com o contratante, resolvemos voltar pela praia quando a maré baixasse, pois estávamos de bicicleta. Quando a maré baixou por volta das 23h, começamos a pedalar pela praia em direção a Moitas. Quando estávamos mais ou menos no meio do trajeto entre Moitas e Icaraizinho, desviamos o caminho e entramos por uma trilha entre as dunas, um atalho que me ensinaram para chegar mais rápido à cidade de Moitas. Esse atalho é aquele ponto de força que mencionei antes, que fica entre as dunas e o mar. Quando estávamos saindo das dunas a vegetação mudou, surgiu uma pequena mata em nossa frente e só tinha um caminho para atravessá-la. Como estava à noite, o caminho tinha mata quase fechada, era noite sem lua, era lua nova, esse atalho estava escuro, na penumbra. Mas a noite em Moitas, mesmo sem lua, é iluminada e existe uma pequena visibilidade. Nós chegamos a um corredor dentro da mata. Seu chão ainda era de areia de duna e ao lado e por cima uma mata de transição. Foi nesse determinado ponto que sentimos o peso da presença do *encantado* guardião.

A primeira sensação que nos atravessou foi a pressão da presença dele, depois ouvimos seus passos na mata a nos acompanhar, então ouvimos sua respiração ofegante, que demonstrava irritação e intimidação, foi aí que vimos sua sombra, seu vulto. Quando fixávamos olhar nele, ele sumia e aparecia num ponto mais à frente da mata. Tudo isso aconteceu por alguns minutos, mas pareceu mais tempo. Em outros momentos, quando olhávamos procurando por ele, ele sumia no ar como se tivesse nos sobrevoando passando por cima de nós de um lado pro outro da mata, sentíamos o calor da sua presença. Foi aí que paralisamos, as pernas não

obedeciam e nos entreolhamos, eu e meu amigo, com medo. Vimos que o vulto enorme que nos seguia também parou, o vento também parou, o que é bem incomum em região litorânea. Quando tudo ficou quieto, a presença do *encantado* na mata ficou mais nítida e o medo foi passando, não tinha mais agressividade na sua presença, mais sentíamos sua força de imponência e respeito, a força de um *encantado* guardião. Numa madrugada de setembro no meio de um território ancestral indígena, local de encantaria, me encontrei com um ser da mata.

Com tudo em silêncio, senti a presença fortemente perto de mim, me arrepiei várias vezes e meu coração pulsava forte como se uma corrente elétrica passasse por mim, como se um *campo* e outro estivessem se atravessando. Foi aí que entendi que foi o *encantado* que nos paralisou, estávamos ali no aqui-agora, o *encantado* manipulava o espaço-tempo daquele local. Foi uma experiência de imersão no espaço-tempo de um local *encantado* junto de seu *encantado* guardião. Então, fechei meus olhos e silencieei meu coração e senti todo o silêncio ao redor, acalmei minha mente e meu coração e busquei conexão com o ser *encantado*. Foi quando me apresentei, pedi proteção e permissão para passar pelo local sagrado. Quando entendi e acessei a *in-formação* ancestral do local pelo sentimento, me conectei pelos *saltos de linguagem* entre-mundos. O *encantado* guardião do local sagrado estava ali, conosco, trocando *in-formação* e se conectando de outro mundo. Que linguagens conectam mundos? Eu respondo: os saltos.

Alguns instantes depois que me conectei e pedi permissão para prosseguir e não me mostrei uma ameaça, conseguimos voltar a nos mover. As pernas voltaram a funcionar, o vento voltou a soprar, as árvores voltaram a falar, as nuvens a se movimentar e a força que nos impedia de prosseguir nos fez andar, nos dando passagem e proteção. Foi uma *experiência coletiva* entre mundos com a *encantaria* e com local *encantado* que nunca tinha vivido antes. É importante observar que conceitualmente a conexão entre as linguagens dos diferentes mundos se fez não pela comunicação de símbolos, signos e significantes, mas pela sensação, pelo sentimento e pela percepção. Os mundos em conexão se transpassaram e trocaram *in-formações* através dos *in-pulsos* do local. Os portais dos mundos se abriram pela afinidade, os *campos* se atravessaram, e a linguagem aconteceu entre os mundos pela conexão entre *saltos linguísticos*. Essa característica da linguagem é conhecida pelos povos indígenas, que tem conexões com outros seres e mundos que só porque a ciência ocidental desconhece e não consegue provar consideram *mito*. Mas a afirmação de que as narrativas indígenas são mitos é mais política do que científica, é uma guerra de narrativas para deslegitimar os mundos indígenas que são diferentes dos mundos ocidentais. Narciso não gosta de nada que não parece espelho.

Quando saímos do local sagrado, voltamos a pedalar e chegamos à vila de Moitas/CE. Quando chegamos em casa, tomei banho e me deitei na rede, as corujas chegaram voando e

chegaram bem perto, perto demais, adormeci com elas caminhando bem próximas à minha rede, como se elas estivessem me hipnotizando e me levando para voar e sonhar com elas. Será que elas levaram meu espírito para sonhar e para outros encontros com *encantados* de Moitas? No dia seguinte, quando acordei, senti que estava em conexão com o território ancestral sagrado de Moitas, como se o encontro da noite anterior com o *encantado* tivesse sido um reconhecimento das forças e mundos que vivem no território me dando boas-vindas. Eu estava sonhando com Moitas e seus encantos.

A *encantaria* dos territórios indígenas é linguagem de proteção do local e daqueles que lutam com a Terra. As forças *encantadas* nos protegem de pessoas e espíritos mal-intencionados, elas são *linguagem cósmica* de proteção da Terra, mas também nos ensinam a ter respeito por estes locais e pelos seres que nele vivem. Em Moitas, senti a força da *encantaria* e do encantamento indígena lutando com a Terra contra o desencanto da Terra pelo capital. Há locais em que, no relato dos moradores de antigamente, se viam luzes e visagens e hoje já não se vê mais. No entender deles, essas luzes e visagens faziam bem à comunidade e eram sinais de saúde e prosperidade. Hoje elas não aparecem mais por conta do avanço do turismo de massa, da poluição e destruição dos rios, mangues e mares. Estar junto a um *campo linguístico encantado* de um povo ancestral traz entendimento de outra vertente na *guerra entre os mundos ocidentais e os mundos indígenas*. A linguagem energia ancestral nos *in-forma* a sabedoria antiga e a como continuar a resistência na luta retomando nossas linguagens de povo junto à Terra.

O dia seguinte, foi dia de ouvir. Ouvi algumas narrativas de curas a partir da **força do rezo**, outra linguagem que se utiliza das forças e *in-formações* ancestrais e transformam a língua em cura, mesmo que a língua seja a invasora, mas a força e energia com que se invoca a palavra é indígena. As linguagens ancestrais dos nossos povos não se explicam, nem se resumem a conceitos sociais e antropológicos, nem pela codificação e identificação dos símbolos religiosos em sincretismo com os nossos códigos de *encantaria*. São *campos* de *encantaria*. A fala é transpassada pela conexão das cosmo percepções de cura junto aos *in-pulsos* e *campos* ancestrais que os povos indígenas têm com o território. Isso invoca, provoca e conecta a linguagem ancestral com a cura emocional, física e espiritual. A força dos nossos mundos indígenas é integrativa e coletiva.

O rezo invoca e provoca a conexão da linguagem do encanto com a cura e o território, é uma cura integral, ela age em diferentes níveis e corpos. O rezo chama o *código-fonte* da força *encantada* ancestral e se manifesta pela linguagem, é um clamor que invoca a *in-formação* da Terra que se torna energia de cura manifesta nos chás, nos banhos, nos rezos. As palavras

entoadas são ouvidas por intuições, sussurros ao pé do ouvido dado pelos espíritos das plantas, dos ventos e do território. São as mesmas palavras da língua portuguesa, mas a *in-formação* e a força que entoam e que chamam por elas está cheia dos *genes linguísticos* de outros mundos, assim, dentro da língua existe o *salto linguístico* da *in-formação* ancestral que transfigura a força e a energia da palavra. São *códigos-fonte* diferentes, nossas conexões linguísticas são com a ancestralidade.

A *in-formação* do *campo* ancestral e a força *encantada* não transformam o signo, a pele da palavra. Ela continua a ser vista e ouvida na língua invasora português, mas ela não tem a mesma intenção, nem força, nem energia e entonação. O *código-fonte* da linguagem ancestral transforma a palavra em força ancestral de encantamento, que invoca outros mundos, mundos de cura com a Terra.

Como sabemos, português para nós, indígenas, além de uma segunda língua, é uma língua estrangeira, como se costuma dizer, é a língua de outro mundo (TAPIRAPÉ, 2021, p. 24)

Em Moitas/CE, ouvi algumas histórias de cura pela força do rezo, em uma delas foi do caboco **Flavio**²⁹ que nos contou que essa linguagem e força vêm das estrelas e me relatou que sua avó foi pega a dente de cachorro³⁰ e que ela também tinha sido rezadeira³¹ e ainda me contou como é forte essa ciência, que ele aprendeu e que hoje ele também reza. As pessoas o chamam para rezar nos animais quando estão doentes e eles ficam curados, ele ainda conta que consegue enxergar onde está a doença, ele vê, nas palavras dele, *a energia da doença* e pede às forças da natureza que façam o trabalho de cura, ele diz que não faz nada, é só um instrumento de acesso, e que a cura é dada pela natureza. Ainda me relatou que aprendeu tudo isso fazendo, com a avó dele, mas também ouvindo o território e os espíritos.

[...] a escrita simbólica da vivência Apyãwa. Onde o aprender não se enquadra no escrever e falar sobre, mas, sim, do conhecer conhecimento, do tocar e sentir conhecimento e fazer fazendo o que é de fato conhecimento (TAPIRAPÉ, 2021, p. 26)

Continuei a ouvir as pessoas e o local e por onde eu caminhava, ouvia a linguagem da Terra nos relatos das pessoas. A partir das experiências de navegar de barco pelo rio Aracati

²⁹ Morador, pescador e rezador de Moitas.

³⁰ Antiga referência colonial às mulheres indígenas que resistiam e fugiam das prisões e escravidões. Esta afirmação é um indicativo significativo, um rastro, de que a pessoa em questão era indígena, os indígenas eram pegos *no laço* e a *dente de cachorro*. Está expressão é muito comum no Nordeste.

³¹ As rezadeiras são pessoas que têm na ciência do rezo a conexão com os sonhos e com a força das plantas. As rezadeiras, assim como os adivinhadores de sonhos, são pessoas que têm acesso às ciências indígenas ancestrais.

Açu, senti e ouvi a linguagem antiga do rio, entendi sua grandiosidade e pude notar sua vasta sabedoria. Navegar é também outra arte de *ciência encantada indígena*. Não navegamos só pelas águas. A afinidade de percepção³² com o local conecta com suas linguagens antigas do *campo*, é necessário estar atento e com ouvidos de ouvir e olhos de ver.

Nas noites sem lua e de céu limpo, as estrelas brilham forte, como se estivessem se comunicando por *código Morse* interestelares, são *in-pulsos* ascensionais criadores de linguagem cósmica. *In-pulsos* que vêm do passado, mas estão em nosso presente e anunciam o futuro, não na mesma direção, mas no mesmo sentido de novo. Nossos povos sabem ler essa linguagem das estrelas. A cada *in-pulso*, um giro novo na espiral do universo, a cada *giro ascensional*, diferentes e múltiplos *saltos linguísticos* acontecem. Ali no firmamento também acontecem *saltos linguísticos*. O vento do mês do caju é forte e balança a rede de dormir, assim como também balança as redes de conexão cósmica das noites e dos dias, o sistema de orientação no espaço-tempo para nós, indígenas, está conectado ao território e não a uma convenção genérica imposta pelo capitalismo. O *campo* balança a rede e a rede balança o *campo* que vai saltando e encostando em outros *campos de linguagens* como fumaça, assim vão-se criando os ciclos, os ritmos e os balanços na rede da vida. A lua quase cheia brilhando, em seu silêncio, me fala sobre percursos e paciência, o espaço-tempo do território não se sujeita aos nossos desejos, nem ao *desejo de consumo* do capitalismo. Os espaço-tempo fluem diferentemente no território de Moitas, num ritmo antigo, numa linguagem diferencial ancestral.

A arte de se conectar com essas linguagens e esses ritmos de espaço-tempo proporcionam que as *sincronicidades* sejam percebidas a todo instante, espontaneamente, por aqueles que se conectam. Mas como acontece esse ritmo? Energia é movimento, linguagem é movimento, linguagem energia é movimento do movimento, salto de salto, movimento de giro, como a *energia de ponto zero*³³. A energia de giro é a energia conectora que nunca para, a energia ancestral dos universos, que conecta os mundos e faz *brotar* todo o *continuum da vida*. É a *in-formação* que, se acessada e colapsada, abre portais e *retoma* mundos. A energia existe e conecta todas as dimensões nos pluriversos, não existe o vácuo ou vazio, a conexão da linguagem energia é fluxo de ascensão permanente³⁴. As linguagens ancestrais circulam por tudo e ascendem as energias no cotidiano, nas oralidades, nos sonhos, nas memórias, nas

³² Ver conceito no livro *Alienindi - os portais dos mundos*.

³³ Em física, é trabalhada como energia mínima, a energia que *não acaba*, sempre está ativa. Aqui eu a desloco para pensá-la como energia ancestral da Terra, energia originária do campo da Terra, a energia cósmica que permeia e flui no universo.

³⁴ Permanência no sentido indígena: *o tempo grande acabou, mas tudo permanecerá*. Uma linguagem-energia da Terra.

maneiras e práticas do povo de Moitas/CE. Uma rede de conexão de consciências e mundos que se conectam e saltam.

Estas *in-formações* retomam e manifestam-se a todo instante no espaço-tempo da fala e da ancestralidade daquele povo, os antigos que ali estiveram um dia em corpo físico, hoje lá ainda estão em planos de encantaria. A memória ancestral é instigada espontaneamente pelo *campo*, tudo se move, a memória, os sonhos, a oralidade. É a dinâmica da vida em cumplicidade com o território, se abrindo, saltando e manifestando-se coletivamente. Por isso é tão importante à preservação dos territórios sagrados destes povos, pois é a partir dele que suas memórias e relações com o planeta são cultivadas, por isso também considero o povo de Moitas um povo indígena, pois só nós, indígenas, temos essa percepção de afinidade com o território e o planeta. A oralidade nas rodas de conversa, por exemplo, vai ativando, retomando e colapsando (firmando) as narrativas dos *campos* morfogenéticos das consciências de antes e de hoje. O aqui-agora dos povos antigos vive ali, transformando as *experiências coletivas* com a *encantaria* na educação constante das práticas do cotidiano daquele povo.

O sussurro, as sabedorias, os ensinamentos, os gritos e os lamentos dos ancestrais ecoam nas noites e nas falas daqueles que habitam o aqui-agora de Moitas. Tudo sobre a vida e a *guerra dos mundos* nos é ensinado por eles neste espaço-tempo. A oralidade é composição do povo, junto à memória ancestral, aos *encantados* e aos sonhos. Um povo não se compõe só por uma base, um povo se compõe por diferentes planos e dimensões, existem clãs de determinados povos que têm existência em outra realidade e plano de ação. Vida e Morte são experiências, não condições.

Dona Ica falando: *um dos dons que tenho é receber os remédios do mato. Eu me sento, fecho os olhos e vem assim na minha mente a erva ou o mato que eu devo usar e como eu devo usar e preparar, não sei como, mas vem. As pessoas quando estão doentes vem me pedir remédio do mato, aí eu me sento, fecho os olhos e eu sei, às vezes me deito e aparece nos sonhos e na minha mente vem o remédio, aí eu vou e faço um chá e explico à pessoa como fazer, dou para ela e ela fica boazinha. Acho que tenho esse dom que Deus me deu.*

Dona Ica manifesta a força de um piaga³⁵, a figura daquele que cura para o meu povo Tacariju, ela conta que estes remédios do mato chegam na mente como intuição, mas também através dos sonhos e até mesmo como *in-pulsos* que ela não sabe de onde vêm. Só vêm.

Pergunto: e de onde vêm esses remédios?

³⁵ Nome dado aquele que se conecta com os planos ancestrais para o povo Tacariju, grosseiramente comparado a figura do pajé.

Dona Ica falando: *De Deus, dos antigos, tudo aqui do mato. Outra coisa que eu tenho é coragem. Nós temos que lutar pela Terra, isso aqui tudo é nosso, por essa terra que tudo dá, eu não tenho medo de lutar.*

As manifestações do *campo ancestral* acontecem no corpo daqueles que confluem com o *campo* do território, compondo e ampliando a força e entendimento da rede com a Terra. A memória ancestral confirma e traz acontecimentos nos sonhos, a Terra e o território curam e ensinam os remédios do mato para aqueles povos que se conectam a ela como filhos: *Indi* (de dentro) *gena* (Terra).

Dona Ica acessa essas linguagens, comunica-se e ensina por elas e com elas, ela lê a linguagem *encantada* do *campo* dos antigos, da Terra e do território e manifesta em cura, através dos chás e de seus ensinamentos, é assim que ela com auxílio do território e dos espíritos vai tecendo mais essa rede de *experiência coletiva* de seu povo. A energia não cura só o corpo físico, cura o espírito e também cura todo o *campo* do lugar, retomando o encanto da vida que é permanentemente atacado e desencantado pela produção de morte do capitalismo. Assim, silenciosamente, ao continuar falando nessa linguagem, usando essa *linguagem ancestral encantada*, **Dona Ica** contribui para a luta contra o capital e a favor dos mundos indígenas. Assim, permanece o encanto e a maneira de se relacionar com a vida daquele povo. Eles se tornam mais sabidos com e pelos *encantados* e encantarias. Esta é outra face da *guerra dos mundos* em que a *encantaria* e o encanto estão em conflito contra o avanço do desencanto e da extinção que são os legados do capital.

Os espíritos receiam que os brancos devastem todas as suas árvores e seus rios. São eles que dão suas palavras aos xamãs. Permanecem sempre ao nosso lado, e são os primeiros a combater para salvar nossa terra (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 330)

Dona Ica é uma matriarca, uma *Abaetê*³⁶, um tronco velho, que espalha sabedoria e que nesse movimento trava uma luta espiritual contra o desencantamento da Terra pelo capital. As conexões extrafísicas acontecem pelo *campo* ancestral, as *in-formações* transpassam, saltam, de consciências para consciências. As *consciências coletivas ancestrais encantadas in-formam* as redes de ação do território que ascende às *consciências singulares*³⁷. Sentir a energia ancestral do *campo* da Terra de Moitas/CE é acompanhar e sentir a ascensão da *experiência coletiva* de um povo em seu território durante as eras.

³⁶ Posto ou cargo que, em Tupi antigo, significa velho sábio.

³⁷ Nos capítulos mais adiante, iremos abordar as diferenças didáticas sobre os conceitos de consciência.

A temporalidade e a espacialidade de relação do povo com seu território revelam que as forças em conflito entre mundos modernos e mundos indígenas são de natureza relacional. A diferença é relacional. O sentimento e a dimensão do espaço-tempo existente nos locais encantados são diferentes do espaço-tempo cronológico dos mundos modernos. As dunas móveis têm energia e espaço-tempo de acontecimento diferentes, quando elas mudam de direção e sentido a partir do vento, não obedecendo à linha do tempo dos mundos modernos, elas saltam e se conectam com outras dimensões de sabedoria e ciência do território. Os mundos modernos criam maneiras genéricas de se relacionar, eles também buscam instituir uma única experiência espaço-temporal, a cronológica, que subordina a história e as outras ciências ocidentais. Os *campos* ancestrais não têm lugar fixo, não são genéricos, eles são movimentos, são *lugares de escolha*, são locais que não se replicam.

A experiência que tive com o *campo* da linguagem ancestral das dunas em Moitas, começou pelo movimento do vento e das areias e pela intuição, isto me proporcionou um sentimento e sensação bem parecida com o encontro que tive com o espírito guardião no cemitério, o espaço-tempo linear foi rompido, mas não como da outra vez, tive outra entrada em outro espaço-tempo. As *experiências coletivas* que tive com o território e algumas pessoas de Moitas/CE têm esse ritmo de ruptura com o que está posto como convenção e verdade criadas pelas narrativas dos mundos modernos ocidentais. Os diferentes e muitos caminhos que se abrem a partir destas experiências com o território fazem *brotar* os pensamentos das *retomadas*. Esse é o *lugar de escolha*, o *lugar*, sem localidade, o *lugar encantado*, onde conectamos passado, presente e futuro, demonstrando que a linguagem de forma linear não dá conta das experiências espaço-temporais *encantadas* indígenas. O *lugar de escolha* é a escolha por nossas narrativas, gerando contranarrativas anticoloniais, criando novas conexões com a linguagem e abrindo novos *campos* de histórias contadas por nós mesmos, para que nossos mundos continuem vivendo e *brotando*.

Dona Ica falou sobre os encantos de Moitas e da região, falou muito sobre as **Botijas**, um encanto que se pode invocar para um objeto ou um local. A botija é um encantamento que pode encantar espíritos e criar locais encantados. Ela também falou sobre suas experiências que teve com os encantos em Moitas/CE.

Dona Ica falando: *Eu estava no terreiro à noite e fui ajeitar as galinhas, quando eu vi uma luz forte, um fogo enorme assim na minha cara, apareceu no meio do terreiro, os meninos, que eram todos pequenos, correram para dentro de casa e eu fiquei lá e enfrentei aquela luz, disse bem assim 'ninguém pode mais que Deus', então esse fogo desapareceu.*

E continuou: eles aparecem assim para nos testar, testar se a gente tem coragem mesmo, coragem de viver e proteger a Terra.

Outra experiência que ela contou, assim como outras pessoas de Moitas/CE, é sobre a **Bruxa**, um *encantado* assombração, que aparece em muitas narrativas, geralmente nos territórios do povo Tremembé.

Por onde ela passa, a cachorrada fica latindo. Isso porque ela vai levando consigo um grande chiqueirador e vai surrando todos os cachorros que encontra. Esta Bruxa não tem vassoura nem caldeirão como a que conhecemos dos filmes, desenhos e historinhas infantis como da “Branca de Neve” e outras, mas sim é um Encantado das histórias e crenças do povo Tremembé. (SANTOS, 2014, p. 45)

Dona Ica falando: *Antigamente quando tudo aqui era mais mata fechada e não tinha energia, nas noites de lua todo mundo que morava aqui sabia quando a bruxa tava solta correndo pelo mundo. Pouco mais da boca da noite, porque naquele tempo todo mundo dormia cedo, a gente começava ouvir os cachorros latindo e aquele barulho de redemoinho, a gente sabia que era a bruxa, ninguém queria topiar com ela. Assim também com o lobisomem.*

Edvaldo³⁸ falando: *quando eu era criança, umas dez da noite, todo mundo já ficava dentro de casa e não saía mais com medo da bruxa. A gente ouvia os cachorros tudo latindo e ela passando correndo, o vento uivando e ela passando com o vento, todo mundo da comunidade sabia que era ela, e no outro dia as pessoas comentando. Ela sempre passava assombrando de quarta para quinta-feira.*

As narrativas sobre este *encantado* e a sua aparição apresentam um sinal que colapsa na narrativa e apresenta uma ressonância mórfica entre o território e a ancestralidade Tremembé. Ou seja, o povo nativo de Moitas/CE vive em coletividade com o território e a força *encantada* dos Tremembé, eles conectam-se a ela, se relacionam com ela. A partir disso, podemos afirmar que este povo e esta família são indígenas? A meu ver, sim.

Segundo alguns troncos velhos, os *encantados* aparecem de acordo com o território sagrado, eles têm uma conexão forte com o *campo* ancestral da Terra naquele território, as manifestações e vidas dos *encantados* relacionam-se diretamente com o cotidiano do povo. Se o povo deixa de existir por suas conexões cosmológicas os encantos e *encantados* deixam de aparecer, este é o movimento do desencantamento que o capital proporciona aos territórios

³⁸ Pescador e morador de Moitas desde que nasceu, é neto de outra matriarca do território e genro de Dona Ica, Edvaldo é casado com Denice.

indígenas quando mata um povo e explora a Terra. E isto está acontecendo em Moitas, quando os empresários invadem e destroem o território vendo-o apenas como recurso de turismo. Em Moitas existe uma conexão entre povo indígena e território *encantado*. Na minha análise, isso indica e se configura uma *retomada*, se não oficialmente nos moldes do governo, mas de fato no cotidiano e na realidade.

Os *encantados* e a vida no cotidiano do povo de Moitas estão *emaranhados*. A composição de mundos e realidades plurais não acontece apenas no cronos. Os *encantados* são presenças que estão em tudo, para além do espaço e do tempo.

Os relatos do povo de Moitas/CE são singulares e se conectam muito com o povo Tremembé da localidade de Almofala³⁹. Isto apresenta uma evidência de que essas narrativas e encantos fazem parte da territorialidade e cosmovisão do mesmo povo. A oralidade é a energia do cotidiano que dá força às narrativas coletivas que são passadas de geração para geração, essa energia é a linguagem consciente da ancestralidade. A ancestralidade não é e não está no inconsciente. Ancestralidade é força cósmica de linguagem consciente.

Os ambientes e territórios sagrados em Moitas/CE se comunicam, muitas vezes, pela linguagem do silêncio. Estas forças ancestrais conjuram e criam os acontecimentos *encantados*. Outras narrativas que a maioria das pessoas de Moitas/CE relatam é que os encantos estão acontecendo com menor frequência do tempo de antigamente. Por quê? Já comentei isto no começo do texto. A meu ver, isto aponta, mais uma vez, para um sintoma da *guerra cosmológica dos mundos* gerado pela invasão e destruição das terras indígenas. Por que a linguagem ancestral que se manifesta em *encantaria* no cotidiano está desaparecendo? O desencantamento dos *locais encantados* acontece pela ação do capital que, ao destruir o plano físico das matas, dos rios e dos mares gera desconexões e rupturas com outros planos sutis do planeta. Isso vai destruindo e substituindo as conexões e os modos de relação com a vida, vamos deixando de sentir a Terra como vida e começando a ver a Terra como recurso, produzindo morte e desencante a partir de sua exploração desordenada. O capitalismo é o desencante da Terra e da vida.

Dona Ica me falou de um local *encantado* no assentamento Maceió⁴⁰, o **Morro do baú**. Ela é natural de lá e migrou para onde hoje está, em Moitas/CE. Ela falou que o morro tinha um encanto forte, todos percebiam sua força. Um dos encantos do morro é que ele nunca diminuía de tamanho e nem mudava de lugar, ele era muito alto e sempre permanecia ali, essa era uma das forças do seu encanto. Era um local onde se viam várias luzes voando à noite, onde

³⁹ Distrito de Itarema, CE.

⁴⁰ Localidade em Itapipoca, CE.

se achavam moedas brilhantes e também é considerado um local de portais *encantados*. O Morro do Baú protegia aquele povo e o território. Ela me contou que nele havia inúmeras riquezas e que no alto do morro eram encontradas muitas moedas de ouro *encantadas* que traziam prosperidade ao povo e que também eram vistas luzes descendo do céu pousando no morro, as luzes tinham *cor de ouro*, brilhavam e rodeavam sobrevoando o morro. Ela me contou que o povo não tinha medo dessas luzes, ela me disse que o povo sabia que as luzes eram os antigos e as forças das matas protegendo-os. A riqueza que o morro trazia não era a do lucro, não existia esse sistema de mercadoria financeira. A riqueza do morro era a proteção, a sabedoria da conexão com os antigos, a abundância na vida e o sossego nas relações uns com os outros e com o território. Os seres antigos que vivem ali protegem e curam emocional, psicologicamente e espiritualmente aquele povo. A riqueza do morro é que lá é portal que conecta mundos e traz mais harmonia e diferença para a vida.

Ela ainda relata que o morro *encantado* do baú sempre esteve ali, sempre protegeu o povoado e que os nativos subiam nele para sentir sua força, conversar com os ancestrais e rezar pedindo proteção, harmonia e sabedoria aos *encantados*.

O Morro do baú é um parente ancestral daquele povo, um ponto de força e conexão. Ela ainda me falou que o morro encantado começou a morrer e a perder o encanto depois que um empresário conhecido como Pirata chegou por lá em meados da década de 1980. Ela disse que o Pirata sugou a força do local e do morro quando começou a comercializar e a comprar as terras por lá. Essa narrativa de **Dona Ica** deixa explícito que a força de morte do capitalismo matou e rompeu a conexão com os portais dos mundos daquele povo com o Morro do baú.

Este relato de **Dona Ica** apresenta uma resposta parcial para a pergunta: por que os encantados são mais raros de acontecer hoje? E me abre outra como: quantos lugares e portais encantados foram desencantados pela política destrutiva do capital? O relato de **Dona Ica** revela a linguagem de morte do capitalismo que destrói não só o território físico, mas as linguagens e conexões ancestrais com o território, criando uma relação de exploração e lucro. O *campo* de morte que a produção capitalista espalha desencanta a vida, estes *campos* vão avançando junto com a ganância e o *desejo de consumo* do mundo moderno e isto faz com que os *campos* ancestrais de *linguagem encantada* diminuam suas ações e percepções. Existe uma *guerra dos mundos* acontecendo nos planos dos espíritos e nos planos sutis da Terra. O capitalismo vai matando a Terra e seus espíritos. Os povos indígenas e suas linguagens de *campo* ancestrais resistem ao avanço do *campo* de morte do capital, esta é mais uma das faces da *guerra dos mundos*, a face espiritual conceitual. A *guerra dos mundos* não é só sentida e guerreada no *campo visível* e conceitual, mas também no *campo invisível* e espiritual. A demarcação das

terras indígenas não diz respeito só ao território físico, mas à *retomada* da força do encanto do território *encantado* espiritual.

A destruição da dimensão *encantada* que a *guerra dos mundos* atinge destrói narrativas de outros mundos, vidas, cosmovisões e perspectivas de ações e experiências com os diferentes *campos* de existências. Destruindo narrativas e linguagens de conexão e *in-formação encantada*, o capitalismo vai destruindo o encanto e a relação de coletividade com a vida e a conexão dos povos com a Terra, separando e matando não só o corpo, mas os *campos conscienciais* dos seres em conexão. Os portais de acesso aos *locais encantados* são pontos de força ancestral, *campos* de ponto zero daquele povo. Portanto, quando os povos indígenas lutam pela e com a Terra para a sua preservação, não lutam apenas pela preservação do *campo* físico, mas pela preservação das conexões com estes portais e mundos ancestrais que estão emaranhados com o físico.

O **morro encantado do baú**, como um local *encantado* que não se replica, foi mais um local que teve sua conexão destruída pelo *desejo de consumo* de homens modernos civilizados, mais um ponto de força ancestral que foi desconectado da *experiência coletiva*. No decorrer dos 523 anos de *guerra dos mundos*, muitos locais *encantados* foram desconectados, em nome do progresso, assim como o local *encantado* **Rio Doce** que foi assassinado com o crime do rompimento na barragem de Mariana⁴¹. Estes pontos de força e conexão vivem ali para que todos os povos possam acessá-los. Para nós, indígenas, estas conexões continuam existindo e se atualizando naqueles que buscam o acesso às *linguagens ancestrais* da Terra. A *in-formação* ancestral dessa energia diferencial é captada e é colapsada numa linguagem singular coletiva de cada povo, transpassando essa linguagem em frequência e colapsando em energia de *retomada*. É assim que os locais se comunicam e ensinam nossos povos e que mesmo perdendo essa conexão podemos sentir sua força.

Os povos no planeta, que ainda possuem a capacidade de conexão com a Terra, somos nós, povos indígenas, e hoje, no Nordeste, muitos *brotam* em *retomadas* a partir destas linguagens de conexão com o planeta para proteger estes locais *encantados* na luta com a Terra contra o capital. As *retomadas* indígenas no Nordeste do Brasil nunca deixaram de existir, elas sempre se atualizaram em diferentes linguagens de luta contra o desencante do planeta.

⁴¹ Em 5 de novembro de 2015, rompeu uma barragem de rejeitos de mineração chamada de *Fundão*, controlada pela empresa Samarco Minerações S.A, próxima ao município de Mariana, em MG. A lama chegou até o Rio Doce, cuja bacia hidrográfica abrange mais de 200 municípios de MG e ES. O Rio Doce é um parente-local encantado para diferentes povos indígenas que vivem na região, fazendo parte de suas narrativas de cosmovisão e ações de vida.

3.4 O menino e o rio Aracati Açú

No dia de Cosme e Damião, 27 de setembro de 2021, eu vi um menino e o rio brincando.

O rio Aracati Açú se mostrou, me encantou e me ensinou a conexão entre um povo e seu local ancestral, um espetáculo de *singularidade*, sintonia e sincronia de conjunto e coletividade, amor e cumplicidade. Era uma verdadeira dança cósmica, um ritmo coreografado pelo sentimento, pelo universo, pelas águas, pela emoção, espontaneidade e amor. Era uma brincadeira cósmica, uma dança que brincava, uma dança fora do espaço-tempo, uma dança de existência com os seres e espíritos do rio. O rio mostrou sua força, amor e importância, a conexão entre os envolvidos foi comovente, o menino e o rio me encantando, num movimento de envolvimento. É pelo movimento do envolvimento que somos ensinados pela Terra. Este é o movimento de retomada do encantamento⁴² e envolvimento com a vida, no cotidiano. Este movimento faz parte da *cosmometodologia*, é uma de suas práticas. Foi uma das visões e encantos mais lindos que eu vi na vida num território indígena.

A criança brincava com o rio e o rio brincando de volta. O rio é o alimento para o corpo, para o espírito e para o *campo* coletivo daquele povo. Uma cena cravada na memória ancestral que a história oficial não registra. Eram dois meninos brincando, o menino de carne e osso e outro menino em forma de rio. Este rio, que não era o mesmo de 523 anos atrás, já brincou com muitos outros meninos e meninas no decorrer das vidas e gerações que ele teve. O rio que já banhou, alimentou, chorou e viveu junto com os povos que ali sempre viveram... o rio **Aracati Açú**, a grande avó dos bons ventos para o povo das águas de Moitas/CE.

Era uma criança que dançava na beira do rio, um menino de mais ou menos uns sete anos de idade, brincava com as suas amigas próximo à água e à rede. Ele brincava de jogar a rede e pegar a água, mas ela sempre escapava, num movimento circular de ascensão espiral que fazia crescer a energia naquele ponto e, dali, movia o rio, mas o rio já se movia, eram giros de giros, o menino e o rio. Os giros do rio movem a vida de todos da comunidade, ele alimenta de vida e encanto o povo. A criança jogava sua pequena rede de pesca para pescar água e, ao mesmo tempo, se jogava junto na água, caindo, sorrindo, aprendendo, gritando, gargalhando, brincando, agradecendo e se divertindo. Ela não estava só, o espírito das águas brincava com ela. Esta é uma imagem sem espaço-tempo, é assim que se cria memória ancestral do território com o povo, mais uma narrativa que a história oficial não registra, mais uma relação que a ciência ocidental não vê.

⁴² Retomada do encanto da vida feito a partir dos territórios sagrados indígenas.

O rio é um grande espírito *encantado*, *uma consciência coletiva ancestral*. Foi ali que senti a força de seu nome, **Aracati Açu**. É brincando na prática de viver e confluir com o rio que ele ensina as novas gerações a acessar as memórias *encantadas* ancestrais del e, assim, se conectar com as memórias ancestrais dos antigos que viveram ali. A linguagem ancestral do rio circula do *campo encantado* e salta na linguagem para a dimensão do *campo* cotidiana. O rio cultivava o menino. Naquele momento, presenciei-o pelo movimento, o rio **Aracari Açu** cultivando suas memórias ancestrais na memória do menino, é assim que passamos as narrativas para as próximas gerações pelos locais encantados. O povo que vive e se banha ali se conecta em rede pelo rio.

A força do local *encantado* ativa o *campo* da memória ancestral que move o *lugar de escolha* do povo, fazendo a conexão do povo com sua linguagem energia indígena através do lugar onde se vive. O rio encanta a vida daquele povo, encanta a vida daquele menino e encantou a minha, me apresentando e fazendo participar deste momento da história ancestral. A cena criou em mim saltos de pensamento e me deu acesso às memórias ancestrais de passagem pelo território de Moitas, me fizeram sentir a linguagem pela afinidade das percepções conectando-me ao território.

Senti, percebi, vi e acessei o *campo* do rio, onde muitas cenas lindas foram performadas, mas muitas violências também aconteceram. Muitos nascimentos aconteceram ali, mas muitas crianças indígenas também foram cruelmente assassinadas pelos colonizadores, pelo sistema colonial, pela colonialidade e seus vetores. O rio é local de passagem de forças, mudança e retomadas. Quantas mães e curumins tombaram nestes 523 anos de guerra? Quantos indígenas, filhos da Terra, o rio viu serem assassinados lutando ao seu lado pela Terra?

O rio me deu acesso a estas linguagens de vida e guerra, que são cruéis, mas necessárias para se entender o nosso lugar na Terra e nossa posição na luta. É por isso que não esquecemos de onde nós viemos, nossa memória é a memória da Terra, é isso que faz acordar nosso *lugar de escolha* na vida, na guerra, ao lado da Terra.

Naquele dia 27, no dia dos curumins, tive essa visão *encantada* de sabedoria e de força, mostrando que a guerra, infelizmente, continua, que a colonização não acabou, mas que continuamos *brotando* também, a partir do encantamento do rio, das dunas, das matas, do sol, da lua, da cachoeira, do mar, das estrelas, das serras, do ar, dos sonhos, nós sempre *brotamos*.

Aquela cena do menino e do rio brincando ativou em mim as percepções sobre a *informação* ancestral de *campo* da Terra que vive ali, os *campos* antigos dos povos e dos seres que viveram e vivem ali, a energia daquele povo respira, é viva. A linguagem ancestral de *campo* de Moitas/CE é encanto que se pode respirar. Estar em meio e mergulhado neste *campo*

e sentir sua linguagem é uma das práticas do método que estamos adotando. Estas experiências, vivências e evidências apontam para a ancestralidade dos nativos de Moitas/CE, mesmo que eles não anunciem sua condição de povo indígena de forma oficial, eles vivem pela linguagem de relação indígena com o território. Essa força e seus modos de relações com a Terra que seus ancestrais lhes ensinaram, em harmonia e em conexão é a prova de que aquele povo é indígena, existe uma retomada latente. Os nativos de Moitas/CE sabem ler a linguagem ancestral da Terra como seus ancestrais e, para mim, isso os torna um povo indígena. *O campo das retomadas* está aberto, quando ele vai colapsar e se oficializar, não sabemos, mas o movimento está acontecendo.

Se 5 ou 10 milhões foram assassinados nesses quinhentos anos de guerra de conquistas e colonização, hoje vivem mais de 1 milhão de pessoas ameríndias no Brasil, em mais de trezentos povos. Já passou do momento de pôr um fim no mito colonial do passado heroico, de encarar o que somos e imaginar um futuro mais justo e com respeito às diferenças (MILANEZ, 2021, p. 24)

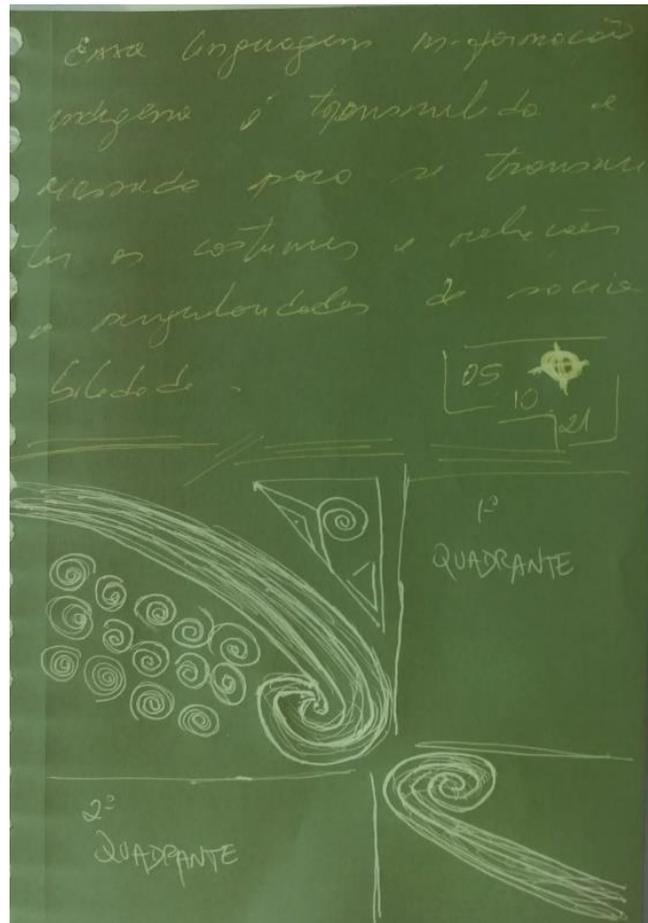
A afirmação de que já passou do momento de pôr um fim no mito colonial é também uma mentira, um mito, se colocada à parte do sistema de morte do capitalismo. Precisamos acabar com a perspectiva de que com este sistema podemos mudar a relação de sociabilidade das pessoas umas com as outras e com o planeta. Sustentabilidade no capitalismo não existe. O sistema de produção de morte capitalista não respeita as diferenças, a maneira de ver a vida e a Terra como um recurso, consumo, é nociva aos povos indígenas e ao planeta. Portanto, sem combater o capitalismo nunca vamos acabar com o mito colonial.

A outra observação que faço a citação acima é atentar para o uso do termo racista *ameríndio*, utilizado pelo autor. O racismo epistemológico está tão introjetado como algo *natural* que na própria escrita de um autor que se coloca ao lado dos indígenas, temos estes termos racistas. Este termo racista é tão difundido no meio acadêmico branco que chega a ponto de o autor não se perceber disto. A meu ver, ele se utiliza de um termo racista, pois o termo *ameríndio* não é um termo decolonial e muito menos homenageia nossos povos, pelo contrário, o termo faz menção a Américo Vespúcio, europeu invasor e inimigo dos indígenas e também, faz menção ao termo racista *índio*, que é um termo genérico que desclassifica toda a diferença dos povos indígenas.

Os invasores se utilizavam desde termo para desclassificar e sujeitar todas as diferenças indígenas ao controle da coroa e da igreja. Então, como vamos lutar por respeito às diferenças e contra o passado colonial se os brancos acadêmicos que estão *ao nosso lado* perpetuam termos

racistas como esse? Como um autor trata de um tema caro aos povos indígenas e comete, a meu ver, esse racismo epistemológico? Portanto, ao utilizar o termo *ameríndio* o autor comete racismo epistemológico, pois, ao classificar todos os pensamentos provindos dos diferentes mundos indígenas, como pensamento *ameríndio* ele desclassifica toda nossa singularidade e cria um pensamento genérico sobre nós. Mas, a meu ver, a resposta a este ato é imediata, ele só comete esse erro colonial por não sentir o racismo na pele. Por isso, mais uma vez reitero, este trabalho se propõe a ser referência para que possamos fazer as *retomadas* conceituais, a partir de nossos mundos, para começarmos a tomar conta dos nossos assuntos, nunca mais nenhum branco falando por nós. Nada de nós sem nós. Se os brancos querem nos ajudar, deveriam se utilizar de seus locais de privilégios para convidar as vozes indígenas a falarem por si mesma, e não escrever, nem ter palanque, nem ganhar mais nada às custas dos povos indígenas.

Figura 9 - Quadrantes de ascensão



Fonte: O autor

3.5 Zingar o zingado, fluir em outras dimensões: movimento de linguagens ancestrais

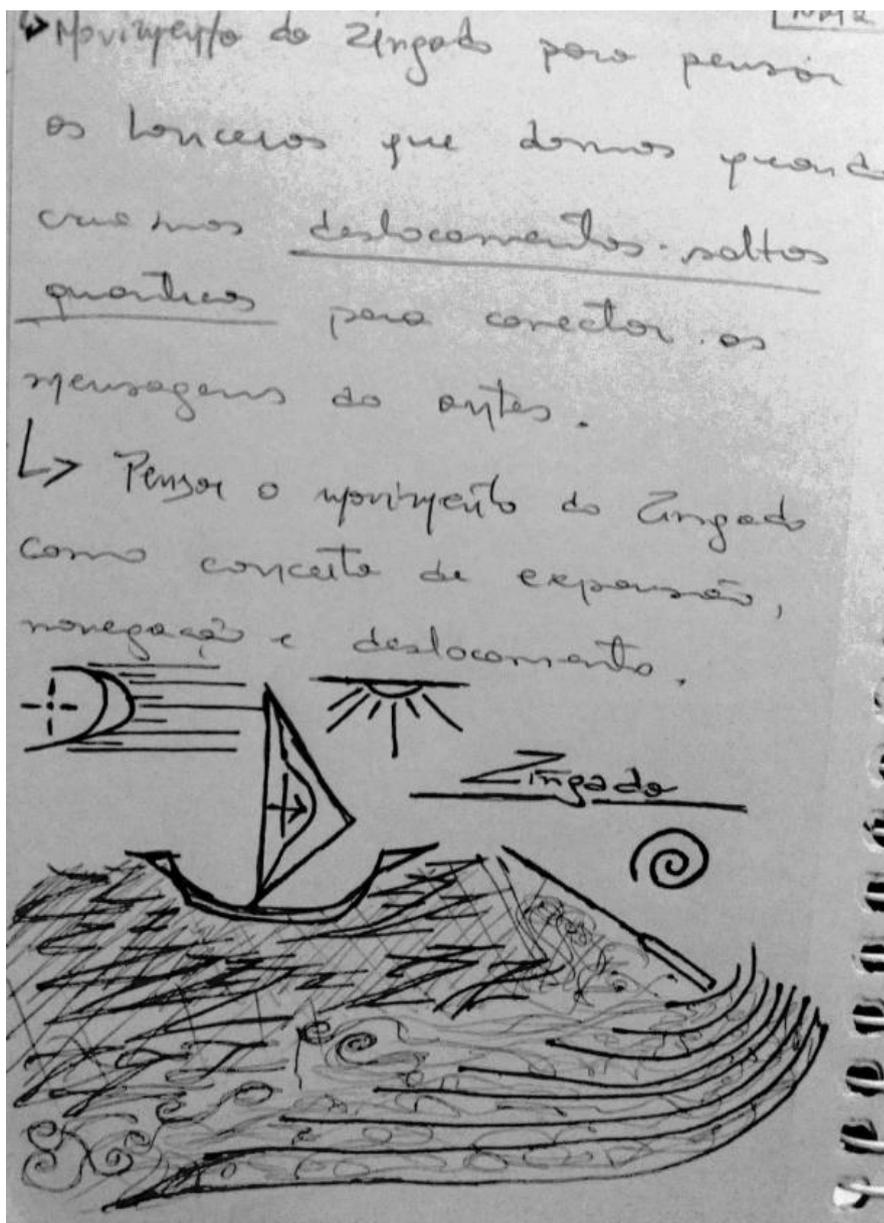
A terceira vinda a Moitas/CE foi de aprendizado de alguns conceitos das *ciências indígenas*. Um dos conceitos e práticas mais interessantes que me transpassou foi o de **Zingar**. A linguagem-conceito da prática do **zingar** e do **zingado** são movimentos que se fazem com a vida e na vida, é um conceito que se encarna no corpo, no *campo* e no cotidiano, tem uma técnica e uma ciência no fazer, no ensinar, no confluir e no viver junto com o movimento. Os povos indígenas são povos em movimento. O zingado que observei nos canoieiros de Moitas/CE é uma dança de linguagens antigas. A prática do movimento, diz **Edivaldo**, um pescador e canoieiro de Moitas, é feita e sentida no movimento e ritmo com o rio, o vento, o mar, o sol e a lua.

O sol dá calor ao movimento e o movimento esquenta no sol. Antes de se pegar na **zinga**⁴³, o canoeiro, ou zingador tem que estar conectado ao ritmo ancestral do território, para depois aprender a **zingar**. **Zingar** é um movimento que se aprende de criança e se faz junto à canoa, o zingado é um movimento de confluência com as águas, com o corpo, a canoa e o *campo* que compõe o ambiente visível e invisível do território. É uma atividade física e espiritual. O zingado compõe um movimento que se expande para além da sua função técnica, é um movimento relacional com o cotidiano. Alguns canoeiros me relataram que sonhavam zingando, como se estivessem navegando no sonho e estivessem sendo ensinados pelo rio a Zingar nos sonhos. O zingado é um sistema ancestral de orientação e de navegação no espaço-tempo do território. O movimento de zingar requer do zingador ritmo, força, memória, o ritmo do corpo em confluência com o ritmo das águas, com o ritmo do vento, formando um *campo* rítmico entre o rio, a canoa e o zingador. A força do zingador não vem da sua força física somente, mas da sua força que conflui com a energia do movimento e da memória rítmica que compõe a conexão. O corpo se torna *campo* com a canoa e o território, navegar é uma expressão de linguagem ancestral.

O zingado marca um movimento de espaço-tempo junto ao rio e ao vento, influenciando no ritmo do povo que vive ali. O espaço-tempo das águas tem outro ritmo, é um *campo* de experiências na ordem da ancestralidade. As embarcações levam e trazem, fazem as travessias no rio e atravessam as vidas das pessoas daquele povo, é um ciclo ascensional de vida. Navegar é atravessar vidas. O povo é levado sempre às outras margens, o povo está sempre em movimento, em mudança. As travessias são constantes diferenciais na relação de vida daquele povo que aprende a temporalidade-espacialidade do rio, do vento e do mar.

⁴³ Instrumento de madeira similar a um grande remo em formato de vara que fica na popa da embarcação.

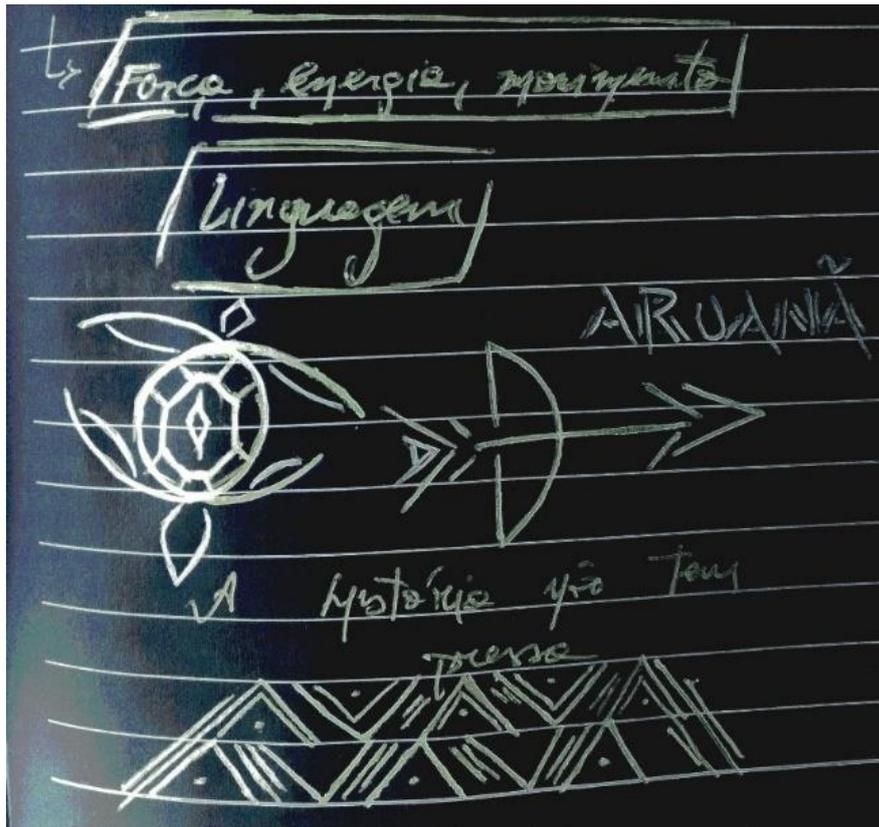
Figura 10 - Zingado



Fonte: O autor

O rio, a lagoa e o mar me acolheram lá em Moitas/CE, foi em suas águas que aprendi a nadar, uma experiência ancestral que temos com o líquido da vida, pois nascemos dele. A conexão com a água é um movimento de confiança e respeito, só se aprende a nadar quando se perde o medo de voar. Nadar é habitar por dentro outro reino, é ter respeito pelo ritmo das águas.

Figura 11 - Aruanã



Fonte: O autor

3.6 Quebrar a quarta parede: relações e perspectivas indígenas de sentir espaços-tempo

A terceira vinda a Moitas/CE foi bem significativa e sempre diferente das outras. Particpei de um ritual alimentar do povo, onde comemos aruanã. A ritualística desse alimento é que a aparição deste ser *encantado* celebra e indica as renovações na comunidade e que a pesca no ano será próspera. A situação acontece quando se joga a rede de pesca e a aruanã vem na rede, para o povo de Moitas ela é mandada pelos espíritos e encantos do mar como linguagem de prosperidade. A aruanã é a linguagem ancestral colapsada num alimento para o corpo e a alma do povo. O preparo não é só físico, mas também espiritual, é uma experiência de renovação, é uma comunicação direta do *campo* do território com o povo. São os ancestrais se comunicando, são os seres do mar falando, são os *campos de in-formação* antiga se apresentando. O animal de poder⁴⁴ daquele povo é o seu alimento, o aruanã. Ele não só alimenta,

⁴⁴ Animal de poder para alguns povos indígenas, é um animal que protege aquele povo ou clã, é o animal que traz e simboliza a força da prosperidade para aquele povo.

mas indica e cura as dores do corpo e do espírito. Comê-lo traz prosperidade e abundância, aumentando a saúde do povo, física e espiritual.

Ouvir **Dona Ica** falando é ouvir muitas outras vozes ancestrais, ela sempre fala no plural das experiências que ela viu, viveu e ouviu. A memória para ela é coletiva. As memórias coletivas ancestrais *brotam* da consciência dela. São *in-formações* que formam perspectivas de vida. Os caminhos da *retomada* sobre as linguagens energias ancestrais do povo de Moitas/CE se apresentam em possibilidades e perspectivas que apontam para o caminho da linguagem de cura *encantada*, dos sonhos e dos remédios do mato. O fluxo do caminho da cura que o *campo* está apresentando faz a vida confluir e abre portais de conhecimentos sobre essas linguagens. Este trabalho dissertativo está sendo um dos meus percursos de *retomada* e o *método* é a *retomada*. As *retomadas* não acontecem num sentido, mas em diferentes *campos*.

As narrativas de **Dona Ica** são trazidas e transpassadas pela memória ancestral e pela oralidade, criando força de mudança naqueles que ouvem, elas criam *singularizações cosmológicas* a partir da linguagem ancestral que ela traz. O movimento conceitual alienindi⁴⁵ pode ser usado nestas transpassagens linguísticas que vêm do *campo* ancestral da Terra para transconfigurarem na língua invasora o *código* ancestral de atavismo indígena⁴⁶. O alienindi como continuum cosmológico age junto à linguagem ancestral indígena, dotando-a de força e *singularidade* nas *retomadas*. A linguagem ancestral pela conexão singular do alienindi continua a ser transpassada, quebrando a re-coginição e o re-conhecimento, a linguagem ancestral age por *saltos linguísticos*.

Dona Ica conta que, certa vez, sua irmã estava doente, então ela, Dona Ica, vinha caminhando e pensando em como ajudar a irmã, indo em direção à casa dela. Numa dessas idas e vindas para ver como a irmã estava, ela vinha de cabeça baixa pedindo a Deus que arrumasse um jeito da irmã ficar boa, foi então que ela olhou para um canteiro na beira da estrada e avistou uma plantinha. Ela teve o *in-pulso* e a intuição de pegar aquela erva e fazer o chá das folhas, que deu para a irmã beber. Ela tomou e em pouco tempo ficou curada. O percurso de **Dona Ica** até a erva, como se deu? O vetor da cura foi eleito de que maneira? Como ela acessou a linguagem da ciência ancestral que aquela erva seria o disparador que modificaria a energia da doença para a dissipação, chegando até a cura? O caminho não foi percorrido, foram saltos de conexões que alcançaram o *campo* morfogenético ancestral do ambiente onde ela vive e seus

⁴⁵ Ver livro Alienindi – Os portais dos mundos.

⁴⁶ É um conceito que estou criando a partir do conceito de atavismo da biologia, porém estou fazendo um salto conceitual e ampliando sua perspectiva para pensar as retomadas indígenas como saltos de energia na linguagem que proporcionam as retomadas no campo da vida junto aos território dos indígenas.

ancestrais viveram; ela acessou por *saltos de linguagem* ancestral a *in-formação* que lhe levaria à cura da irmã. Os pensamentos e a intenção de cura conectam-se com a memória ancestral; o rezo, pedindo às forças ancestrais que lhe dessem acesso à ciência do mato; todas as conexões buscaram aquele que sabe se conectar, a Terra tudo dá. E **Dona Ica** se conectou.

Sugiro uma nova possibilidade. As regularidades da natureza não são impostas a ela desde um reino transcendente, mas evoluem dentro do universo. Aquilo que acontece depende daquilo que aconteceu antes. A memória é inerente à natureza. É transmitida por um processo chamado de ressonância mórfica, que atua em campos chamados de campos mórficos. (SHELDRAKE, 2013, p. 12)

Dona Ica mostrou que sabe ler a linguagem ancestral do *campo* e, a partir dela, buscar a cura material e espiritual para quem necessita. Um *in-pulso* junto com sua intuição conectou-se com o *campo* ancestral territorial fazendo com que ela *visse*, não só com os olhos do corpo, mas com os olhos do *campo*, da afinidade perceptual. O vetor de cura apareceu e fez com que ela sentisse as *in-formações* de que ele curaria sua irmã. Essa intuição e esse *in-pulso* não podem ser detectados pelos instrumentos modernos, nem pelas coordenadas do plano espaço-temporal da ciência moderna cronológica racional, ele é da ordem da *encantaria* e do mistério que rasga, salta e se move para além dos espaços-tempo. O *in-pulso* de intuição ancestral opera por saltos nos espaços-tempo entre passado-presente-futuro, conectando o aqui-agora, os antigos aos novos, numa rede de *encantaria* coletiva. “Somos os de ontem, mas somos novos”⁴⁷. O *In-pulso* é pulso de vida que pulsa com a Terra.

Na quarta passagem por Moitas/CE, senti muito o território, tive conversas com as dunas e com o vento, ouvi o vento que traz em suas falas o tempo do mistério, o tempo da *encantaria*. Foram as dunas e o vento em seu movimento que me ensinaram e me fizeram sentir o tempo sem tempo e entender os locais que não se replicam, o tempo do movimento, o tempo suficiente. O tempo da *encantaria* é o tempo do mistério, o tempo sem tempo, o tempo do movimento que só pode ser sentido em conexão com o território, ou seja, um espaço-tempo singular daquele território ancestral. As ciências indígenas habitam locais que não se replicam.

O conceito e a percepção de espaço-tempo para os modernos ocidentais vêm do renascimento e do iluminismo, que têm influência direta da Grécia. Para os antigos gregos, o tempo era percebido por, pelo menos, três vertentes. O conceito e a percepção de tempo eram separados da ideia de espaço, na figura de Krónos e Gaia na mitologia grega. O tempo Krónos

⁴⁷ Proverbio Zapatista.

é gerado pelo espaço Terra. Krónos⁴⁸, na mitologia grega, era o deus do tempo e funcionava como tempo em seu aspecto destrutivo, aquele que controla os destinos e a tudo devora. A perspectiva de cronos atualizada pelos modernos ocidentais a partir do iluminismo e da ciência ocidental é a que rege todas as relações das sociedades modernas. O conceito de entropia da física justifica o cronos como o tempo que passa e não volta, aquele que devora a vida. Uma segunda perspectiva de tempo que provém dos gregos é o Kairós⁴⁹, o momento oportuno, o tempo certo, certo. Uma última perspectiva de tempo também dos gregos é o Aion⁵⁰, o tempo cíclico, é o tempo ilimitado, uma perspectiva de tempo amplo, um tempo relativo.

Estas perspectivas de tempo vindas da Grécia foram sendo atualizadas pelas filosofias ocidentais a partir do renascimento e posteriormente ao iluminismo e foram sendo implantadas como formas modernas de uso e sociabilidade do tempo social. Utilizando estas perspectivas de tempo e espaço, os ocidentais criaram formas de pensar e de controlar a vida em sociedade, assim a padronização na percepção do tempo e do espaço passam pelo controle social, psíquico, relacional e dimensional. A partir disso, vai se consolidando e condicionando *os códigos-fontes* dos mundos modernos. Desse modo, outras perspectivas de espaço-tempo não são consideradas.

As perspectivas de relação dimensional de espaço-tempo dos mundos indígenas são diferentes das perspectivas dos mundos *modernos* e ocidentais. Assim, aqui se abrem questionamentos importantes para se pensar as relações e dimensões da linguagem e da história, como disciplinas, a partir das percepções e relações diferenciais dos espaços-tempo de cada mundo. As perspectivas de espaços-tempo que senti e percebi em Moitas/CE, especificamente quando fui ensinado pela linguagem do território pelas dunas e pelos ventos, foram perspectivas novas e diferentes. A percepção de afinidade que senti com as dunas e com o vento em Moitas/CE são percepções de vida, de tempo e de ritmos das dunas móveis.

As dunas se movem em conexão com o vento. Como o espaço-tempo se mexe nesse movimento da Terra? Como o espaço-tempo se modifica ali? Que tipo de linguagem é criada e transpassada ali naquele território? O espaço-tempo junto com as areias e o vento correm para onde? Que *experiências coletivas* são narradas a partir dos ventos de Moitas? Ali, na manifestação do tempo do movimento, do tempo da *encantaria*, percebemos de maneira

⁴⁸ Na mitologia grega, Krónos é o deus do tempo e sua narrativa ficou conhecida por devorar seus filhos. Retirado do site: <https://mitologiagrega.net.br/cronos-e-kairos-personificacoes-do-tempo/>

⁴⁹ Deus do tempo oportuno na mitologia grega. Retirado do site: <https://mitologiagrega.net.br/cronos-e-kairos-personificacoes-do-tempo/>

⁵⁰ Levi, Doró. "Aion". In: *Hesperia*, 1944; 13 (4)

explícita no sentimento, no *campo* e no cotidiano que não podemos cravar e dizer que o espaço-tempo realmente passa. Ali percebemos que o tempo se movimenta, mas para onde? Para o passado, para o futuro, no presente? Ele segue um fluxo cronológico? Sua linguagem conflui apenas num sentido e direção? Ali está explícito que os espaços-tempo se movem juntos, mas também é explícito que não conseguimos controlá-los e que os espaços-tempo do mundo moderno não são naturais, são convencionais. As experiências espaços-temporais dos territórios indígenas confluem com a conexão, com a linguagem, vida e ritmo do território. O vento e as areias movem o espaço-tempo de Moitas/CE, num ritmo singular.

Figura 12 - O Rosto da Serpente



Fonte: O autor

O tempo sem tempo, ou seja, uma perspectiva não cronológica, não convencional do tempo, que existe nas dunas e nos ventos de Moitas/CE me mostrou que essas percepções e ensinamentos sobre o tempo compõem o espaço da *encantaria*, o espaço-tempo daqueles povos

que viviam e vivem ali. A força do mistério, da *encantaria*, o tempo do mistério, daquilo que não pode ser explicado pelo Ego racional ocidental moderno, pois só pode ser sentido pelas linguagens de afeto com o *campo* ancestral da Terra, linguagens estas que os povos indígenas vivem em suas *experiências coletivas* com o território todo dia. A *encantaria* tem linguagens que saltam, linguagens que estão aqui e ali, que funcionam no aqui-agora e que não pertencem só ao fluxo do espaço-tempo cronológico. As *linguagens encantadas* indígenas flutuam por dimensões de espaços-tempo dos territórios sagrados e encarnam no modo de viver de cada povo. As linguagens ancestrais se modificam de acordo com seu meio de transmissão e não estão subordinadas a um único espaço-tempo, elas fluem por eles, saltando e acontecendo no tempo suficiente das *retomadas* indígenas.

Aprendi sobre o tempo sem tempo com as dunas e as baixas, lagoas que se formam com as chuvas e com o movimento das dunas, as baixas geralmente aparecem entre as dunas, criam vida, felicidade, acolhimento, compartilham a energia do local e, no seu tempo certo, somem. As baixas ganham energia e aparecem, perdem energia e somem. As baixas são locais encantados que abrigam portais para outros mundos e seres. Foi numa das baixas de Moitas que aprendi com um encantado de lá o caminho para seu reino. Num dia, quando fui às 4 horas da manhã tomar banho numa baixa próximo à minha casa, em um dos mergulhos, totalmente nu, quando abri os olhos dentro d'água vi a enorme cabeça da serpente que está desenhada acima no texto. Essa serpente se comunicou comigo me falando que naquele momento os portais dos mundos ainda estavam abertos e que eu estava contemplando a oportunidade de vê-la. Ela também me falou que seu reino estava embaixo das dunas e do rio Aracati Açú e que ela se estendia por todo o território, que ela era uma protetora ancestral daquelas bandas. Foi aí que entendi e senti a grandeza do rio e daquele espírito *encantado* que se confundia com o local encantado. Quando voltei do fundo da baixa já tinha amanhecido, parecia que eu passei horas na presença do espírito da gigantesca cobra, mas não tive nenhum problema de respiração. Senti o tempo sem tempo e a força da presença e da linguagem da consciência coletiva que vive ali, senti o respeito por tudo que está ali, senti uma conexão com a Terra e o território, fui mais uma vez retomado pela força dos nossos povos. E é por estas linguagens e experiências que sempre estamos em conexão com a memória ancestral dos nossos antigos e dos espíritos. Os espíritos estão sempre nos lembrando de onde viemos e quem somos.

As temporalidades-espacialidade das relações indígenas com a vida, eu chamo de *singularização cosmológica*, encarnada no conceito de *alienindi*, que flui como uma linguagem-força de energia e *campo* ancestral. O **Alienindi** é um conceito de *singularização cosmológica* que atua no cotidiano, apresentando as diferenças cosmológicas de cada mundo,

apresentando as diferentes fontes de acesso das *experiências coletivas* dos diferentes povos, ele atua nas diferentes cosmovisões, ativando as *retomadas* no *campo* conceitual através das perspectivas de linguagens do *campo* ancestral de cada povo. Aqui pensamos o **Alienindi** como *singularização cosmológica* a partir da linguagem no *campo* ancestral. Ele é uma *constante cosmológica* que pode ser alterada e atualizada para pensar outras faces e interfaces dos mundos indígenas na *guerra dos mundos*, dependendo da necessidade de conexão e ação. Essa *singularização cosmológica* das linguagens apresenta *singularidades* que são percebidas pelas memórias ancestrais do território e daqueles que são seus filhos, ela se afiniza com a linguagem ancestral dos sonhos e se efetiva na oralidade cotidiana, que é transpassada de geração para geração e conflui colapsando na maneira do povo viver, retomando nossos jeitos.

O território *encantado* é vivo, ele não só abriga seres de todos os povos, como o próprio território respira e age. Os moradores de Moitas/CE contam que muitas luzes eram vistas nas margens do rio Aracati Açu, mas com a chegada do progresso e do turismo de massa esses acontecimentos perderam a frequência. Já discutimos isso anteriormente. A força da energia *encantada* acontece quando os que vivem ali estão em *sincronicidade* com o *campo* ancestral do território. Quando o território é invadido, o *campo* ancestral da *encantaria* também é invadido. As energias violentas de invasão, da guerra, avançam pelo *campo* e matam a Terra pelo lucro, os ritmos do *campo* ancestral de *in-formação* e força modificam-se. Assim, aos poucos aquele local vai perdendo a força de encanto neste plano de ação, mas nos planos de força ancestral seus *horizontes de eventos* continuam a ser *encantados*.

Os *horizontes de eventos* de cada povo é o *olho d'água*, a *fonte* de *in-formação* ancestral do ritmo daquele povo durante toda sua existência nesse e em outros planos. É a estes *horizontes de eventos* que os seres *encantados* e os troncos velhos vão se conectar e buscar as *in-formações* que serão transpassadas como *linguagens do campo ancestral* pela memória, pelos sonhos, pela *encantaria* e pela oralidade para o bem viver do povo. O **alienindi** é esta *constante cosmológica* (Λ^{51}) de *singularização* que conecta saltos de acontecimentos e age na linguagem a partir da perspectiva dos multiversos indígenas.

O **alieníndi** é um conceito diferencial que rompe com a referência da linguagem ocidental, ele singulariza as linguagens, amplia o *campo* e apresenta a linguagem não apenas como uma característica universal do *humano*, mas por uma perspectiva cósmica, cosmológica e energética de ação dos povos, seja ele humano ou não. Quando esse *campo* ancestral da memória territorial de *in-formação encantada* é invadido por outros fluxos de espaço-tempo e

⁵¹ Lambda.

pelo *campo* das energias da mercadoria e da doença, o *campo* ancestral muda, fica doente e os mundos entram em *guerra cosmológica*. A Terra entra em colapso.

O *campo encantado* torna-se acesso e formador de *retomadas*, uma fonte, um olho d'água, uma localidade dimensional conceitual que não pode ser destruída, um local que não se replica, é lá que a linguagem ancestral do *campo* antigo se manifesta antes de ser colapsada na memória, nos sonhos e na oralidade e agir no cotidiano do povo. A alma indígena conecta-se com a Terra e o atavismo indígena manifesta-se. A força da *encantaria* se manifesta para aqueles que estão em percepção de afinidade com o território e a vida. Dessa conexão, nascem algumas funções *cosmológicas* de cada povo, como a função de pajé, piaga e tronco velho. **O tronco velho não é aquele que, necessariamente, é velho, mas aquele que se conecta com a velha sabedoria da Terra.** O povo é *campo singular coletivo*, que se conecta entre si e com o território, as memórias são compartilhadas e a memória ancestral traz fluxos de espaço-tempo antigo daquele povo fazendo *brotar* as *retomadas*. Agindo através dessas linguagens que não atuam somente na língua, mas para além dela. Qual é a linguagem que conecta e retoma esse *campo* encantado ancestral?

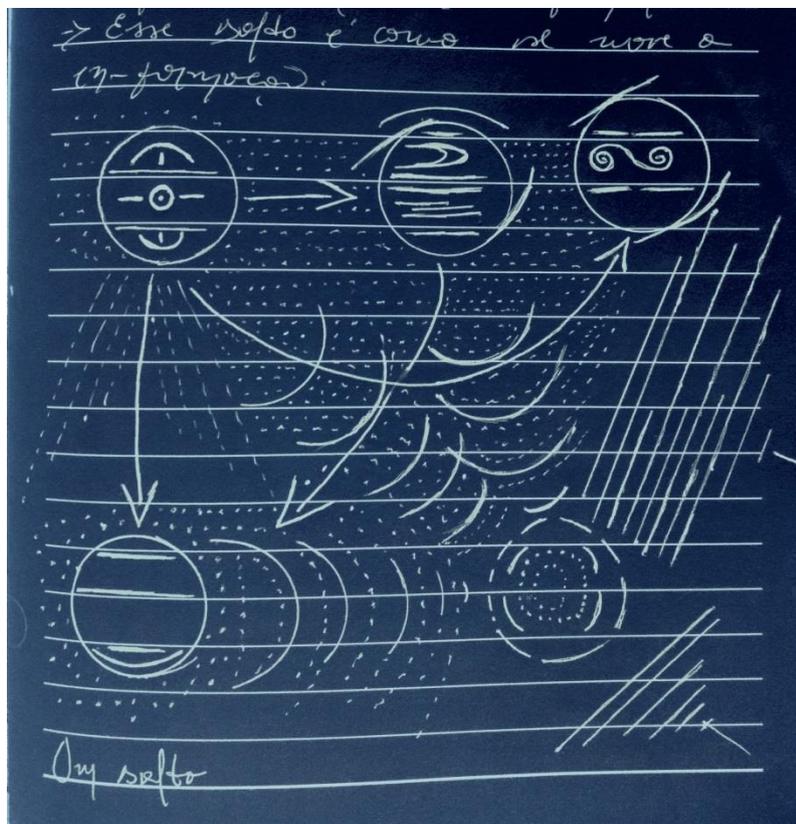
A vida, em seus fluxos e linguagens que atravessam e povoam os acontecimentos criando possibilidades de ensino e aprendizado, nos faz perceber que seu tecido age como uma pele que fica arrepiada ao menor estímulo e sensação. A *singularidade*, em condição de passagem, compõe *experiências coletivas* em que estão *emaranhadas* atividades coletivas de troca, percepção, afinidade, energia e *in-formação*. A atividade coletiva de expressão e *experiência singular* tem energia de *campo* cósmico, *campo* ancestral de manifestação. A entropia das atividades coletivas impulsiona os sentimentos num ritmo com a vida, mas elas não seguem só esse único fluxo.

As palavras vestem bem os sentimentos? O sentimento, a afinidade com a Terra e a vida pode ser transmitida como energia, força em linguagem? Ontem, pedalando, senti o fluxo de espaço-tempo do vento, atualizando o percurso que não se trata de seguir rastros, temos que entrar no fluxo, o fluxo pode saltar, sem deixar rastros, mas ele deixa sensações espaço-temporais por onde podemos participar da navegação em saltos.

Ontem entrei no fluxo de espaço-tempo do vento, me tornei atividade coletiva com ele, o silêncio acompanhou-me, estávamos nos movendo em atividade coletiva, *eu*, o silêncio e o vento estávamos saltando, não era mais *eu*, mas, sim, *nós*. *O salto da linguagem* de experiência dentro do ritmo cria pontos de deslocamento de ativação em que o traço do meio não existe, são saltos. Navegar sem deixar rastros, só sentimentos. São conexões livres com *campos* de energia livre, a energia livre move o *campo* de ação das *in-formações*. *Os saltos da linguagem*

é o modo como se movem as *in-formações* entre mundos indígenas. *Saltos de linguagem* de energia livre indígena.

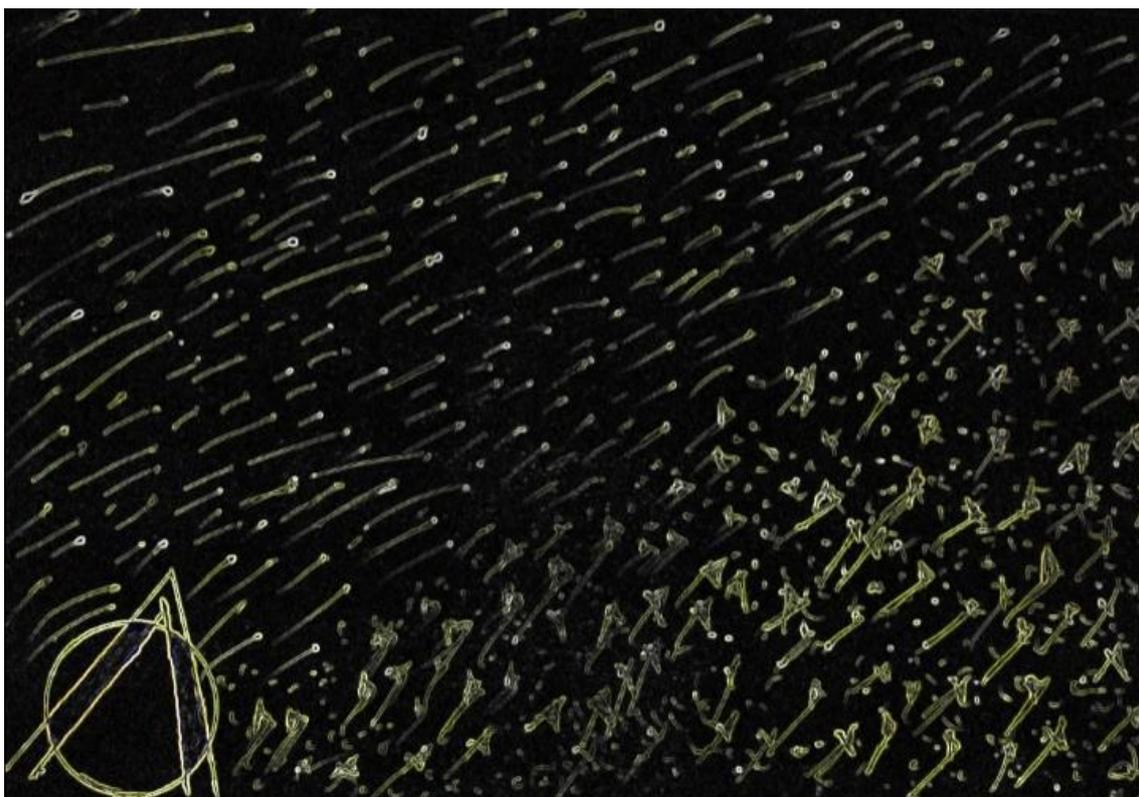
Figura 13 - Salto: movimento de in-formação



Fonte: O autor

O silêncio da noite fala pelo brilho das estrelas e traz todo o seu *encantamento*, quebra toda a noção de tempo linear. Ao olharmos para elas, estamos contemplando a beleza brilhante do passado, estamos no aqui-agora observando o passado de um fluxo de espaço-tempo cósmico, observamos no aqui-agora o passado de outros mundos. O silêncio e as estrelas estão no contra espaço-tempo do fluxo oficial de espaço-tempo do mundo moderno. Observamos e sentimos os *saltos de linguagem* do universo ao olhar as estrelas e o firmamento. No aqui-agora, estamos olhando para o passado-futuro, *o brilho misterioso do encanto* da referência, diferença e linguagem

Figura 14 - Salto de estrelas



Fonte: O autor

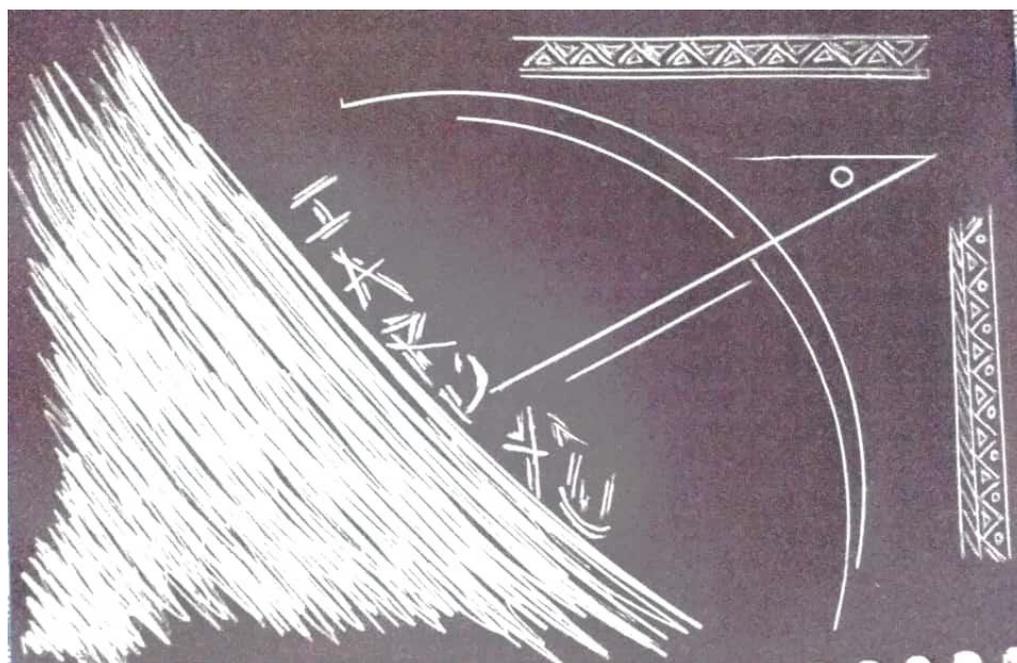
CONSIDERAÇÕES FINAIS – CAÇADOS COMO ONÇA: LINGUAGEM E CONSCIÊNCIA INDÍGENAS

Figura 15 - Onça Kanga'çu



Fonte: Eliana Tremembé

Figura 16 - Iaru Yê



Fonte: O autor

Configurações da linguagem

Ao final deste trabalho dissertativo, chamo minhas derradeiras palavras de configurações da linguagem, pois estou pensando e sentindo todos os caminhos e acontecimentos que me trouxeram até aqui como configurações, ou seja, a forma exterior de um corpo e este texto é a forma exterior dos corpos dessa pesquisa, dos percursos que aconteceram e das experiências que vivi, individual e coletivamente, assim como das pessoas com quem conversei e troquei pensamentos, afetos, emoções, energias e linguagens. Dar forma exterior a este campo de pesquisa, enquanto *campo* da linguagem, ou seja, uma grandeza física, espiritual, emocional, racional e coletiva, é muito complicado, pois as ciências modernas e suas maneiras de pesquisar não alcançam as ciências indígenas em seus métodos e pensar isto como configurações me abriu outras perspectivas para o pensamento. A pesquisa acadêmica ocidental é um local muito rígido para os povos indígenas, ela não foi feita para o encontro, diálogo e conexão com outras ciências e mundos, muito menos com as ciências e os mundos indígenas. Diante disto, a caminhada até aqui não foi fácil. A linguagem como acontece e configuro na pesquisa é pensada e sentida por saltos, momentos que se movem, como as areias das dunas e que ficaram registradas como palavras escritas aqui, mas que continua neste exato momento, mudando de *campo*, se movendo, ganhando e perdendo força, doando e se enchendo de energia, dando outros saltos linguísticos.

A pesquisa como entendemos não é *campo* separado da vida, não existem locais ideais onde se replicam os acontecimentos. A pesquisa é um fluxo, contínuo e descontínuo de movimento e entrega. A vida nos apresenta os mundos naturais que vivem em coletividade conosco, nossas ciências indígenas são pensamentos com a Terra e sabedorias ancestrais que foram e são configurados em nossas *experiências coletivas* com o território há milênios. Portanto, não concluo nada ao final deste trabalho, estou apenas configurando as *in-formações* dos *campos* das linguagens com as quais interagi e me envolvi durante o tempo estipulado para conclusão do trabalho. A partir do *campo* e do território de Moitas, juntamente com as *experiências coletivas* vivenciadas em coletivo com meu clã e minha família Tacariju, são essas as configurações que faço dessa linguagem. Assim, nasce o desfecho desse texto dissertativo trazendo toda a *singularidade* do meu pensamento e da *singularidade coletiva* do meu povo e dos povos com quem me relacionei.

Esta configuração da linguagem é, neste momento, o desfecho da pesquisa que, oficialmente, acabou. Mas como se trata de uma configuração, ela está sempre aberta para novos percursos e perspectivas que os *campos* de linguagem da Terra nos proporcionem. Esta

é mais uma característica da *cosmometodologia* das *retomadas*, os *campos* estão abertos e se conectam por saltos.

Os *campos* de *retomadas* estão abertos, como as veias abertas dos rios e dos caminhos pelas serras e ele pode ser configurado e configurar outras linguagens e modos de vida, a partir das *experiências coletivas* de cada povo. A ciência indígena nunca deixa de nos ensinar, não nos tornamos doutores e mestres e paramos de *pesquisar*, não somos unanimidades em nenhum assunto, pois sempre estamos aprendendo, pesquisar é estar no curso da vida e do aprendizado de seu povo com a Terra. Portanto, quero iniciar as configurações da linguagem nesse texto e demarcar a *singularidade* deste pensamento.

Iremos apresentar alguns dos pensamentos que, a meu ver, configuram a linguagem para nós, indígenas, a partir do que observei e senti nos *campos* de atividade da coletividade linguística entre o meu povo, o território, os encantados e todas as narrativas com as quais tive relação. Como já foi dito antes, penso a linguagem como energia de conexão e aproximação, como outros *campos*, que são criados pelas *in-formações* do cosmos que são percebidas pela conexão com a Terra. A depender da sua conexão, você vai erigir uma relação diferente com a Terra. Os *campos in-formacionais* da Terra são sentidos e colapsados pelas consciências coletivas dos povos indígenas e configurados em linguagens de *singularidades coletivas* em seus *horizontes de eventos* de relação com o planeta. Os *campos in-formacionais* se movem por *in-pulsos*, que agem como pulsos de energia, *códigos-fonte* de linguagem. E por estes *in-pulsos* é que acontecem os *saltos linguísticos* que, por sua vez, são conexões com diferentes *campos* de linguagem e energia da Terra. Estes *campos* de energia se manifestam como linguagem nos sonhos, nas narrativas orais, nas memórias ancestrais, nas encantarias, em suas sabedorias sobre a mata e sobre todas as ciências que nos atravessam. É assim que aprendemos, é assim que estudamos, é assim que configuramos a linguagem dos mundos que não está nos livros acadêmicos, é assim que permanece o *campo* afetivo coletivo de cada povo com o planeta.

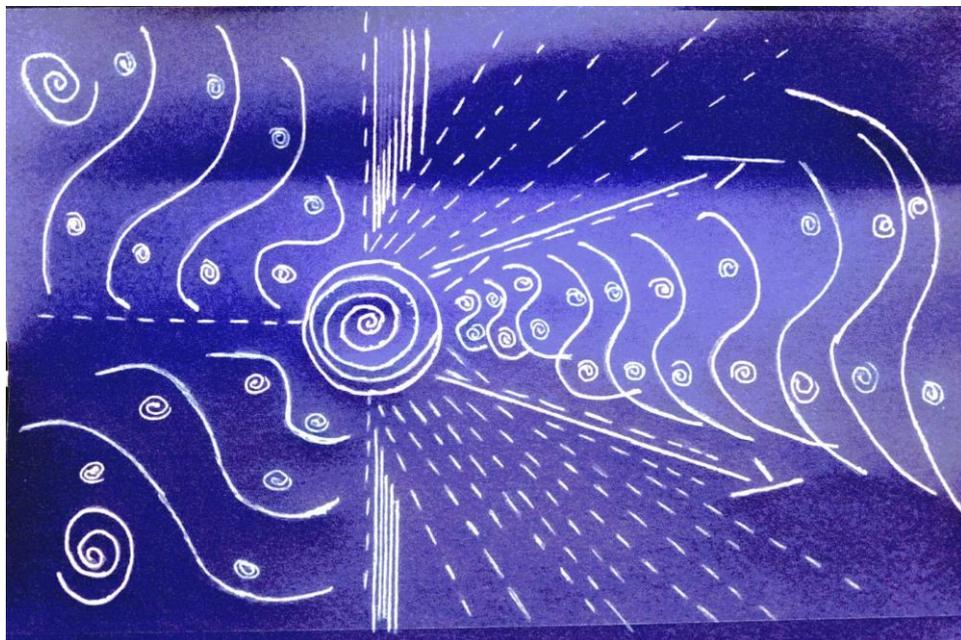
É este *campo* de linguagem que buscamos preservar e expandir. Quando nós, povos indígenas, lutamos pela demarcação das Terras, contra o garimpo, contra os empresários, contra o *Estado-Mercado*, não estamos lutando só pela terra física, pelo pedaço de chão, estamos lutando por todas as nossas conexões e *campos* de linguagem, pelo nosso jeito de fazer ciência. Portanto, este trabalho dissertativo propõe ser um avanço epistemológico no *front* da *guerra dos mundos*, é uma resistência coletiva indígena, que apresenta outras perspectivas de linguagem a partir de nossa ciência e do nosso pensamento que é sempre coletivo. Este trabalho é outra proposta de pensamento, ação e metodologia sobre a linguagem. Um *campo* linguístico

indígena, que propõe outras conexões com a vida e outros mundos, outras relações de sociabilidade e coletividade, conexões afetivas entre mundos.

Saltos de linguagem ou saltos conceituais: configurações conceituais de movimento na linguagem

Os saltos são movimentos que configuram as linguagens de *retomadas*, estas linguagens saltam de um espaço-tempo para outro e erigem conexões necessárias entre os planos de ontem e os do aqui-agora. As *singularidades* indígenas ganham força nas *retomadas* a cada salto, ganhando mais força e *in-pulso*, ampliando cada vez mais a energia e a linguagem do *campo* com a Terra. Na *guerra dos mundos*, os saltos de linguagens das *retomadas* são movimentos de resistência e guerrilha epistemológicas, bio-sociais e afetivas. Os saltos giram as conexões entre mundos retomando a força do encanto contra o desencantamento da Terra pelo do capital. Os saltos não acontecem só na linguagem, eles se configuram em seus diferentes *campos* de atuação e, na linguagem, estes saltos são as conexões dos mundos antigos com o cotidiano do aqui-agora. Assim, se retoma a linguagem ancestral e faz *brotar* um povo.

Figura 17 - O Salto

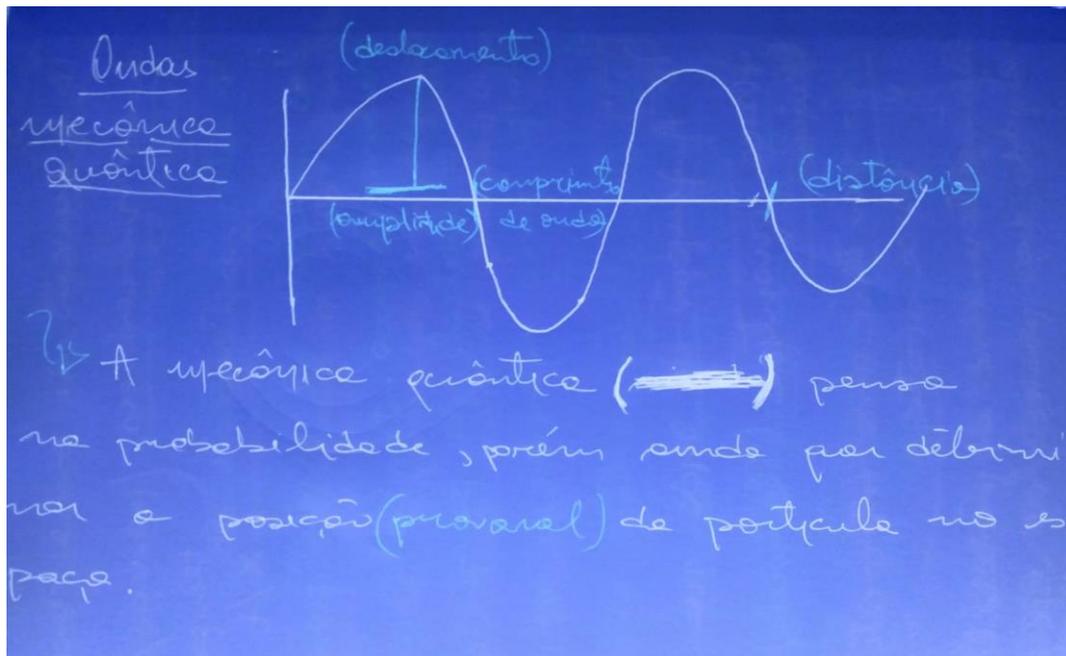


Fonte: O autor

A partir dos *saltos de linguagem* em qualquer espaço-tempo seria/será possível estabelecer uma conexão entre mundos. Os saltos de linguagem são pontos de imersão entre os espaços-tempo que podem ser localizáveis quando se navega pela memória, pela oralidade e

pelos sonhos e quando nos encontramos com as encantarias. Estes locais não se replicam, são energias de vórtex que, a partir dos seus giros, saltam. Os giros são alimentados pelas atividades e conexões com o território. Cada giro e salto traz um paradigma diferente de ensinamento e aprendizagem e isto tem a assinatura singular de cada povo e território. A todo instante o povo aprende com a Terra. O movimento do manejo dessa energia ascensional é ciência indígena. São giros de giros, salto de saltos, *campo* de *campos*, *singularidades* de povo.

Figura 18 - Gráfico de uma função de onda



Fonte: O autor

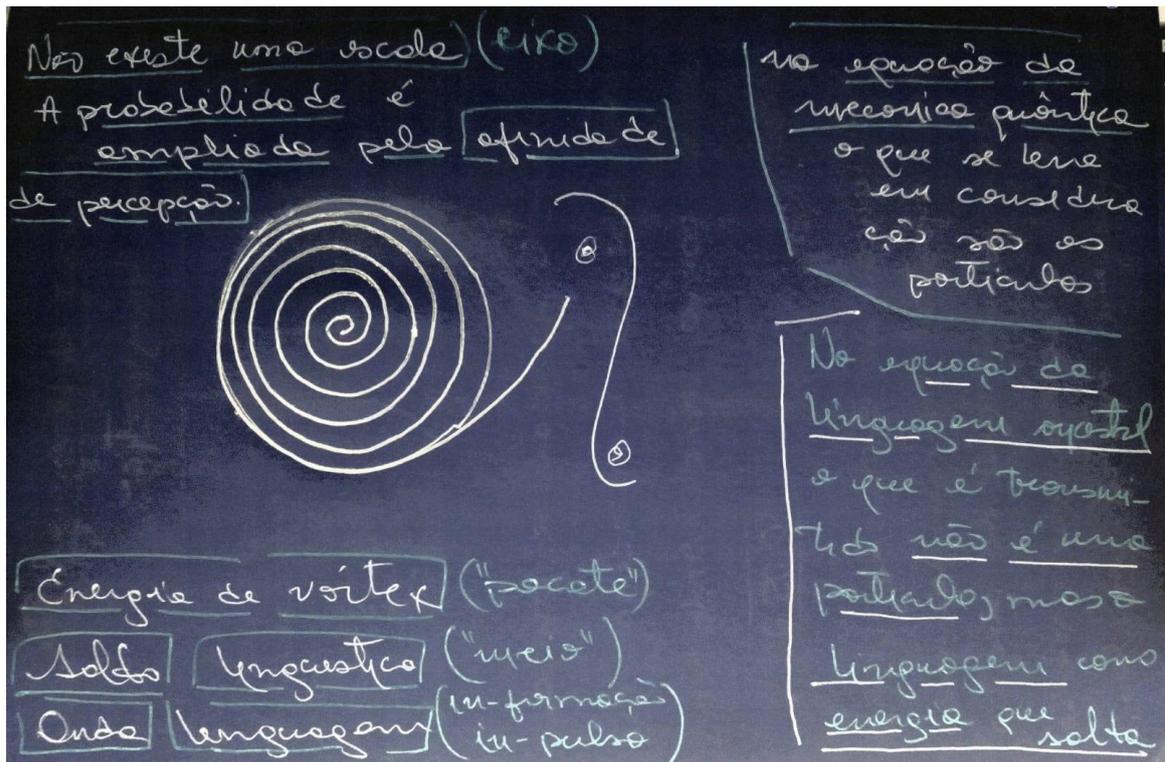
Se pensarmos a linguagem como ondas de localização mecânica no espaço-tempo e em como ela age e é percebida no campo social podemos criar um gráfico onde a linguagem em suas coordenadas prevê a probabilidade de localização e movimento (observar o gráfico acima). Determinando o sentido e o movimento da linguagem como universal, podemos controlar e colonizar os povos a partir dela. Uma função de onda tem duas variáveis, posição e tempo, a equação que descreve o gráfico busca controlar a posição e o tempo para entender e determinar o movimento. Posicionando a linguagem num único espaço-tempo e determinando que este conjunto aja como sociabilidade genérica podemos produzir um conceito artificial de povo. Assim, podemos propor, se quisermos, uma equação e um gráfico probabilístico a partir desta linguagem. Enquanto posição e tempo, esta linguagem tem um deslocamento, uma amplitude, um comprimento, um comportamento e um alcance, ou seja, um sentido de propagação. Podemos entender e manejar, probabilisticamente, seu movimento. Aplicando esta

perspectiva de linguagem e de controle através dela. Quando pensamos a linguagem como onda mecânica podemos criar uma escala, um gráfico, suas variáveis ainda obedecem a uma essência. A linguagem pensada e sentida como saltos não funciona por escala, ela não se move por eixos, ela não tem uma única essência, ela possui mundos.

Os saltos acontecem por concentração e perda de energia, não existe um gráfico de deslocamento, pois quando se salta não se deixa rastro, por isso é possível se saltar para qualquer espaço-tempo de ação e experiência, pois não se obedece a um eixo de espaço nem de tempo. Os saltos transpassam as convenções de passado-presente-futuro, os saltos não respeitam o eixo tempo cronológico da história oficial, a partir dos saltos podemos ter conexões com os antigos e os espíritos ancestrais *encantados* e retomar nossas narrativas de povos indígenas. Assim, vamos escrevendo nossa história por nós mesmos e colocando em xeque as narrativas coloniais que se tornaram oficiais pela força do *Estado-Mercado*.

Nossos ouvidos e percepções não são treinadas só para perceber o que os sentidos físicos e o cérebro possibilitam, nossas percepções também funcionam por afinidades, percepção de afinidades energéticas invisíveis aos olhos físicos e imperceptíveis à razão dura e cartesiana. A linguagem ancestral é composta por *campos* e saltos que são colapsados no entendimento e na prática. É no colapso dos saltos entre os mundos que acontecem as conexões e é no colapso a maneira que compreendemos a linguagem dos *saltos linguísticos*. O salto acontece na organização da *in-formação* do *campo*. O *salto linguístico* é um movimento sem meio, é um mistério na ciência encantada indígena.

Figura 19 - Estética do salto

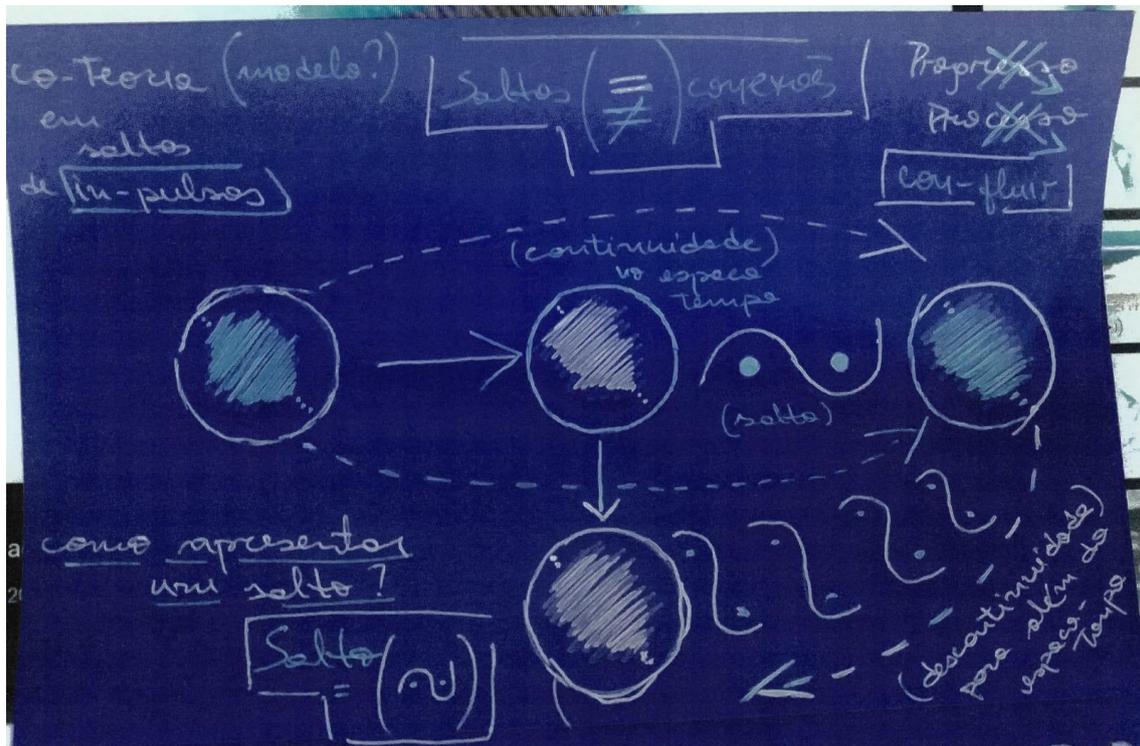


Fonte: O autor

O tecido espaço-temporal de uma *singularidade* a cada giro e salto compõem *campos*, esses *campos* funcionam por energias de giro. Os *campos* de giro são flutuantes e circulam como energia de linguagem pela atmosfera do cotidiano de um povo em seu território. Os povos indígenas trocam energia com outros *campos* do território e com outros seres e povos, essa é a linguagem que nos conecta à Terra e ela se move por saltos. Assim, a capacidade de alcance da linguagem não se limita só ao entendimento humano, por isso nossos povos se conectam com outros seres e povos do planeta. A linguagem acontece e não está subordinada às maquinarias conscienciais do cérebro, a consciência para nossos povos é coletiva, nós a vivenciamos de forma singular, mas ela está conectada às redes de consciência do planeta. Os povos indígenas se conectam e utilizam a linguagem pela consciência livre, inclusive livre do cérebro. Ou seja, vida e morte para nós, indígenas, é perspectiva, não é finalidade e nem é universalidade. Vida e morte para os povos indígenas são giros de energia, que compõem os ciclos da existência, existem diferentes perspectivas de sentir e pensar essa energia de giro que salta. Vida e morte, consciência e linguagem são perspectivas e saltos de mudança energética na linguagem.

Os mundos nascem, são criados e propõem suas experiências com a realidade da vigília e a do sonho. A vida e a da morte são conexões com outros mundos e é por essa linguagem ancestral que nos conectamos por saltos.

Figura 20 - Cartografia do salto



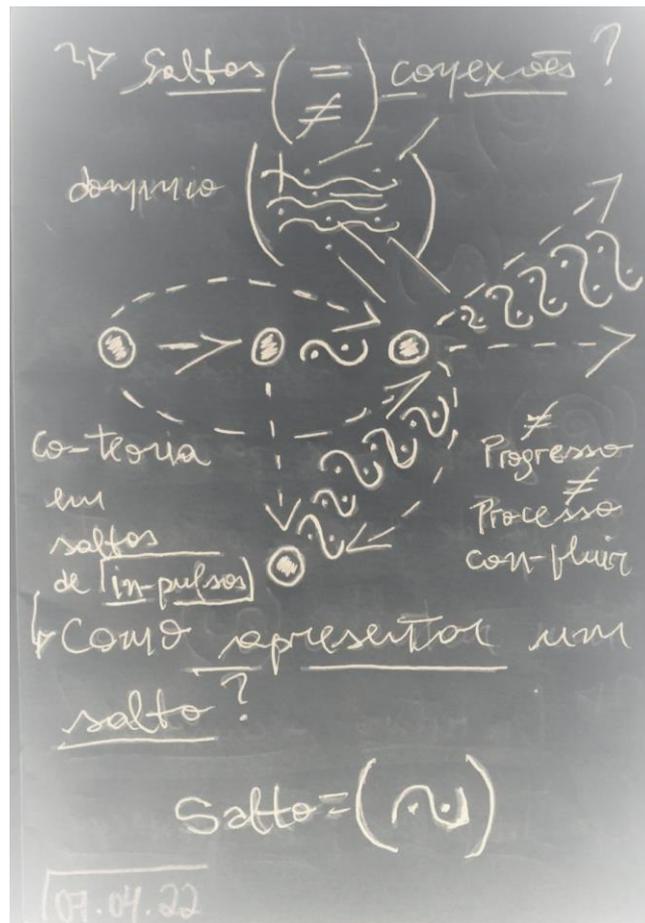
Fonte: O autor.

A linguagem é transpassada por *campos* e colapsada em entendimento e modo de vida. Não escutam só com o ouvido e não entendemos só com o cérebro. É no colapso do entendimento ocidental que a linguagem ancestral tem vida, é onde acontece o *salto linguístico*. O colapso acontece no limite dos mundos. A oralidade é *campo* de energia onde os *saltos linguísticos* acontecem juntos na memória e na ancestralidade, todos falam, vivos e mortos, espíritos e encantados, a oralidade é conexão entre mundos pela linguagem. Os grafismos indígenas, por exemplo, são escritos que não têm sons, eles se propagam no mundo dos espíritos, são forças gravitacionais da linguagem ancestral que atuam na consciência, são chaves de acesso a outros mundos. Os grafismos de nossos povos desenhados em nossos corpos invocam as linguagens ancestrais que vibram junto aos *campos* do território, eles também são usados para nos locomover e nos proteger no mundo dos espíritos. Os grafismos indígenas abrem nossas intuições e são linguagens de conexão com os ancestrais, os espíritos. Os grafismos são recebidos pelos sonhos e na vigília a partir de *in-pulsos* de intuição na observação do próprio território, como também podem ser ensinados no encontro com os *encantados*. A oralidade, assim como os grafismos, é movimentada por saltos, onde as palavras na língua invasora não funcionam só como palavras vazias e signos que representam, a oralidade utilizada

por nós, indígenas, atua como energia nos *campos* ancestrais que faz *brotar* um povo. Os *saltos linguísticos* giram entre os espaços-tempo, criando aberturas de duração como relâmpagos, que cortam o fluxo linear e se manifestam no cotidiano em outros espaços-tempo. É como um relâmpago num sonho que acorda o nome do povo e se manifesta em *retomada* no cotidiano de um povo. É um relâmpago que brilha num tempo e se manifesta em outro.

O *in-pulso* do *salto linguístico* não é um processo, como já foi dito, o salto não corre apenas para o futuro, ele salta para um *campo* e este *campo* pode estar em qualquer espaço-tempo daquele povo e território. O *salto linguístico* é retrocausal, a linguagem ancestral tem essa função linguística, a de retomar os mundos, é uma função (força) retrocausal, cosmoperceptiva. A linguagem ancestral e seus saltos possibilitam a função linguística das *retomadas* indígenas. O manejo da linguagem feita pelos povos indígenas é composto por *campos* e saltos em que os povos se conectam com os antigos.

Figura 21 - Configurações do salto



Fonte: O autor

Função linguística: $f \rightarrow (x)$ da linguagem ancestral

A língua e a linguagem podem não só ter seu uso (função) diferente da norma padrão estabelecida, mas também ter sua função (Força) de atuação atravessada por movimentos de diferentes naturezas. O *in-pulso* é o agente que impõe força ao ritmo do *campo* dos giros livres nos *saltos linguísticos*, isso afeta e causa deformações no *campo* das diferentes funções da norma fixa pela qual a língua e a linguagem ocidentais são orientadas. Assim, dentro do signo de uma língua e da perspectiva de uma linguagem, nós, indígenas, podemos imprimir a força e a energia cosmológica de cada povo e mudar o movimento e seu entendimento, força e realização, alcançando conexão com outros mundos linguísticos. O sistema conceitual que pensa a linguagem a partir das ciências ocidentais considera a linguagem atuante apenas por funções de serventia e isto, por convenção, é tomado como única regra possível para pensarmos a linguagem apenas por variantes.

A linguagem pensada e vivida, como força linguística na natureza, tem função não de serventia, de uso, mas de movimento diferencial de mundos, assim a linguagem sendo sentida e pensada por outras forças de *campo* altera seu entendimento e muda sua atividade nos mundos. As linguagens ancestrais dos mundos indígenas são essas forças linguísticas que se movem de maneira diferente nos *campos* da linguagem, proporcionando uma resistência indígena na *guerra dos mundos*. A força linguística ancestral indígena retoma *campos* conceituais de ação, como por exemplo, aqui estamos propondo conceitualmente outro modelo de perceber, movimentar e se relacionar com a linguagem. Uma *experiência coletiva* de diferentes forças e naturezas linguísticas não são variações de um único modo de uso, são diferentes naturezas linguísticas sentidas a partir das diferentes forças dos *campos* de cada povo. Isso é o que invoca as *retomadas* indígenas. Os mundos em guerra estão em disputa de forças e os *campos* relacionais da linguagem são locais de disputa na *guerra dos mundos*.

O ocidente chama de signo a combinação do conceito e da imagem acústica, respectivamente modificam-se os termos em significado e significante, eles diferem entre si e da totalidade do signo, portanto o laço que une significado e significante é arbitrário, assim como o conceito de signo é. O significante representa uma extensão, ou seja, um corpo, essa extensão é mensurável numa dimensão temporal que se entende como de único sentido, dando a impressão de desenvolvimento numa linha do tempo. Assim, um povo que passa pela experiência linguística colonizatória, segundo algumas perspectivas linguísticas ocidentais de linguagem, tem pouquíssima oportunidade, dentro da língua invasora, de criar rupturas e ruídos singulares e, no caso dos povos indígenas, não poderiam fazer *brotar* suas *retomadas* ancestrais. O tempo linear é o senhor na noção de língua ocidental, a língua para os ocidentais está inserida no tempo e muda de acordo com ele e vai modificando o espaço, eis o princípio de continuidade. “Fora do tempo, a realidade linguística não é completa e nenhuma conclusão se faz possível” (SAUSSURE, 2008, p. 92)

O princípio da continuidade opera no conceito de língua e linguagem do pensamento ocidental, esta maneira de pensar anula ou impossibilita a conexão entre mundos, subordinando o signo a uma temporalidade e espacialidade cronológica-progressista-linear. Os *saltos linguísticos* se relacionam por conexão, por fendas. Assim, o signo no pensamento indígena sobre a linguagem existe em outros espaços-tempo e ocupam outros lugares e funções, ampliando as realidades nas quais agem, o movimento é de giro e salto.

Continuidade ≠ saltos linguísticos; tempo linear ≠ conexões.

A linguística ocidental em sua estrutura como ciência funciona em pelo menos dois eixos: simultaneidade e sucessões. Esse sistema de coordenadas tem um espaço-tempo fixo e

linear. A linguagem a partir do movimento indígena de força e pensamento se move por saltos e conexões, não possuem eixos, movem-se por *campos de afinidades*, saltam por planos e horizontes, concebidas pela troca de energia existente na relação. A linguagem ancestral indígena circula em giros, vórtices, é o que alguns cientistas ocidentais chamam de energia escalar. Essa energia de giro ascensional é de conhecimento dos povos indígenas e eles utilizam sua força para abrir portais e conectar os mundos.

O que implica dizer isto? Implica dizer que a linguagem como alguns povos a entendem e manejam não é só evolutiva, mas pode ser ascensional, ela não se manifesta apenas pela linha do tempo, mas pode ser manejada por saltos. Como a linguagem é entendida e sentida como *campo* multidimensional não limitamos a ela apenas expressão física da realidade nem à manifestação humana da linguagem. Existem diferentes mundos indígenas que vivem no planeta e se conectam por interfaces de giros diferentes. O bloco pensamento e som é superado como única conexão na linguagem, o mundo dos espíritos é explícito para os povos indígenas e sua linguagem também. Assim, pensamento e som no mundo dos espíritos não são percebidos por órgãos sensoriais, o cérebro físico só recebe uma vaga impressão do que acontece em outros mundos, mas a consciência participa da *experiência coletiva* de outros planos de ação e com outros seres vivos.

A partir deste sistema de orientação, podemos pensar numa função linguística da linguagem ancestral, que consiste numa equação erigida apenas para ilustrar por outra linguagem, a linguagem matemática, as grandezas físicas, emocionais, mentais e espirituais que compõem a equação dos *saltos de linguagem* indígena. A linguagem ancestral indígena é envolvimento, é ascensão, não é desenvolvimento e evolução. Existem outros caminhos para se manejar a língua e a linguagem e vivê-la.

No f de (x) da linguagem ancestral a *ling* (linguagem) se move por giros ascensionais e *saltos linguísticos*. Onde a *in-formação* é uma formação que parte de dentro (indi) e esse dentro tem conexão com a Terra e os ancestrais. O *in-pulso* é um pulso de dentro (indi) e esse dentro é o território e a memória do povo. O *salto linguístico* na equação da linguagem ancestral propõe uma descontinuidade em relação ao método científico ocidental. Um salto consciencial. A função da linguagem ancestral propõe *saltos linguísticos*, *in-pulsos* e saltos de *in-formação* na linguagem e na consciência.

Linguagem - ☯ - Consciência

Os *saltos linguísticos* são contínuos e descontínuos dependendo da sua afinidade, o sistema de orientação da linguagem pela linearidade não é posto como oposto dos saltos, é apenas uma diferença. A cada giro (☯) de ascensão, ou seja, na perda, no ganho e na

equivalência das forças, os saltos acontecem. E quem *in-pulsiona* esse giro (a energia de ponto zero) é a Terra.

Figura 22 - Equação imprecisa do salto linguístico

$$\begin{aligned}
 f(x) &= \left(\frac{\text{ling}}{\text{asc}} \right) \approx \left(\frac{\text{ling... ? consc...}}{\frac{1u-fol}{1u-pul}} \right) \\
 &= \left(\frac{1u}{\text{ling}} \right) \approx \text{lim... ? ling...} \\
 &\boxed{\text{função de vórtex}} \left(\odot \right)
 \end{aligned}$$

Fonte: O autor

Figura 23 - Escala imprecisa do salto

Salto (⊙)

Giro ascensional (⊙)

força momento

domínio (território)

ling → linguagem ancestral

asc → linguagem

cons → consciência

(⊙) → Salto linguístico diferencial

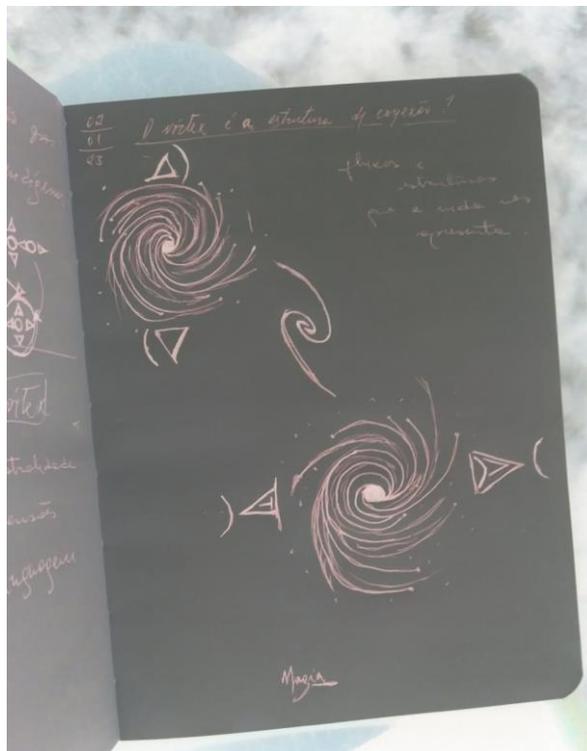
Fonte: O autor

A função da linguagem ancestral descreve e apresenta os saltos, ela não controla o movimento. Portanto, esta equação não apresenta nenhum aspecto universal, pois se trata de conexões entre mundos e como eu as percebi no *campo de experiência coletiva* com que tive em contato. A equação contribui para a iniciação no pensamento que maneja de forma coletiva a linguagem. Criar uma função linguística para a linguagem ancestral é usar a linguagem matemática para ajudar a compreender os movimentos da linguagem e da consciência dos povos indígenas em relação com a vida e ao planeta.

A cultura não é o único meio social e temporal de conexão entre os seres e a linguagem, não é *código-fonte* só dos humanos. A função da linguagem ancestral apresenta um sistema linguístico de energia que se manifesta no cotidiano de cada povo. A função da linguagem ancestral é o *limite (lim)* dos mundos, pois não podemos determinar para onde a linguagem ancestral irá dar o próximo salto, quem determina isso são as afinidades dos povos com o território e com sua ancestralidade. Quando dois mundos se encontram, eles se emaranham, existe uma energia de acoplamento, as energias se anulam no acoplamento, então elas giram e saltam.

Função de onda \neq Função de giro (vórtice)

Figura 24 - Giro ascensional



Fonte: O autor

O *campo* de guerra conceitual em torno da linguagem na *guerra dos mundos* atravessa os *campos* das narrativas e da história como disciplina, ampliando a possibilidade de reescrita de alguns espaços-tempo do passado, do presente e do futuro. Este trabalho se torna importante, pois ele representa este salto na pesquisa da linguagem e para nós, povos indígenas, é fluxo de contra-colonialidade dentro e fora da academia. É uma contra-narrativa colonial, que traz a perspectiva de pensamento indígena sobre a linguagem. Ao narrar nossas próprias histórias, podemos firmar com mais força as *retomadas* e fazer *brotar* mais e mais povos indígenas pelo planeta, essas são as atualizações das experiências de resistência colonial contra o capital.

Ser alien na língua do estrangeiro é uma das táticas de guerrilha dos povos indígenas em suas expressões nas linguagens e línguas do *Estado-Mercado*. O movimento alienindi no *campo* cosmológico de guerra na linguagem é *in-pulso* indígena contra a linguagem colonial. Assim, se ganha força de *retomada* dentro da língua invasora e outras características são ampliadas e lidas como linguagens singulares de um povo. A linguagem ancestral indígena se manifesta e desperta os povos, ela é o oitavo passageiro dentro-fora da linguagem do *Estado-Mercado*. E, a partir desta subversão, os povos indígenas fazem *brotar* mundos de afeto e envolvimento com o planeta, na luta contra o capital, invocando nas *retomadas* suas contra-narrativas anticoloniais.

O Alienindi

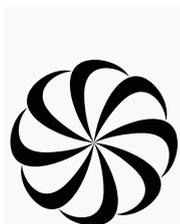


Figura 25 – Firmando um ponto de energia



Fonte: O autor

REFERÊNCIAS

ARRUTI, J. M. A. Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional. **Revista Estudos Históricos**, v. 8, n. 15, p. 57-94, 1995.

BRIGE, M. F. **Votán-Zapata. A marcha indígena e a sublevação temporária /**

Marco F.; Brige, Massimo Di Felice; prefácio por Cristóbal Muñoz; tradução Célia Barbasa. – 1. ed. -- São Paulo: Xamã, 2002.

CHAPARRO, Y. L.; MACIEL, J. C. **Como dois rios que caminham ao contrário: um ensaio reflexivo com os Guarani sobre o desenvolvimento.** Editora Terra sem Amos: Brasil, 2020.

CLARE, N. A. V. Ensino de língua portuguesa: uma visão histórica. **Idioma**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 7-24, 2003.

CONCEIÇÃO, R. I. S. **A língua portuguesa no Brasil: a construção de um semióforo.** In: Anais I SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa FFLCH/USP, 2008.

SAUSSURE, F de. **Curso de linguística geral.** Editora Cultrix, 2008.

GARCIA, E. F. O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional. **Tempo**, v. 12, p. 23-38, 2007.

GOSWAMI, A. **O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material.** 4. ed. São Paulo: Goya, 2021.

JECUPÉ, K. W. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio.** 2ª ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

JUNG, C. G. **Sincronicidade.** 13 edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

LANA, F. A.; LANA, L. G. **Antes o mundo não existia: Mitologia Desana-Kèhíripõã.** Umusí Pãrõkumu (Firmino Arantes Lana), Toramu Kehiri (Luiz Gomes Lana); ilustrações Toramu Kehiri. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Dantes Ed., 2019.

LASLO, E. **A ciência e o campo Akáshico: uma teoria integral de tudo.** São Paulo: Cultrix, 2008.

LASLO, E. **A plenitude do cosmos: a revolução Akasha na ciência e na consciência humana.** São Paulo: Cultrix, 2018.

LUCIANO, G. dos S. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. **A vida não é útil.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **Paisagens, territórios e pressão colonial**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 327- 343, jul./dez. 2015b

MARCOS, S. **A quarta guerra mundial e outros escritos**. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2021.

MARCOS, S. **As sete peças soltas do quebra-cabeça mundial – o neoliberalismo como um quebra-cabeça: a inútil unidade mundial que fragmenta e destrói nações**. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2020.

MILANEZ, F. **Guerras da conquista: da invasão dos portugueses até os dias de hoje**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2021.

MOREIRA, A. **A língua portuguesa**. Palestra efetuada ao Curso de Defesa Nacional, no IDN, no dia 14 de fevereiro de 2012. Nação e Defesa, 2012, N.º 132 – 5.ª Série pp. 231-237.

MORITU, C. T. **História da introdução da escrita entre o povo A’uwe Uptabi (Xavante Autêntico)**. 2022. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguístico, Goiânia, 2022.

NOVAES, A. (Org). **A outra margem do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PALITOT, E. P. (Org.). **Na Mata do Sabiá: Contribuições sobre a presença indígena no Ceará**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2009

PESCA, Adriana Barbosa; DE OLIVEIRA FERNANDES, Alexandre; KAYAPÓ, Edson. Por uma escrita indígena: meu ser, minha voz, minha autoria. **Revista Pindorama**, v. 11, n. 1, p. 187-201, 2020.

QUEIROZ, E. W. **Levantamento linguístico na Terra Indígena de Mangueirinha/PR a partir da perspectiva Kaingang: um trabalho em co-labor**. 2020. 124 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2022.

REINAGA, F. **O pensamento índio contra a colonialidade: textos escolhidos de Fausto Reinaga**. Parnaíba/PI: Fundacion Amaútica Fausto Reinaga (Bolívia), Editora Terra sem Amos, 2020.

RIBEIRO, S. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, J. C. B. A “normalização” da língua no Brasil. In: Comunidades e indivíduos bilingües. **Actas do I Simposio Internacional sobre o Bilingüismo**: Universidade de Vigo, Galicia-Spain, 21-25 outubro-october 1997. Servizo de Publicacións, 2003. p. 929-941.

RODRIGUES, da R. M. E. **Português Tapuia: um signo de resistência indígena. Sociolinguística: os Olhares do Sul na Desestabilização dos Modelos Herdados**. **Revista Porto das Letras**, Vol. 04, N° 01. 2018.

SANTOS, M. A. dos. **Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SHELDRAKE, R. **Uma nova ciência da vida**. São Paulo: Editora Cultrix, 2014.

SILVA, I. B. P. da. **Vila de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

SMITH, L. T. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

TAKARIJU, F. C. I. Y. **Alienindi: os portais dos mundos**. Ponta Grossa: UEPG-PROEX, 2021.

TAPIRAPÉ, G. I. **Takãra: [manuscrito]: Centro Epistemológico e Sistema de Comunicação Cósmica para a Vitalidade Cultural do Mundo Apyãwa**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2020.

WATTS-POWLESS, V. (2017). Lugar-pensamento indígena e a agência de humanos e não-humanos (a primeira mulher e a mulher-céu embarcam numa turnê pelo mundo europeu!). **Espaço Ameríndio**, vol. 11, n° 1, Porto Alegre, pp. 250-272, jan/jun.

GLOSSÁRIO CONCEITUAL

A emergência deste glossário foi para o entendimento e a familiarização do leitor com os termos e conceitos que criei e proponho de novo neste trabalho dissertativo.

Brotar/ Brolhar	O conceito de brotamento / brolhar é um conceito muito particular aos povos indígenas da região NE. Refere-se ao nascer e ao aparecer “sem causa”, “do nada”. Brotar / Brolhar é como me refiro à manifestação indígena de retomada principalmente no NE que ultrapassa espaço-tempo histórico e desmente a narrativa oficial histórica do Estado-Mercado sobre os povos indígenas na região Nordeste do Brasil. Quando um povo indígena brota, “do nada” ele não vem de “lugar nenhum”, ele vem do lugar de escolha ancestral e das conexões com seus antigos, com o território e o planeta. Quando digo “do nada” quero dizer que este conceito não respeita a cronologia imposta pelo Estado-Mercado para classificar os povos indígenas. É um conceito que quebra a narrativa colonial sobre nossos povos. Nós indígenas brotamos de outro tempo e espaço, trazemos nossas experiências coletivas em nossa memória ancestral, em nossa oralidade, em nossos sonhos e na encantaria, e isto não se mede pelo tempo imposto pelo capital.
Campo/ Cósmico	Campo Campo ou campo cósmico é uma denominação de como eu penso as perspectivas de atuação das linguagens indígenas. A referência para pensar esta teoria do campo é a de campo magnético, porém, articulo meu pensamento totalmente diferente da física. O campo como penso e utilizo opera a linguagem como força e energia. As linguagens indígenas em conexão com a Terra atuam por campos, campos de linguagem e energia, campos encantados, ou seja, campos que atravessam o visível e que retomam outras perspectivas de pensar a linguagem e a consciência. Pensar a linguagem como energia. Os campos formam planos que se conectam e é por onde ocorrem a comunicação entre mundos, por saltos e emaranhado de redes.
Ciência Indígena	O conceito de ciência indígena é uma denominação genérica que não condiz com toda a potencialidade de conhecimento, sentimento e conexão dos povos com a vida. A ciência indígena não é só uma gama de conhecimentos sobre as coisas, mas também uma gama de sentimento sobre vida, as “coisas” não estão destituídas de espírito e sentimento, portanto a ciência indígena trabalha por campos e em campos que a ciência ocidental não considera. A ciência indígena é uma gama de conhecimentos cósmicos que todos os povos têm e que são conhecimentos trazidos e conhecidos pela experiência coletiva de cada povo com o território, mas também com tudo aquilo que é invisível a material física. A ciência indígena é conhecimento e sentimento cósmico que conecta toda a rede cósmica dos pluriversos linguísticos que circulam por tudo que existe.
Código-fonte	É um conceito que se refere à formação ancestral de cada mundo indígena ou a produção de mundos artificiais de consumo, como no

capitalismo. Código-fonte é como eu chamo as configurações dos mundos. Estas configurações podem ser do tipo produção-consumo, do tipo afinidade-relação, do tipo dualista, plural e ter outras configurações que se fazem com os acontecimentos da vida. O código-fonte pode ser uma parte da formação de um mundo indígena, como pode ser à base para a criação de um mundo ocidental. O código-fonte é um código de conexão e configuração que “começa” uma relação, podendo ser parte dela e se modificar com os acontecimentos relacionais e pode se cristalizar e gerar atualizações de produção e consumo, como é feito no capitalismo. O código-fonte do capital tem como base o desejo de consumo e ele se atualiza e se diversifica em suas configurações de crise fragmentada e segmentada a partir de uma “novidade” que se torna produtividade. Os códigos-fontes que configuram os diferentes mundos indígenas tem sua relação atravessada pela conexão com o Planeta e com todos os seres, a relação não é de consumo nem de produtividade, a relação é de envolvimento e co-operação, onde a cada nova relação o código-fonte pode mudar, mas sua base de relação, que é a coletividade e a co-vivência com o planeta permanecem.

Consciências coletivas ancestrais

É como eu chamo os espíritos dos locais encantados. Na encantaria de cada povo temos algumas diferenças entre os espíritos, alguns são encantados que trabalham com a cura, outros com a força de proteção e outros com a assombração. Existem encantados que são conectados a um local encantado, que vivem ali, onde é seu lar e junto deles vivem outros encantados, seres e povos. Eles formam uma consciência coletiva ancestral do local, que reveste de força o local, assim como também transforma o local num portal dos mundos, onde dali se pode contemplar e acessar os mundos ancestrais. Existem encantados que eram em vida grandes sábios de um povo, que quando morreram, se encantaram e hoje vivem e protegem um determinado território e povo. Existem também os próprios locais encantados que são seres vivos ancestrais gigantescos, revestidos de um campo e força de conjunto, eles não são humanos, são outros seres que abrem portais para outros mundos, como um rio, uma praia, uma montanha, uma floresta, um lago, um olho d’água, um deserto, um mangue, uma duna etc. Portanto, chamo de consciências coletivas ancestrais esses encantados e esses locais encantados que são consciências coletivas que influenciam na vida espiritual, emocional de um povo.

Constante cosmológica (Λ)

O conceito de constante cosmológica foi utilizado pela primeira vez por Albert Einstein⁵² para definir na sua física que o universo seria estático e imutável. Porém, este conceito não será utilizado aqui com esta expressão. Utilizo o termo constante cosmológica para apresentar a constante expansão e mudança no fluxo da relação entre os povos indígenas e o cosmos. A constante que apresento é que um povo indígena por mais que passe por mudanças pela ação

⁵² Einstein, A. (1917). «Kosmologische Betrachtungen zur allgemeinen Relativitätstheorie». Berlin, DE. Sitzungsberichte der Königlich Preußischen Akademie der Wissenschaften. part 1: 142–152.

da colonização a sua relação cosmológica com a Terra ainda continua em conexão entre os seus indivíduos juntamente com seus ancestrais. Assim, constante cosmológica como utilizo aqui é a constante força da linguagem e da conexão que os povos indígenas têm com a Terra, a relação coletiva de cultivo de si e do planeta, confluindo na vida e em mais e mais vida. Portanto, a constante cosmológica é uma constante relacional, que muda, mas permanece. É como o ditado indígena tremembé, suassuamuçará: “o tempo grande acabou, mas tudo permanecerá”. Ou seja, a mudança vem, mas a conexão ancestral permanece e enquanto houver Terra, haverá povos indígenas.

**Cosmologia/
Cosmologia
indígena**

Entendo e penso cosmologia indígena como a percepção de mundo que atravessa todo o planeta em confluência com suas diferentes manifestações de experiências de vida, em seus incontáveis mundos, planos e dimensões. A cosmologia indígena não diz respeito só ao cosmos visível, mas também a todos os mundos encantados dos espíritos vegetais, minerais, animais e interestelares. O uso da palavra cosmologia aqui é feito apenas de forma didática e substitutiva para o melhor entendimento daquilo que está sendo proposto no trabalho pela comunidade acadêmica.

Cosmometodologia

é um termo criado a partir da observação do campo da pesquisa e a partir da necessidade imposta pelos moldes da academia que pedem uma metodologia destacada para fazer a pesquisa nos moldes da ciência ocidental. Observamos que as retomadas são cosmometodologias, o termo se refere a metodologias que tem sua matriz epistemológica e prática a partir das cosmopercepções indígenas. Portanto, cada povo e cada território indígena têm sua narrativa de método e seu caminho de experiência.

Cosmopercepção

O conceito de cosmopercepção é um conceito que visa fazer entender uma percepção para além daquilo que conseguimos atingir e captar com os sentidos do corpo físico. Uma cosmopercepção é uma percepção extrassensorial que se utiliza de outros códigos-fonte de captação da energia e da linguagem de conexão. A cosmopercepção é um método de percepção do campo cósmico, um campo que ativa a percepção por outros meios de sentir, e faz brotar outras possibilidades de linguagem e vida. A cosmopercepção está afinada com a Terra e o território. É a cosmopercepção que nos faz entender e sentir que estamos em rede com tudo que é vivo e se movimenta. A cosmopercepção amplia a percepção dos mundos e nos faz sentir e respeitar as diferentes singularidades de vida que existe na Terra.

Des-colonização

chamo de des-colonização o fluxo e acontecimentos a partir das retomadas, e me refiro mais especificamente ao Nordeste. As retomadas acontecendo também no campo conceitual e invadindo os espaços de debate acadêmico, retoma conceitos pensados e vividos pelos povos indígenas em relação com o território, isto retoma as narrativas históricas de cada povo e amplia a percepção da realidade aparente, tornando mais crítica e mais combativa. A des-colonização é um movimento conceitual de narrativas e desmistificação dos mitos e narrativas de colonização criadas pelos

invasores deslegitimando os indígenas e criando a imagem e o conceito de que o Brasil é um país pacificado, colonizado e que somos uma linda mistura de três raças. A des-colonização é um conceito que amplia a percepção crítica e desmascara o discurso e a narrativa de controle do Estado-Mercado. Este conceito nos serve como instrumento na guerra dos mundos para que possamos cultivar o pensamento crítico e a coletividade nos não-indígenas é a cerca da realidade que é a guerra dos mundos que nós indígenas e a Terra vivenciamos há 523 anos. O “des” de des-colonização faz menção a des-manchar o trabalho assassino da demanda daqueles que criaram sua história em cima do sangue dos nossos povos. É uma retomada conceitual

Desejo de consumo Este conceito refere-se ao desejo que fez os europeus invadirem os mundos indígenas e é o mesmo desejo que está destruindo o planeta. O desejo de consumo move uma energia de produção que alimenta o Estado-Mercado. Consumir é em escala global o que os Estados-Mercados fazem com o planeta. É o desejo que rege a sociabilidade das sociedades baseadas no capital. O consumismo planetário destrói os povos da floresta, dos rios, dos mares, das montanhas, é a invasão contínua, o desejo que “justifica” a guerra dos mundos. O planeta está sendo atacado neste exato momento, estamos em guerra. O desejo de consumo é o desejo de guerra de extermínio da vida. Então, desejo de consumo é o desejo de destruição do planeta encarnada na força motriz do capitalismo e executada pelo Estado-Mercado.

**Emaranhado/
Emaranhamento** O conceito de emaranhamento é como penso a rede que tece todo que é possível se conectar. Emaranhar como entendo não é estar confuso, mas sim, ter diferentes e incontáveis caminhos para seguir, criar caminhos, dar saltos e conectar com outros planos e mundos. Emaranhar é estar conectado com todas as redes, fios, frequências e dimensões da vida.

Encantaria Encantaria como vou tratar aqui são todas as experiências com outros planos e dimensões de vida que os povos indígenas e outros seres vivem uns com os outros no planeta Terra. Os encantados são espíritos ancestrais da Terra que interagem com nossos povos desde os tempos antigos e atravessam o plano da linguagem e do conhecimento. A Encantaria é mistério e força, é linguagem e conexão. O mundo dos espíritos é a conexão de sabedoria e ciência dos povos indígenas com o planeta. A encantaria é a força que transpassa e se conecta com os tempos mais antigos dos campos cosmológicos do Planeta e das galáxias. A encantaria é a força que in-pulsiona um povo, é o que co-manda, co-habita, conflui e traz a in-formação do que é ser um povo originário.

Estado-Mercado O conceito de Estado-Mercado eu pego como referência do livro *Alienindi: os portais dos mundos*, onde ele é amplamente discutido. Em resumo, a perspectiva de se pensar os dois termos formando uma só palavra é apresentar a partir do meu olhar, como indígena, a relação entre Estado e Mercado. Este conceito vem ampliar, a perspectiva de pensamento do nível de relação, entre consumo e destruição do Planeta, onde, todos os Estados contribuem para este

fim e se utilizam do Mercado como meio para criar diversas formas de continuar a consumir e a destruir o planeta, justificando isto como o argumento da evolução e do progresso. O Estado-Mercado não tem nacionalidade, não tem identidade, não tem humanidade, ele só busca o consumo, nele só tem guerra e destruição, em última instância, é o grande financiador e operador da guerra dos mundos. Ele é mediado pelo desejo de consumo que é o desejo que cria uma sociedade doente que está consumindo todo o planeta.

Experiências coletivas indígenas

É como me refiro ao que os ocidentais chamam de história, porém as experiências coletivas indígenas não se pautam por um método científico baseado apenas na razão, ou numa construção de narrativa cronológica linear. Não existe uma “pré-experiência coletiva” como existe uma “pré-história”. Ela leva em consideração suas manifestações coletivas e forma de narrar os acontecimentos dos diferentes mundos, seres e povos, assim como também o mundo dos espíritos. Portanto, o conceito de experiências coletivas indígenas não se restringe aos humanos, é um conceito que ultrapassa a compreensão de história ocidental e cria outros portais de sabedoria e conexão com outros mundos.

Guerra dos Mundos

dos O termo e o conceito eu trago como referência do livro *Alienindi: os portais dos mundos*, onde é abordado de forma mais ampla. Resumidamente, o conceito de guerra dos mundos é um conceito formulado a partir da percepção dos povos indígenas e mais particularmente do meu povo, da história da invasão e da relação entre colonização, Estado, Mercado e povos indígenas. A Guerra dos mundos refere-se ao estado constante de guerra que os povos indígenas enfrentam desde 1492 com a chegada dos invasores na figura de Cristóvão Colombo. Portanto, a guerra dos mundos para os povos indígenas aqui se configura em A.C (Antes de Colombo) e D.C (Depois de Colombo) como aponta *Linda Tuhuwai Smith* em seu livro *Descolonizando metodologias: pesquisas com povos indígenas*. A partir desde encontro mediado pela Guerra, os mundos indígenas e os mundos europeus estão em choques e atravessamentos desde a invasão. Portanto, aqui no Brasil, o ano é 2023 do calendário cristão, mas para nós indígenas, o calendário é o da Guerra de invasão e marca o ano de 523 D.C. (Depois de Colombo) Nossos povos já habitam estas terras por mais de 2 mil anos, mas em relação a guerra de extermínio, que é um evento de extermínio cosmológico imposto pelos mundos ocidentais aos povos indígenas, fazem 523 anos de guerra. Portanto, podemos perceber que a passagem do tempo e a mudança do espaço é diferente e tem como referência outra relação e perspectiva. A guerra dos mundos é um conceito que abrange não só a guerra física e literal, mas uma guerra conceitual, espaço-temporal, espiritual, científica, linguística e relacional.

Horizontes de eventos

de Este conceito eu busco referência no livro *Alienindi: os portais dos mundos*, onde desenvolvo melhor. Mas resumidamente, os horizontes de eventos são os planos de ação em que toda a informação e as singularidades acontecem, os horizontes de eventos circulam como o ar, eles são campos de ações conceituais e

espirituais que possibilitam os povos em suas ações de criação de narrativas e de mundos no cotidiano. Os portais dos mundos aparecem nos horizontes de eventos e assim, as retomadas têm a força para acontecer ou não. É um campo de preparação.

In-formação

é a conexão linguística entre o in-pulso e o momento do “aqui- agora” que cultiva o brotar dos povos. É com está in-formação, ou seja, com está conexão, para além do espaço-tempo, que os povos conseguem retomar seus jeitos, linguagens e posturas de povo originário. A In-formação é a formação “de dentro”, que vem a partir do pulsar da Terra, do território e da ancestralidade de um povo. A In-formação são as linguagens ancestrais se organizando em retomadas, é o movimento de formação que acontece no campo invisível de um povo que está buscando despertar seu nome, é o mistério da encantaria que in-forma um povo e acorda seu nome. A in-formação vem de fora do espaço-tempo, é uma linguagem que está diretamente ligada a encantaria.

In-pulso

Postulo este conceito a partir das experiências com as rezadeiras e as erveiras curandeiras dos povos indígenas, em especial com Dona Ica, matriarca indígena que reside em Moitas - CE. O conceito que se refere a um movimento “interno” de conexão entre povos indígenas e o território, fazendo brotar sabedoria, conhecimento, cura “de dentro” do território e cultivando as forças de retomada de um povo. Este conceito refere-se à conexão do povo com o território, é um conceito que usa a linguagem para atravessar os espaços-tempo e fazer brota a partir de saltos linguísticos as retomadas. O In-pulso é o código-fonte do pulso “de dentro” da Terra, que dá vida aos povos indígenas e traz conhecimento dos ancestrais.

Linguagem Consciência

e o conceito de consciência e linguagem que abordo aqui é uma conexão entre ambas. Consciência como entendo não está separado da linguagem e linguagem como entendo não está conectada só ao corpo e ao cérebro físico. Nossos povos têm inúmeras experiências com a consciência e a linguagem onde ambas interagem e se conectam para acessar outros planos de ação e força onde o corpo físico não alcança. Portanto, penso linguagem e consciência como forças de manifestação e de deslocamento entre mundos e planos de ação. Linguagem e consciência são energias de conexão e atuação, e cada povo manifesta essa energia em forma de linguagem e toma consciência disso a partir as experiências que tem com os diferentes campos, seres e espíritos do território, da terra e do cosmos. Compomos nossa consciência e linguagem a partir das interações com os seres e mundos encantados.

Linguagens coloniais

denomino de linguagens coloniais todas as linguagens que fazem referência e engrossam as fileiras da história oficial do Estado-Mercado. Toda a história dos colonizadores, sua educação que perpetua a informação e a narrativa colonial sem questionamentos e críticas, todos os monumentos elaborados e erguidos em homenagens aos assassinos coloniais como bandeirantes, militares e imperadores. Todas as escolas e locais públicos que fazem menção, referência e homenagem a esses genocidas, tudo isso faz

- parte das linguagens coloniais. Assim, como também as linguagens que são propagadas na ciência ocidental e na universidade sobre nossos povos, não só na disciplina da história, mas como na filosofia, nas ciências sociais, na linguística e em todas as áreas. Propagar energia colonial sobre os povos indígenas é propagam linguagens coloniais e isso, é ataque na guerra dos mundos.
- Lugar de escolha** Este conceito situa cada povo no ritmo do território e da Terra, e é uma das forças que fazem brotar as retomadas. O lugar de escolha de cada povo é acessado pela memória ancestral, pela oralidade e pela relação com as encantarias do território. O lugar de escolha é uma tomada de conexão com a singularidade ancestral que atravessa aquele povo, isto é, força e energia que amplia o campo coletivo de um povo. Assim, lugar de escolha é uma postura combativa na guerra dos mundos, é uma ascensão de retomada, um dos conectores do atavismo indígena. É afirmar-se indígena e retomar este lugar de escolha.
- Pluriversos linguísticos** Uso esse termo para apresentar e demarcar a diferença cosmológica entre os povos indígenas. Se os povos indígenas compõem mundo diferentes de povo para povo às linguagens desses mundos também são em sua relação diferencial. Assim, chamo de pluriversos linguísticos as diferenças de cosmo percepção no trato, no sentimento e na expressão com a linguagem e consciência entre os povos e a vida.
- Retomada** O conceito de retomada é um conceito muito importante para o desenrolar do trabalho, busco sua referência no livro *Alienindi: os portais dos mundos*, onde existe um capítulo dedicado ao conceito e as suas maneiras e formas de vivência. As retomadas são movimentos indígenas de contra-colonialidade, elas acontecem desde quando nós fomos invadidos e invalidados pelos europeus. A retomada pode ser utilizada para fazer a retomada no campo conceitual, utilizando este conceito para fazer conectar as sabedorias ancestrais ao povo que está no aqui-agora. E nesta pesquisa utilizo a retomada como metodologia de pesquisa para legitimar, apresentar e fazer manifestar os modos de vida indígena. As retomadas são o funcionamento da pesquisa no campo da relação com a linguagem, a Terra e o território. As retomadas como conceito, fazem brotar os campos espirituais, conceituais e físicos de um povo em seus diferentes acontecimentos com a vida e transformam isto em linguagem.
- Saltos Linguísticos/ Saltos de linguagem/ Saltos conceituais** O conceito de saltos linguísticos é um conceito que pensa os acontecimentos da linguagem e a linguagem também por saltos. A linguagem indígena acontece a partir de saltos em alguns momentos de sua manifestação como força contra-colonial. Saltos linguísticos conectam os espaços-tempo, a memória ancestral e os mundos indígenas. Os saltos conceituais são saltos de planos e mundos de conceitos que já existem e agora pela ótica de sentimento dos povos indígenas é atualizado e salta se diferenciando daquilo que era antes, mudando o movimento e a energia do conceito, servindo aos povos indígenas como arma na guerra conceitual dos mundos.

**Singularidade/
Singularidade
indígena**

a maneira como penso conceitualmente um povo e como me relaciono com o meu, a partir das referências singulares da ancestralidade que me atravessa. As diferenças entre os povos, marcam, apresentam e manifestam as singularidades diferenciais de cada povo. Uma singularidade indígena representa a si mesma, ela não é semelhante a nenhuma outra, ou seja, igual. A singularidade se apresenta como um modo diferente de existência, porém em conexão e rede com os demais códigos singulares de cada povo. Como indígena Tacariju e por entender que o conceito de identidade, forjado pelo pensamento ocidental, não alcança a singularidade do que é ser um povo originário, proponho, no meu texto, pensarmos as singularidades indígenas como fator didático de singularização e diferenciação de campo entre os diferentes mundos indígenas. Este conceito eu trago como referência do livro *Alienindi: os portais dos mundos*, onde ele é primeiramente discutido.

**Transpassagem
conceitual**

É um conceito que pode ser utilizado de várias formas, depende de quem está usando. A internalização dos códigos-fonte de outros mundos é uma transpassagem conceitual. A transpassagem conceitual também pode se configurar numa transpassagem relacional. Ela pode ser também a utilização e a perversão de conceitos e palavras de outros mundos, para desmentir narrativas coloniais e dar in-pulso as retomadas. Este trabalho é todo baseado nas transpassagens conceituais, pois ele se situa entre mundos na constante guerra conceitual dos mundos.

Zona Alien

refiro-me a esse conceito no livro *Alienindi: os portais dos mundos*. Resumidamente a zona *alien* é uma zona criada pela experiência colonizadora para fazer a separação conceitual, física e psicológica dos indivíduos que não fazem parte do padrão social que o império impõe. A Zona Alien é um campo de concentração da diferença e ao mesmo tempo um local de destruição física, psicológica, espiritual, linguística e conceitual dos povos invadidos pela experiência colonizatória. Como campo da diferença a Zona Alien pode explodir, criando inúmeras percepções acerca dos povos invadidos, mas também os povos que são colocados nessa zona alien podem saltar de lá e atravessar a barreira da história oficial e colonizadora. Este salto permite que estes povos que foram submetidos ao cárcere colonial narrem sua própria experiência. A Zona Alien é um campo de guerra na guerra dos mundos e quem cria esse campo é a sociabilidade e a experiência colonizatória.